CAIO FLORIANO DOS SANTOS

A ENCHENTE EM ITAJAÍ (SC):

RELATOS, PERCEPÇÕES E MEMÓRIAS

Vol. 1

FLORIANÓPOLIS - SC

2010

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
MESTRADO PROFISSIONAL EM PLANEJAMENTO TERRITORIAL E DESENVOLVIMENTO SOCIOAMBIENTAL

CAIO FLORIANO DOS SANTOS

A ENCHENTE EM ITAJAÍ (SC):

RELATOS, PERCEPÇÕES E MEMÓRIAS

Vol. 1

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Profª. Dra. Carmen Susana Tornquist

Co-orientadora: Profª. Dra. Maria Paula Casagrande Marimom

FLORIANÓPOLIS - SC

2010

S237e Santos, Caio Floriano dos
A enchente em Itajaí (SC) : relatos, percepções e memórias / Caio Floriano dos Santos – Florianópolis, 2010.
107 f. : il. ; 30 cm

Orientadora: Carmen Susana Tornquist
Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado De Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas d da Educação, Mestrado Profissional em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental, Florianópolis, 2010.

1. Enchentes – Itajaí (SC) – 2. Memórias – I. Tornquist, Carmen Susana. – II. Universidade do Estado De Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas d da Educação, Mestrado Profissional em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental – III. Título.

CDD: 627.4 – 20.ed.

CAIO FLORIANO DOS SANTOS

A ENCHENTE DE 2008 EM ITAJAÍ (SC):

RELATOS, PERCEPÇÕES E MEMÓRIAS

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre, no Mestrado Profissional em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Banca Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Carmen Susana Tornquist
Universidade do Estado de Santa Catarina

Orientadora: Profa. Dra. Maria Paula Casagrande Marimon
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro: Prof. Dr. Marcos Freire Montysuma
Universidade Federal de Santa Catarina

Membro: Prof. Dra. Isa de Oliveira Rocha
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro: Prof. Dr. Pedro Martins
Universidade do Estado de Santa Catarina

Florianópolis (SC), 31 de agosto de 2010.

Dedico este trabalho a todos os atingidos pela enchente do Vale do Itajaí e em especial, aos moradores do município de Itajaí.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de fazer um agradecimento especial aos meus pais, Pedro e Fernanda, por todo apoio dedicado durante esta caminhada. A compreensão desprendida durante os dias de mau-humor quando a escrita travava e o projeto parecia não caminhar. Meus mais sinceros agradecimentos! Não conseguiria vencer mais esta etapa sem vocês.

Às minhas duas irmãs (Lia e Elisa), que souberam os meus momentos de felicidade, tristeza e frustração e que tentaram, de alguma forma, me compreender e me aturar... sei que não foi nada fácil.

Um agradecimento super especial a minha orientadora Carmem Susana Tornquist (Susi), que teve um papel mais do que especial para que mais esta etapa da minha vida fosse vencida. Foi certamente uma troca das mais especiais que já vivenciei e que, certamente, me ajudou a crescer e deslumbrar novos horizontes. Qualquer palavra ou agradecimento seria pouco por tudo que você me ajudou. Sei que além de uma orientadora, saio deste processo com mais uma amiga.

À Professora Maria Paula, por ter aceitado me acompanhar nesta empreitada que foi longa e difícil, mas que certamente produziu frutos interessantes.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo geral: identificar e analisar quais são as percepções e representações das pessoas que viveram a enchente no município de Itajaí, como estas se expressam e convivem com este evento, pretendendo contribuir com a análise das enchentes e desastres no município de Itajaí. Para isto, foram feitas considerações acerca dos aspectos físicos e ambientais da região, considerando a literatura da área, bem como um levantamento das narrativas históricas produzidas sobre as enchentes e inundações, que fazem parte da história da região. Para a pesquisa foram utilizadas duas técnicas qualitativas: técnicas da observação participante e de entrevista aberta semi-estruturada. Na perspectiva da história oral, realizadas com quinze informantes chaves. Observa-se que a região do Vale do Itajaí é propícia a incidências de enchentes em virtude de suas características físicas e espaciais, aspectos que tem sido relatados e vivenciado ao longo da sua história; em que pese a recorrência destes eventos chama a atenção como os atingidos pela enchente de 2008 vem, através da sua experiência e criatividade, bem como de sua memória, criando soluções para se prevenirem de uma nova enchente, assumindo atribuições que caberiam, também, aos poderes públicos.

Palavras-chave: Enchentes. Memórias. Itajaí.

ABSTRACT

This general objective of this work is: to identify and analyze the perceptions and representations among the victims that experienced the flood in the town of Itajaí, how they express themselves in relation to this event and how they get along with it, aiming to contribute with the analysis of the floods and disasters that took place in Itajaí. Considerations were then made on physical and environmental aspects of the regions, taking into account the literature in the area, as well as historical narratives produced about the floods, which are part of the history of the region. The research used two qualitative techniques: participant observation and semi-structured interviews, with open-ended questions. From the oral history perspective, which included fifteen key informants, it was observed that the Vale do Itajaí region tends to witness the occurrence of floods due to its physical and spatial features, aspects which have been reported and experienced throughout its history; based on these recurrent events, attention is drawn to the victims of the 2008 flood, who have been creating solutions, based on their experience, creativity and memory, to avoid becoming victims of another flood, taking on responsibilities that belong to the public authorities.

Keywords: Floods. Memories. Itajaí.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 9

2 METODOLOGIA 15

3 CAPÍTULO 1: DESCRIÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO 22

3.1 DESCRIÇÃO GERAL DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO ITAJAÍ-AÇU 22
3.1.1 Descrição física 22
3.1.2 Ocupação do Vale do Itajaí 27
3.1.3 Descrição Socioeconômica 32
3.2 DESCRIÇÃO GERAL DO MUNICÍPIO DE ITAJAÍ 36
3.2.1 Descrição Física 36
3.2.2 Descrição Socioeconômica 39

4 CAPÍTULO 2: HISTÓRICO DAS ENCHENTES NO VALE DO ITAJAÍ 45

4.1 ENCHENTES NO VALE DO ITAJAÍ: OS PRIMEIROS RELATOS 47
4.2 AS ENCHENTES QUE MARCARAM O VALE DO ITAJAÍ 49
4.2.1 Enchente de 1855: a primeira *grande enchente* com registros 49
4.2.2 Enchente de 1880: A *Grande Enchente* da História do Vale do Itajaí 51
4.2.3 Enchente de 1911: outra *grande enchente* assola o Vale do Itajaí 52
4.2.4 1957: Quatro enchentes 54
4.2.5 1961: Pequena enchente e grandes prejuízos 54
4.2.6 Enchente 1983: uma enchente para entrar para a história 55
4.2.7 Enchente 1984: a história se repete 56
4.3 A REINCINDÊNCIA DAS ENCHENTES 57
4.4 SISTEMA DE ALERTA E OBRAS DE PREVENÇÕES 60
4.5 USO POLÍTICO DAS ENCHENTES 62
4.6 AS FESTAS DE OUTUBRO: UMA CRIAÇÃO PÓS-ENCHENTE 64
4.7 NOVEMBRO DE 2008: A HISTÓRIA SE REPETE 66
4.7.1 As chuvas que não param 66
4.7.2 Os números que impressionam 67

5 CAPÍTULO 3: A ENCHENTE DE 2008 72

5.1 ENCONTRO COM OS ENTREVISTADOS 72
5.2 REPRESENTAÇÕES DA MÍDIA 75
5.3 A ENCHENTE: CAUSAS E CULPADOS 78
5.4 O MEDO E SEUS DIFERENTES MOMENTOS 84
5.4.1 O medo e o desespero durante o desastre 84

5.4.2 O medo da chuva: “vai encher” 87
5.5 O MEDO QUE PROVOCA REAÇÕES: O SEGUNDO ANDAR 92

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 96

REFERÊNCIAS 99

ANEXOS 105

ANEXO A - ROTEIRO DE ENTREVISTA 106
ANEXO B - TABELA DE CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS 107

1 INTRODUÇÃO

Era sexta-feira (20 de novembro de 2008), final de tarde, quando retornava das aulas do mestrado em Florianópolis de carro e chovia muito. Essa chuva já persistia há algum tempo e também tinha sido minha companheira na viagem de ida, na quinta-feira pela manhã. Porém, a chuva de sexta-feira era forte e contínua, o que dificultava a direção, principalmente, por turvar a visão da estrada. No transcorrer do trajeto, lembro-me de olhar as grandes planícies no município de Tijucas e ficar assustado com tanta água que via, pois estava acostumado a passar por aquela localidade e ver tudo sempre seco. Dessa vez, a água se aproximava da BR-101, algo fora do comum. Ao chegar sobre a ponte do rio Tijucas e ver que o rio estava com o nível bastante alto, **logo pensei: vai encher, vai dar enchente.** Apesar de nunca ter vivenciado uma enchente, escuto desde pequeno minha avó paterna falar: "em 1983 choveu sem parar por muito tempo. Quando estávamos nos recuperando aconteceu de novo em 1984". Estas falas me acompanham desde que me conheço por gente, o que me fez ter esta certeza e intuição.

Mesmo assim continuei viagem e **aquela imagem não saía da minha cabeça.** Ao chegar próximo do município de Balneário Camboriú, encostei o carro no acostamento e resolvi ligar para meu pai, perguntar como estava a situação em Itajaí e por onde poderia entrar no município? Lembro-me da resposta: "por aqui tá tudo certo, mas é melhor você entrar em Itajaí pela Contorno Sul". Foi o que fiz, segui viagem até Itajaí, mas ao entrar no município me impressionei com o volume de água no rio Itajaí-mirim (canal natural[1]). Resolvi parar na Universidade (UNIVALI) para dar um "oi" para o pai e dizer que cheguei bem. Além do "oi", comentamos sobre a situação que vi ao longo da BR-101: terrenos vazios estavam totalmente alagados, principalmente perto dos rios. Em algumas localidades parecia que as águas iam transpor e invadir a pista. Lembro-me também de comentar que o rio Itajaí-mirim (canal natural) e o rio Canhanduba estavam com seus níveis altos e que aquelas casas entre as pontes Nilo Simas e Avenida Ministro José Galotti já estavam dentro da água. Porém, esse fato é normal, uma vez que essas casas estão localizadas em áreas de risco e quase dentro do rio. Ficamos conversando e falei para meu pai que: **esta chuva tá com cara de enchente, não pára de chover**. Esta sensação e pensamentos não saíam da minha cabeça. Depois dessa conversa, resolvi ir para casa. Mas, ao chegar à Fazenda, bairro de Itajaí, em frente ao Supermercado Xande, percebi que era impossível passar de carro e aquela sensação de enchente **voltou a rondar meus pensamentos.** Resolvi retornar à Universidade e esperar mais um pouco. Durante todo esse tempo, da saída de Florianópolis até o momento em questão, não parou de chover um momento sequer. Quando a chuva deu uma trégua resolvi seguir viagem para, enfim, chegar a casa, pois sabia que aquela região do bairro Fazenda sempre alagava em dias de muita chuva.

Fui até em casa tomar um banho, desfazer a minha mala e alimentar-me. A cada momento que parava um pouco me lembrava das cenas que vi durante a viagem Florianópolis-Itajaí e a preocupação era constante. Depois que arrumei e fiz tudo que tinha que ser feito, fui até Balneário Camboriú rever minha namorada, onde acabei passando a noite. Ao chegar a sua casa conversamos sobre a viagem e comentei que o rio Itajaí-mirim estava muito alto, que parecia que ia dar enchente, mas ela me falou que era apenas mais uma chuva. Ao dormir, a chuva não cessara em nenhum

[1] O Rio Itajaí-mirim começou a ser retificado em 1963 para conter as enchentes no Vale do Itajaí, possuindo, dessa forma, dois canais: o canal natural e o canal retificado.

momento, o que acabava me deixando mais preocupado e inquieto, pois, ao acordar no sábado e escutar o forte barulho de chuva, assustei-me, levantei e fui até a janela do quarto olhar o rio que passava atrás do edifício onde Samantha morava. Ao verificar que o rio estava quase totalmente cheio, logo pensei em ir embora, pois, naquele momento, bateu-me uma certeza de que algo errado estava para acontecer, veio-me à memória as histórias tão repetidas em conversas com meus tios e avó sobre as enchentes de 1983 e 1984. Quando ela acordou falei que ia embora. Fui para casa e, chegando lá, conversei com meus pais, já com a quase certeza que iria dar enchente. Veio a preocupação com a minha avó paterna que, em dias de chuva, fica bastante nervosa. Ele me falou para ficar despreocupado com a vó, pois já tinha erguido os móveis e estava na casa da tia Irene em segurança. Essa tia, que mora no bairro Vila Operária, tem uma casa de dois andares, podendo, dessa forma, abrigar-se no piso superior em uma eventual enchente.

Depois de um tempo, telefonei para alguns amigos e parentes para perguntar como estavam e oferecer ajuda, considerando que moro em um bairro que não é atingido por enchentes, devido a sua localização geográfica.

Mas, no começo da tarde, o Fabio e o Carlos ainda me preocupavam muito pela proximidade de suas residências a rios e ribeirões. Solicitei o carro de meu pai para fazer uma visita e levei o Chico, que já havia vivenciado as enchentes de 1983 e 1984 quando servia no exército em Blumenau, trabalhando diretamente no resgate às vítimas. Depois dessa conversa, decidimos fazer um caminho por onde passaríamos pelos rios Itajaí-Açu, Itajaí-mirim (canal natural e retificado) e ribeirão da Murta, para também termos uma real noção de como estava a situação. Chamou a atenção o fato do rio Itajaí-mirim estar com seu nível bastante elevado enquanto o rio Itajaí-Açu estava só um pouco acima do normal. Mesmo assim, começamos a ficar preocupados, pois a chuva não parava, apenas mudava sua intensidade. Ao chegar a casa do Fabio, perguntei: “Para onde vocês vão? Pois, vai encher. Quer ajuda para levantar os seus móveis?” E ele me disse: “Não, não precisa”. Continuamos a conversar e tentávamos convencê-lo a subir os móveis e a ir para casa do seu pai que, segundo ele, não sofria com a enchente. Porém, continuou a dizer que não tinha problemas, que iria ficar monitorando e qualquer problema iria para casa de seu pai. Então, Chico e eu resolvemos partir em retirada e voltarmos para as nossas casas com a certeza de que iria dar enchente. Ficamos em constante contato durante aquela noite.

Fui para casa, onde todos passavam a ter a mesma sensação e por este motivo ficamos em alerta para poder ajudar nossos amigos. Ao ligarmos para a casa da minha tia para sabermos como estava a situação, soubemos que minha avó estava agitada e nervosa com a possível enchente, mas que uma pessoa da Prefeitura estava dando uma entrevista, dizendo para todos ficarem calmos que não ia acontecer nada. Após o jantar, meus pais foram dormir e resolvi ficar assistindo à televisão, na frente da qual adormeci. Eram mais ou menos 4 horas da manhã quando acordei com o telefone tocando. Ao atender escutei uma pessoa desesperada querendo falar com a minha mãe. Eram os moradores vizinhos à sede do Rotary Clube Porta do Vale, que fica no bairro Dom Bosco, querendo saber se poderiam entrar para colocar os seus pertences no segundo andar. Minha mãe falou que sim, naquele momento a sede já tinha um pouco de água dentro, segundo o relato deles. Rapidamente nos vestimos e fomos até o local ver como estava a situação. Chegando lá, vimos que era grave, ao fundo via a casa de um grande amigo meu de infância, o Carlos, com mais de um metro de água dentro, com quem tentava contato e não conseguia. Para meu alívio, alguns minutos depois consegui falar com ele que me disse que estava bem, porém hospedado na casa de um amigo perto do supermercado Angeloni, um dos maiores da cidade, situado no bairro Centro.

Nessa hora, decidimos ir para casa fazer a nossa lancha funcionar, uma vez que era necessário sempre fazer o motor funcionar um pouco antes de utilizá-la, pois sabíamos que nesta situação ela seria muito útil. Deixei meu pai em casa para ajeitar a lancha e fui levar minha mãe à Secretária de Saúde, como profissional da área da Saúde e funcionária do município era onde ela poderia ser útil e mais ajudar naquele momento. Ao sair de casa, meu pai pediu para passar na Defesa Civil do município e logo me veio a dúvida: onde é a Defesa Civil? Resolvi passar na Prefeitura e perguntar, informaram-me que era na Rua Blumenau, próximo à Secretaria de

> Saúde, que fica localizada no bairro Barra do Rio (popularmente conhecido como Imaruí). Deixei minha mãe e na volta passei na Defesa Civil, onde encontrei apenas um funcionário que tranquilamente fumava um cigarro vendo a chuva cair. Dirigi-me a ele e expliquei que tínhamos uma lancha motorizada, meu pai era condutor habilitado pela Marinha e queríamos colocá-la à disposição do município, mas escutei a seguinte resposta: isso não vai dar nada. Não precisa, já vai passar.
> Mas as chuvas não passaram, durando até o dia 24 de novembro. Além de ter tido praticamente todos os seus bairros inundados, toda região do Vale do Itajaí foi afetada com inundações, enxurradas, enchente e deslizamentos de terras. Feridos, desabrigados, desalojados, mortos e muitos cidadãos traumatizados. O cotidiano da maioria dos municípios do Vale foi drasticamente alterado, escolas suspenderam aulas para servirem de abrigos para aqueles que perderam suas casas, móveis e pertences. A rede de saúde foi drasticamente afetada pelas chuvas, necessitando priorizar atendimentos, bem como elaborar um plano de urgência para rapidamente estabelecer-se. As polícias militar e civil tentavam manter a ordem em conjunto com o Exército Brasileiro. Empresas tentavam contabilizar os prejuízos, bem como tentavam saber notícias e ajudar seus colaboradores. Os meios de comunicação do município, Estado e País destacavam a todo o momento a "tal chuva que logo ia passar", contrariando completamente aquela visão tranquila e otimista do funcionário da Defesa Civil do município de Itajaí. (Diário de Campo)

O relato, acima transcrito, faz parte de nossa experiência e de nossa memória relativa à última enchente do município de Itajaí, "a enchente de novembro de 2008". Nele estão presentes, de forma impressionista e selvagem, os temas que abordaremos na dissertação: a memória, o medo das enchentes (processo recorrente no município de Itajaí), as percepções acerca do meio ambiente e das causas desses eventos, as redes de solidariedade, o papel dos agentes públicos e as diferentes experiências subjetivas que, tal como a nossa, fazem parte de um processo social mais amplo, no qual circulam varias percepções sobre os desastres, enchentes ou tragédias, os nomes que acabam por revelar as diferentes formas de perceber o evento natural. Assim como vivido por nós. Um ponto de vista subjetivo acabou por marcar definitivamente meu olhar sobre o assunto e gostaria de compartilhar com os demais leitores deste trabalho.

Assim como a nossa memória, também utilizaremos as memórias e percepções das pessoas atingidas durante o transcorrer deste trabalho, bem como as memórias escritas de outras enchentes ocorridas na área de estudo.

Segundo Bosi (1994, p. 55):

> O caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é, segundo Halbwachs, excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é

> uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor O simples fato de lembrar o passado, *no presente*, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.

Percebemos que a memória se constrói com o passar do tempo, utilizando para isto novos fatos e a experiência adquirida, porém, muitas vezes estas memórias são as únicas testemunhas de determinados acontecimentos, e se fazem necessárias para que possamos compreendê-los, mesmo que venham recobertas e retrabalhadas com as experiências adquiridas.

Também achamos necessário definir/conceituar algumas terminologias técnicas utilizadas que transcorrerão ao longo do trabalho, as quais, apesar de não serem o principal objetivo, consideramos importantes. Cabe destacar que, nos últimos anos, em função de eventos de envergadura similar (ou maior) ao desta enchente, em vários países do mundo e também no Brasil, tem havido iniciativas institucionais na área dita de prevenção de desastres ou atuação em situações de risco. Além de comissões, estudos e avaliações, várias definições de cunho técnico vem sendo elaboradas[2]. Neste sentido, a partir da recente publicação do Ministério das Cidades (BRASIL, 2007b), elaboramos o Quadro1.

TERMINOLOGIAS	CONCEITO/DEFINIÇÃO
EVENTO	Fenômeno com características, dimensões e localização geográfica registradas no tempo, sem causar danos econômicos e/ou sociais.
PERIGO (HAZARD)	Condição ou fenômeno com potencial para causar uma consequência desagradável.
VULNERABILIDADE	Grau de perda para um dado elemento, grupo ou comunidade dentro de uma determinada área passível de ser afetada por um fenômeno ou processo.
SUSCETIBILIDADE	Indica a potencialidade de ocorrência de processos naturais e induzidos em uma dada área, expressando-se segundo classes de probabilidade de ocorrência.
RISCO	Relação entre a possibilidade de ocorrência de um dado processo ou fenômeno e a magnitude de danos e consequências sociais e/ou econômicas sobre um dado elemento, grupo ou comunidade. Quanto maior a vulnerabilidade, maior o risco.
ÁREA DE RISCO	Área passível de ser atingida por fenômenos ou processos naturais e/ou induzidos que causem efeito adverso. As pessoas que habitam essas áreas estão sujeitas a danos à integridade física, perdas materiais

[2] Entre elas, o GTC (Grupo Técnico Científico instituído pelo Governo do Estado de Santa Catarina), do qual fazem parte FAPESC, secretarias de estado, pesquisadores de universidades - incluindo a UDESC.

TERMINOLOGIAS	CONCEITO/DEFINIÇÃO
	e patrimoniais. Normalmente, no contexto das cidades brasileiras, essas áreas correspondem a núcleos habitacionais de baixa renda (assentamentos precários).
ENCHENTE OU CHEIA	Elevação temporária do nível d'água em um canal de drenagem devido ao aumento da vazão ou descarga.
INUNDAÇÃO	Processo de extravasamento das águas do canal de drenagem para as áreas marginais (planície de inundação, várzeas ou leito maior do rio) quando a enchente atinge cota acima do nível máximo da calha principal do rio.
VAZÃO	Quantidade de água que passa por uma dada seção em um canal de drenagem num período de tempo.
PLANÍCIE DE INUNDAÇÃO, VÁRZEA OU LEITO MAIOR DO RIO	Áreas marginais que recebem episodicamente os excessos de água que extravasam do canal de drenagem.
ALAGAMENTO	Acúmulo momentâneo de águas em uma dada área, decorrente de deficiência do sistema de drenagem.
ENXURRADA	Escoamento superficial concentrado e com alta energia de transporte.
ÁREA DE RISCO DE ENCHENTE E INUNDAÇÃO	Terrenos marginais e cursos d'água ocupados por assentamentos habitacionais precários sujeitos ao impacto direto de processos de enchente e inundações.
PREVISÃO	Possibilita a identificação das áreas de riscos e indica os locais onde poderão ocorrer acidentes (definição espacial = ONDE), estabelecendo as condições e as circunstâncias para a ocorrência dos processos (definição temporal = QUANDO).
PREVENÇÃO	Que fornece a possibilidade de adotar medidas preventivas, visando a impedir a ocorrência dos processos ou a redução das magnitudes, minimizando os impactos e agindo diretamente sobre edificações e/ou a própria população.

Quadro1 - Conceitos/definição sobre terminologias técnicas.

Fonte: Brasil (2007b).

Esta conceituação ainda é bastante discutida no meio técnico-científico, havendo diferentes definições para elas e também controvérsias de cunho técnico, as quais não serão discutidas neste trabalho. Nele vamos utilizar com maior frequência o termo enchente, pois é assim que os nossos informantes se referem aos fenômenos de 2008. Também aparecem nas entrevistas e nas falas cotidianas, termos como, desastres, tragédias e inundações.

O objetivo desta dissertação é identificar e analisar quais são as percepções das pessoas que viveram a enchente no município de Itajaí, como se expressam e convivem com este evento. Já como objetivos específicos, destacamos: apresentar um enquadramento espacial e social da região do Vale do Itajaí, bem como realizar um levantamento através de relatos históricos dos eventos de enchente no Vale do Itajaí. As perguntas norteadoras que desencadearam esta pesquisa foram: quais são as percepções dos moradores de Itajaí que foram atingidos na enchente de 2008? Quais características favorecem a ocorrência de tantas enchentes nessa região?

Considerando que o universo da pesquisa é o município de Itajaí, parece-nos que o termo enchente é de fato o mais adequado. Não pretendemos generalizar esta análise, portanto, a municípios e outras localidades do vale, atingidos de formas diferentes pelas fortes chuvas de 2008. Itajaí, durante novembro de 2008 e ao longo da sua história, sofreu diversas inundações. Utilizaremos bastante o termo enchente para falar sobre essas inundações, pois é dessa forma que aparece descrito na história, bem como nos relatos dos moradores e informantes entrevistados.

2 METODOLOGIA

Por razões metodológicas, muito embora esta dissertação não seja uma monografia de cunho antropológico, concordamos com os autores que não veem problemas no fato de que podemos estudar realidades sociais das quais fazemos parte desde que tenhamos clareza deste pertencimento e/ou implicação e façamos os distanciamentos necessários para evitar que nossa subjetividade prejudique a análise.

Velho (2008) traz a importância de realizarmos pesquisas com temas que nos são familiares, mas, para isso, é necessário que passemos a estranhar o que nos é familiar. Termos a clareza e sermos honestos acerca deste pertencimento e proximidade com o tema nos ajuda a mantermo-nos "estranhando", evitando, dessa forma, que sejamos tomados por um excesso de subjetividade.

Velho (2008, p. 23) acrescenta ainda que:

> Parece-me que, nesse nível, o estudo do familiar oferece vantagens em termos de possibilidades de rever e enriquecer os resultados das pesquisas. Acredito que seja possível transcender, em determinados momentos, as limitações de origem do antropólogo e chegar a ver o familiar não necessariamente como exótico mas como uma realidade bem mais complexa do que aquela representada pelos mapas e códigos básicos nacionais e de classe através dos quais fomos socializados. O processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações.

Acreditamos, também, que é possível transformar experiências pessoais em um objeto de estudo, fazendo, assim, um exercício complexo e difícil de racionalização e de "objetivação". Além disso, situações como as das enchentes envolvem várias experiências que precisam ser enquadradas e compreendidas dentro de processos sociais e históricos mais amplos, que podem ajudar a relativizá-los para além de nossa participação e/ou observação *in loco* de alguns desses momentos. Nesse sentido, uma das fontes de informação, que será amplamente utilizada neste trabalho, é fruto de nossa "participação" no período da enchente de 2008 como voluntários, pois participamos ativamente nos resgates de atingidos, logística e

suporte aos abrigos e alojamentos. Assim, entramos em contato com as equipes de saúde, autoridades públicas, técnicos da Defesa Civil e do Corpo de Bombeiro, voluntários e moradores.

Cardoso (1986) traz que o velho modelo de observação participante acabou por se transformar em participação observante, no qual a participação passa a ganhar espaço substantivo nas pesquisas e análises.

Segundo a autora:

> Quero apenas recuperar o velho modelo de observação participante (que supunha neutralidade do pesquisador) para compreender por que, atualmente, ele se transformou em participação observante. Isto é, por que, de adjetiva, a participação passou a substantiva e, neste movimento, se reinventou a empatia como forma de compreender ou outro. (CARDOSO, 1986, p. 101).

Este aspecto levantado por Cardoso se enquadra na pesquisa que realizamos, passando e vivenciando diretamente tudo o que aconteceu, trazendo as vivências e a participação direta durante a enchente para a pesquisa, bem como todo o contato com as pessoas que vivenciaram a mesma situação.

Para a autora ainda é necessário que:

> A prática de pesquisa que procura este tipo de contato precisa valorizar a observação tanto quanto a participação. Se a última é condição necessária para um contato onde afeto e razão se completam, a primeira fornece a medida das coisas. Observar é contar, descrever e situar os fatos únicos e os cotidianos, construindo cadeias de significação. Este modo de observar supõe, como vimos, um investimento do observador na análise de seu próprio modo de olhar. (CARDOSO, 1986, p. 103).

Isto nos remete novamente a Velho (2008), que diz que é necessário **estranhar aquilo que nos é familiar**, e este é um processo que é constante durante a pesquisa, pois o contato com as pessoas e novas realidades nos força ao estranhamento, oportunizando e trazendo novas informações.

Em um segundo momento, como funcionários da Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, participamos ativamente no centro de apoio montado pela instituição para atender a seus funcionários diretos e indiretos. Além disso, como moradores de Itajaí, muitas conversas, piadas, brincadeiras escutamos durante os dois últimos anos, às quais faremos referência sempre que possível. Estas informações, vivenciadas e registradas por nós, foram

consideradas como uma espécie de “participação observante”, em princípio não intencional, mas que, acabou servindo como fonte de observação participante.

No caso desta dissertação, recorremos a aportes (ou referências) de duas áreas de conhecimento: Ciências Exatas e da Terra (na qual fizemos nossa formação original)[3] e Ciências Humanas, com as quais iniciamos nosso contato mais recentemente, com destaque à Sociologia, Antropologia e História.

Priorizamos nesta pesquisa relatar as percepções dos atingidos sobre os eventos que alguns chamaram de enchentes, outros de catástrofes e tragédias, outros, ainda, de desastre natural, ou de inundações, tendo em vista a preocupação com o que afinal a maioria das pessoas atingidas diretamente e que tiveram perdas mais significativas consideram como causas da enchente, como vêem os diversos atores e fatores sociais nela envolvidos.

Pensando nisso, que por meio das metodologias qualitativas, como a observação participante (ou participação observante) e entrevistas semiestruturadas, foi possível entender as percepções dos atingidos pela enchente[4] de novembro de 2008.

Thompson (1992, p. 197) salienta ainda que:

> Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta.

O trabalho com os atingidos nos permite uma gama de trabalhos e interpretações, como também nos deixa mais próximos da realidade vivenciada por eles. Igualmente, nos ajuda a refletir sobre o tema estudado, bem como entender como os atingidos interagiram e reagiram frente a todos os problemas enfrentados durante e após o evento.

O autor traz, ainda, que o testemunho com pessoas que vivenciaram momentos históricos de conflitos e tragédias ajuda a trazer maiores detalhes ao que aconteceu, como, por exemplo, uma entrevista concedida por um judeu que teve sua família perseguida durante a Segunda Guerra Mundial: os fatos e acontecimentos descritos podem ajudar a reconstruir com exatidão e com riqueza maior de detalhes como determinada família foi exterminada (THOMPSON, 1992).

---

[3] Graduação em Oceanografia na Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, no início do ano de 2008. No Centro de Ciências Tecnológicas da Terra e do Mar - CTTMar.

[4] Os técnicos costumam descrever o acontecido como uma inundação, mas muitos atingidos (moradores, leigos) denominam o evento como uma enchente, e assumimos esta forma de expressão ao longo de todo o texto, para identificar os eventos de novembro de 2008 em Itajaí.

Pensando em estudar e entender as percepções dos atingidos pela enchente de 2008, utilizamos duas técnicas qualitativas, além da observação participante ou participação observante descritas anteriormente.

A primeira, se trata de entrevistas semiestruturadas, que servem como um roteiro para o entrevistador, realizadas com quinze atingidos e/ou informantes-chave (informantes) durante o período de pesquisa. O roteiro com doze perguntas foi elaborado como sugere Thompson (1992, p. 260), que afirma:

> Há alguns princípios básicos para a elaboração das perguntas, que se aplicam a todo tipo de entrevista. As perguntas devem ser sempre tão simples e diretas quanto possível, em linguagem comum. Nunca faça perguntas complexas ou de duplo sentido – em geral, apenas uma de suas metades será respondida e, em geral, não ficará claro qual delas.

Ainda como destacado pelo autor, buscamos utilizar frases como: “conte-nos a respeito de...”, “Você pode falar sobre isso?”, “Fale mais sobre o assunto” e outras que se faziam necessárias no momento. Essas perguntas exploratórias são importantes para enriquecer as informações obtidas na entrevista, bem como para ajudar o entrevistador a compreender determinado fato sobre o qual o entrevistado está explanando.

Buscamos entrevistar pessoas com as quais tivemos certo contato durante a enchente, o que de certa forma facilitou e desinibiu os entrevistados, pois, sob vários aspectos, havia um grau de confiança entre entrevistado e entrevistador.

Este fato é destacado por Cardoso (1986, p. 101) ao dizer que:

> A interpretação que se constrói sobre análises qualitativas não está isolada das condições em que o entrevistador e o entrevistado se encontraram. A coleta de material não é apenas um momento de acumulação de informações, mas se combina com a reformulação de hipóteses, com a descoberta de pistas novas que são elaboradas em novas entrevistas. Nestas investigações, o pesquisador é o mediador entre a análise e a produção da informação, não apenas como transmissor, porque não são fases sucessivas, mas como elo necessário.

Tivemos o cuidado de realizar entrevistas com moradores das localidades mais atingidas em 2008 no município de Itajaí. Também não entrevistamos nenhum membro de nossa família, mas, certamente, muito do que eles falaram e vivenciaram sobre este processo serviu e contribuiu para as nossas reflexões e formas de pensar sobre o tema.

O local das entrevistas foi escolhido pelos entrevistados, conforme descrito por Thompson (1992, p. 265):

> A seguir, onde deve ser feita a entrevista? Deve ser um lugar em que o informante se sinta à vontade. Em geral, o melhor lugar será sua própria casa. Isso é particularmente verdadeiro no caso de uma entrevista centrada na infância ou na família. Uma entrevista no local de trabalho, ou num bar, irá ativar mais fortemente outras áreas da memória, e também pode ter como resultado uma mudança para um modo de falar menos "respeitável". Um passeio pelo bairro pode também mostrar-se compensador e estimular outras recordações.

Este fator é bastante importante, pois treze dos entrevistados preferiram e escolheram realizar as entrevistas nas suas próprias casas. Este fato, além de contribuir para que o informante se sentisse mais à vontade, ajudou também na conversa, pois todos os entrevistados se encontravam em casa quando as suas residências começaram a encher. O local contribuiu muito para que os entrevistados recordassem todo o acontecido, pois a todo o momento faziam menção, apontavam e mostravam as paredes para sinalizar até onde a água subiu, bem como faziam referência a objetos que sofreram e foram "vítimas" da água.

Elaboramos um roteiro com doze perguntas (ANEXO A), que servia como base para as entrevistas, mas não era algo fechado e definitivo, tanto que as perguntas de alguma forma variaram entre os entrevistados. Também pedimos a autorização para gravar e redigir anotações durante as entrevistas. Treze informantes permitiram que fossem gravadas e dois preferiram não gravar por vergonha e timidez, o que foi prontamente atendido.

Thompson (1992, p. 205) alerta que:

> A maioria das pessoas conserva algumas lembranças que, quando recuperadas, liberam sentimentos poderosos. Falar sobre uma mãe ou pai que se perdeu pode provocar lágrimas, ou ódio. Em geral, tudo que se necessita é uma reação simples e de solidariedade: expressar os sentimentos terá sido, por si só, positivo. Porém, algumas lembranças desenterram sofrimentos profundos, não resolvidos, que realmente exigem uma reflexão mais prolongada com a ajuda de um terapeuta profissional; evidentemente, nesses casos, o melhor que um historiador oral pode fazer é sugerir onde encontrá-lo.

Um dos informantes também pediu que a entrevista fosse encerrada na metade, pois ela o remeteu a lembranças tristes (das quais não gostava de lembrar), uma vez que já havia vivenciado também as enchentes de 1983 e 1984. Este pedido foi atendido, paramos a entrevista e continuamos conversando sobre outros assuntos até que o informante se acalmasse.

Em todas as entrevistas, mesmo que fossem gravadas, foram realizadas anotações, seguindo, dessa forma, o que recomenda Seixas (2005). Foram usados nomes fictícios para identificar os informantes, que em nada se parecem com seus nomes reais (ANEXO B).

Outra fonte de informação foi a pesquisa bibliográfica. Apesar da região do Vale do Itajaí sofrer a tanto tempo com as enchentes e inundações, percebemos uma carência de referências sobre o assunto, principalmente para o município de Itajaí. Alguns autores colocam que é justamente quando faltam fontes escritas ou documentais (ou quando os acontecimentos são muito recentes, como é o caso desta pesquisa) que são procuradas as fontes orais como forma de superar lacunas do conhecimento sobre determinado evento ou processo. Sobre esta última enchente foram escritos alguns livros de caráter testemunhal com farto uso de fotografias e depoimentos, como os livros: *A tragédia do morro do Baú*[5]; *Ilhota, 23 de novembro de 2008: diário de uma tragédia*[6] e *Relatos de uma tragédia*[7], que têm como universo o município de Ilhota, cujo número de perdas humanas durante a enchente foi o maior registrado entre os municípios atingidos.

Por força da decisão das autoridades de imediatamente caracterizar o evento como estado de calamidade-emergência, vários relatórios técnicos foram feitos para mensurar as dimensões da enchente, entre eles, a Avaliação de Danos - AVADAN. Em um segundo momento, foram realizados outros trabalhos e relatórios de cunho técnico com intuito de subsidiar a discussão sobre as causas e medidas preventivas a serem tomadas pelos governantes, como o Plano Integrado de Prevenção e Mitigação de Desastres Naturais na Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí (2010).

Curiosamente, apesar do município de Itajaí historicamente ter sofrido com várias enchentes e fazer parte do Vale do Itajaí, poucos trabalhos acadêmicos foram produzidos sobre o tema. Ao contrário do município de Blumenau, sobre o qual encontramos diversos trabalhos realizados a partir do ano de 1983 e que serviram como interlocutores nesta pesquisa.

Parece-nos que em Blumenau tem existido, ao longo dos últimos anos, um grande esforço, tanto no nível acadêmico quanto no plano político, no sentido de discutir e enfrentar as enchentes de uma forma diferenciada da que acontece em Itajaí. Em que pesem as diferenças físicas e ambientais entre os municípios, parece-nos que há a construção de uma identidade centrada na superação de adversidades, já presente nos tempos da colonização, e de

---

[5] MENEZES, José Geraldo Rodrigues. **A tragédia do morro do Baú**. Blumenau: Nova Letra, 2009.
[6] PEREIRA, Maristela. **Ilhota, 23 de novembro de 2008**: diário de uma tragédia. Blumenau: HB, 2009.
[7] AGUIAR, João Luiz. **Relatos de uma tragédia**. Jaraguá do Sul: Impressul, 2009.

reconstrução permanente de uma coletividade frente às intempéries naturais. Isto se pode ver em várias campanhas feitas pelos ou para chamar a atenção dos poderes públicos locais, associações de classe e outras, que destacam valores como: trabalho, perseverança, força e capacidade de superação dos blumenauenses. Além disto, a própria universidade local (Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB), desde a década de 1980 dispõe de um importante centro de investigação sobre o tema. Ao contrário, em Itajaí, muito pouco se vê neste sentido, o que parece justificar-se por peculiaridades históricas e culturais, as quais não discutiremos neste momento.

A dissertação foi dividida em três capítulos para embasar a discussão a cerca das memórias e percepções dos informantes-chave, bem como nossa observação participante ou participação observante.

O Capítulo 1, que se chama **Descrição da Área de Estudo**, traz uma descrição física e socioeconômica, começando pela região do Vale do Itajaí e passando, depois, para o município de Itajaí. Apresentamos as características ambientais e de colonização que contribuem significativamente ao longo da história com a recorrência das enchentes.

O Capítulo 2, intitulado **Histórico das Enchentes no Vale do Itajaí**, faz um resgate histórico das enchentes desde o início da sua colonização, trabalhando com as grandes enchentes que aconteceram desde então (inclusive a de 2008), bem como a implantação dos sistemas de monitoramento e as obras de contenção de cheias.

O Capítulo 3, que se chama **Enchente de 2008**, trabalha (única e exclusivamente) com a memória e percepções dos atingidos (informantes-chave) sobre a enchente de 2008. Traz as percepções dos entrevistados sobre o medo, a solidariedade e outros. Este capítulo apresenta as falas dos informantes, sobre tudo, o que vivenciaram e/ou escutaram, percepções e histórias que ao longo do tempo foram sendo esquecidas no Vale.

3 CAPÍTULO 1: DESCRIÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Este capítulo tem por objetivo caracterizar a área de estudo ou o universo deste trabalho: o município de Itajaí. Para isso, faremos uma descrição das características físicas da Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí e do Município de Itajaí, por entendermos que estas características ambientais são importantes para a compreensão das particularidades locais e compõem, com as dimensões sócio-históricas, o contexto em que ocorrem as enchentes no Vale do Itajaí, situado no nordeste do Estado de Santa Catarina, sul do Brasil.

Assim, faremos inicialmente uma caracterização geral da Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí e, posteriormente, uma descrição mais detalhada do município de Itajaí por se tratar da área de estudo do presente trabalho.

3.1 DESCRIÇÃO GERAL DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO ITAJAÍ-AÇU

3.1.1 Descrição física

A Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí está composta por uma bacia de drenagem de 15.500 Km². É a principal Bacia da Vertente Atlântica[8] do Estado de Santa Catarina, situando-se entre as bacias do Rio Itapocu, ao norte (2.930 Km²), e Bacia do Rio Tijucas, ao sul (2.420 Km²). Estas três bacias juntas somam mais de 60% da área da Vertente Atlântica no Estado de Santa Catarina. Estão limitadas pela Serra do Mar, ao norte, e pela Serra Geral, à oeste e sul do Estado (SCHETTINI, 2002). Esta área corresponde a 16,5 % do território catarinense (SANTA CATARINA, 1997), onde vivem atualmente mais de um milhão de habitantes.

[8] Conforme Schettini (2002), a Vertente Atlântica é a denominação geográfica utilizada para o conjunto de Bacias Hidrográficas localizadas na unidade fisiográfica Litoral e Encostas do Estado de Santa Catarina.

A Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí está localizada entre as coordenadas 26º27’ e 27º53’ de latitude Sul e 48º38’ e 50º29’ de longitude Oeste, com o rio principal percorrendo uma extensão de mais de 200 Km desde a sua cabeceira até a foz, no município de Itajaí.

Os principais afluentes da Bacia do Itajaí são os rios Itajaí do Norte, Benedito, Cedro, Testo, Luiz Alves (localizados na margem esquerda), Itajaí-mirim, Garcia, Encano, Warnow e Neisse (localizados na margem direita). Porém, destacam-se os rios Itajaí do Norte, Itajaí do Sul e Itajaí-mirim como os principais afluentes (SANTA CATARINA, 1997).

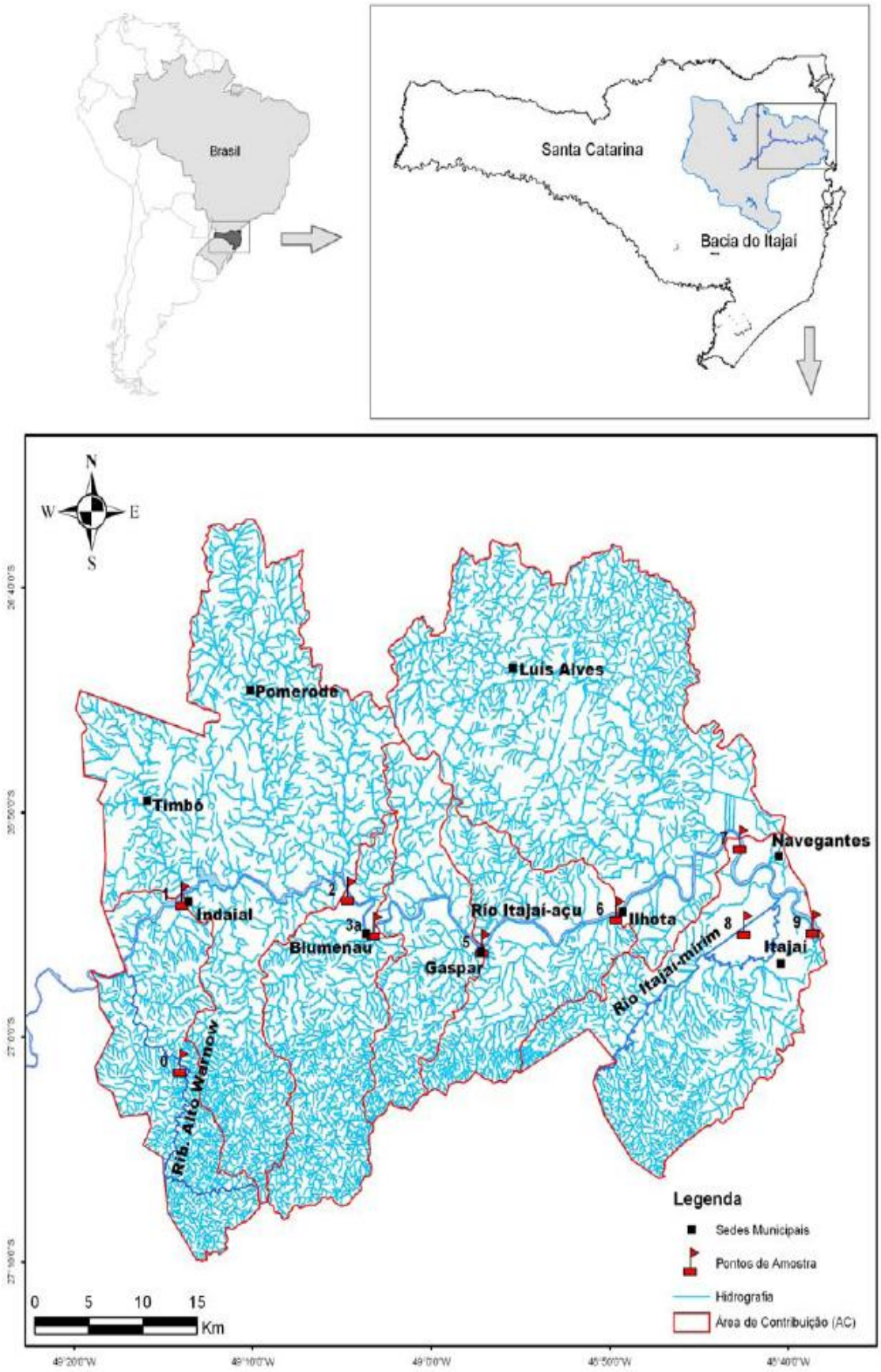


Figura 1 - Bacia do Rio Itajaí.

Fonte: Rörig (2005).

Segundo Aumond e colaboradores (2009, p. 25) “a declividade dos cursos d’água que compõe a rede de drenagem contribuem significativamente para ocorrências de inundações”, destacando-se o trecho do centro urbano de Blumenau até a foz do rio Itajaí-Açu (Itajaí e Navegantes), onde se observa uma declividade muito baixa, de 0,013 (m/Km). Esta característica é de suma importância quando falamos de enchente e/ou inundação, pois esta baixa declividade possibilita e é responsável pela formação de grandes planícies de inundação, tornando tais áreas vulneráveis a eventos de inundação. Provavelmente, este aspecto foi visto com bons olhos no início da colonização do território pelos imigrantes europeus, a partir do século XIX, pois as regiões de vales eram consideradas mais propícias à agricultura (AUMOND et al., 2009, p. 25).

Estes pesquisadores colocam ainda que:

> A paisagem que observamos hoje é resultado de processos geológicos e climáticos, que formaram um relevo acidentado, com encostas muito inclinadas, extremamente dobradas, frequentemente entalhadas em forma de ‘V’ fechado e geralmente associadas a pequenas e estreitas várzeas em torno de ribeirões e rios, sujeitas às inundações frequentes. (AUMOND et al., 2009, p. 28).

Este fator pode ser compreendido se pensarmos que 66% da região do Vale[9] é composta por relevos dos tipos montanhoso (26%) e montanhoso, forte-ondulado e ondulado (40%), conforme descrito no quadro abaixo.

RELEVO PREDOMINANTE	TIPOS DE SOLO	USO DO SOLO
30% plano e suavemente ondulado, junto à planície costeira.	Solos hidromórficos, muito argilosos, pouco férteis e ácidos.	Arroz irrigado. Sem risco de erosão.
26% montanhoso.	Solos mediamente profundos, ácidos, pouco férteis, localizados na parte central da bacia. Originam-se de folhetos e argilitos.	Extrativismo vegetal nas áreas montanhosas. Agricultura intensiva (cebola e outras) na área central.

[9] Esta região do Vale do Itajaí é chamada, costumeiramente, em Santa Catarina, de região do Vale ou, simplesmente, “o vale”. Utilizaremos estas expressões ao longo do texto, da mesma forma com é usada neste contexto, ou seja, no sentido êmico.

RELEVO PREDOMINANTE	TIPOS DE SOLO	USO DO SOLO
40% montanhoso, forte-ondulado e ondulado.	Solos rasos e mediamente profundos, cascalhentos, pouco férteis e ácidos, desenvolvidos de rochas de xistos, argilitos, siltitos e arenitos.	Extrativismo vegetal e pequenas lavouras. Esta área exige cuidados por situar-se nas cabeceiras do Itajaí.

Quadro 2 - Relevo predominante, tipos e uso de solos

Fonte: Santa Catarina (1997).

A formação destes tipos de solos se deve à modificação das rochas formadoras dos morros do Vale pelos mais diversos processos. Destacamos, também, que a espessura do solo nas encostas dos morros do Vale é variável, mas, de forma geral, a formação rochosa que se encontra abaixo do solo é muito pouco permeável, o que acaba por favorecer o escorregamento de massas de terra. (AUMOND et al., 2009).

O Vale do Itajaí apresenta condição favorável à ocorrência de intensas precipitações, concentradas principalmente na primavera e verão, por estar subordinado à condição climática quente e úmida. Igualmente, por estar voltado para o Oceano Atlântico (leste), favorece a entrada de umidade em direção ao continente, principalmente com ventos nordeste e sudeste (predominantes). (AUMOND et al., 2009).

Hermann e colaboradores (2009), ao analisar os municípios com recorrência muito alta de desastres naturais no período 1980-2007, traz a cidade de Blumenau, situada no Vale do Itajaí, como a com maior frequência de inundação gradual, inundação brusca e escorregamentos. Isso acaba por demonstrar uma fragilidade da Região do Vale do Itajaí com eventos relacionados a um alto índice de precipitação pluviométrica.

A vazão média do Rio Itajaí-Açu foi descrita por Schettini (2002, p. 125) como:

> A análise dos dados de descarga diária de 1934 até 1998 fornecem uma descarga média de 228±282 m3.s-1, com mínima de 17 e máxima de 5.390 m3.s-1, sendo que a máxima ocorreu em 1984 durante um evento de *El Niño*, um dos mais intensos já observado na região.

De acordo com Schettini (2002), a porção do baixo curso do Rio Itajaí-Açu constitui um estuário do tipo cunha salina, sendo caracterizado pela exportação de sedimento para a Plataforma Continental. O Rio Itajaí-Açu é responsável por aproximadamente 90% do total do aporte fluvial para o estuário, os 10% restantes são atribuídos ao Rio Itajaí-mirim, que se encontra a aproximadamente 9 Km da barra ou foz.

O estuário tem uma área aproximada de 14 Km², com uma extensão total aproximada de 70 Km. A influência da salinidade é detectada até o município de Ilhota, a 30 Km da boca da barra, junto à foz do Rio Luiz Alves. O rio apresenta um aumento gradual em sua largura em direção a embocadura (SCHETTINI, 2002), variando entre 200 e 1.500 metros (AUMOND et al., 2009).

As características físicas do Vale do Itajaí acabaram por influenciar diretamente na ocupação desta região, por isto, torna-se necessário entender sua dinâmica ocupacional.

Nesse sentido, o tipo de economia que se desenvolveu no Vale, a partir da colonização, contribuiu para processos de adensamento populacional (e crescimento demográfico), bem como de produção de rejeitos industriais que não foram desprezíveis, como destaca Rörig (2005, p. 46):

> [...] a região estuarina do Rio Itajaí-Açu, além de receber contribuições de água, sedimentos e poluentes de toda a bacia, apresenta setores com considerável concentração demográfica e industrial pesqueira, constituindo um aporte significativo de poluentes.

Por isso, faz-se necessário um debate sobre a ocupação e desenvolvimento do Vale, que junto às suas características físicas/naturais tem agravado as situações de enchentes, como a de novembro de 2008.

3.1.2 Ocupação do Vale do Itajaí

É importante atentarmos à forma como ocorreu a ocupação do Vale do Itajaí para entendermos também um pouco sobre as enchentes que, ao longo da história, veem assolando esta região, como a enchente de 2008. As datas e fatos são bastante controversos, por isso, nos ateremos a eles de forma mais geral, tentando estabelecer uma conexão entre a ocupação e a crescente destruição ambiental na região. Não é nosso objetivo fazer uma análise minuciosa da ocupação desta região, no entanto, apresentaremos alguns dos aspectos, uma vez que uma das hipóteses levantadas neste trabalho é a de que o processo de ocupação dos dois últimos séculos contribuiu para que hajam complicações dos impactos causados pelas enchentes e inundações, fenômenos constantes da sua história.

No sul do Brasil, o processo de implantação de colônias de imigrantes europeus aconteceu ao longo do século XIX. Durante o ano de 1836, iniciou-se a colonização do Vale do Itajaí, com o objetivo de aproveitar a posição estratégica da foz do Rio Itajaí-Açu[10]. Para isso, o presidente da província na época, José Mariano de Albuquerque Cavalcant, autorizou o estabelecimento de duas colônias às margens do Rio Itajaí-Açu e Itajaí-mirim, estando estas ligadas inicialmente a cidade vizinha de Porto Belo. (MADEIRA; SILVA, 2008).

O Vale começou a ter uma efetiva colonização a partir do estabelecimento da colônia Blumenau, com os primeiros imigrantes assentados em 1850, após o Dr. Hermann Blumenau[11] adquirir glebas às margens do rio Itajaí-Açu, na confluência dos rios da Velha e Garcia (MATTEDI, 1994). Apesar de ter sido estabelecida em local hoje considerado inadequado, ou inóspito, como diz Pimenta (1999), a localização da sede da colônia (futuro município) de Blumenau é facilmente explicada pelas vantagens representadas pela navegabilidade encontrada até aquele ponto do rio, por ver nele a única forma de acesso ao litoral.

Para Souto (1999), outro ponto importante de ser considerado na colonização do Vale, são as características dos imigrantes que povoaram esta região, como descreve a seguir:

> Deve-se dizer que as características de mentalidade sócio-econômicas dos imigrantes alemães ocorreram mais especificamente entres os que aqui chegaram na segunda metade do séc. XIX. Ao contrário dos que chegaram na primeira metade, e que eram de origem agrícola, estes agora eram contingentes de origem urbana "artesanal, operária, comercial, industrial e intelectual. (SOUTO, 1999, p. 129).

Como podemos perceber, a diferença do tipo de imigrante também gerou diferentes fases econômicas durante a colonização do Vale, que discutiremos posteriormente. Cabe salientar que esta discussão é feita com base em estudos realizados para o município de Blumenau, pois é onde os maiores esforços foram empregados para entender a colonização.

A vulnerabilidade ambiental da sede colonial que hoje se apresenta como geradora de desastres, aos nossos olhos, em função das sucessivas cheias do Rio Itajaí-açu desde sua fundação, não parecem ter sido consideradas tão nefastas aos colonizadores. Na verdade, se observarmos os principais núcleos urbanos e/ou vila coloniais que se estabeleceram próximos aos rios e ribeirões, ao longo de todo Vale, perceberemos que a vulnerabilidade não teve peso

---

[10] Esta posição estratégica se deve à localização do *Vale*, que permitia que os produtos e bens produzidos no planalto catarinense pudessem ser escoados, e sua posição central no Estado de Santa Catarina.

[11] Dr. Hermann foi o idealizador e fundador da colônia de Blumenau, onde hoje está sediado o município de Blumenau. Fato que permitiu e ajudou o povoamento do Vale.

tão grande. Por isso, podemos dizer que estes núcleos tiveram grande contribuição na evolução urbana de toda região, como coloca Mattedi (1994, p. 52):

> As sucessivas cheias do rio Itajaí-açu, desde a sua fundação recomendavam uma outra localização. Mesmo assim o local denominado de *Stadplatz*, junto à desembocadura do ribeirão Garcia, progrediu e transformou-se no atual centro urbano. Da *Stadplatz* originaram-se quatro vias: uma ao longo do ribeirão Garcia; outra ao longo do Itoupava; uma terceira seguindo a margem direita do Itajaí-açu em direção a Indaial, e uma quarta em direção a Pomerode. Dessa forma, ao longo do Vale do Itajaí-açu, os ribeirões tributários contribuíram na estruturação da malha urbana.

É claro que, como observamos atualmente, os locais escolhidos para promoverem o assentamento dos colonos não foi adequado, mas tem uma explicação bastante simples: aproveitar a navegabilidade do Rio Itajaí-açu e dos seus afluentes, uma vez que esta era, na época, a única ligação com outras localidades e, principalmente, com a foz do Rio Itajaí-açu, o que permitia comprar mantimentos, insumos agrícolas, chegada de novos imigrantes e escoamento de sua produção.

As regiões mais produtivas do Estado de Santa Catarina se beneficiaram de suas proximidades com portos para se estabelecerem, bem como para se desenvolverem, pois esta proximidade facilitava o escoamento da sua produção (SOUTO, 1999).

Para Souto (1999), a história econômica de Blumenau pode ser dividida em três fases e, de alguma forma, pode ser expandida para o restante do Vale. Segundo o autor:

> A história econômica de Blumenau, de sua fundação em 1850, às margens do Itajaí Açu, até 1950, pode ser dividida em três "conjunturas". A primeira é a fase colônia-venda (1850-1880), a segunda, o início da industrialização (1880-1914), e finalmente, o ingresso no mercado nacional (1914-1950). (SOUTO, 1999, p. 132).

É importante ressaltar que a primeira fase da colônia é marcada pela agricultura de subsistência. Porém, a região não era muito fértil, e o terreno, acidentado e íngreme, dificultava o plantio, o que fez com que os colonos se desviassem de sua função, indo procurar ocupações em outras áreas (SOUTO, 1999).

O autor destaca ainda, que uma das atividades encontradas era trabalhar na construção de estradas que ligariam as regiões do Estado e que contribuiriam para o desenvolvimento do Vale, como consta a seguir:

> Mas, em contrapartida, a construção de estradas era uma solução para a colônia. A expansão para o Planalto Norte abria a fonte de matéria prima para produtos que viriam a ser a sua especialidade: a madeira e sobretudo o mate. (SOUTO, 1999, p. 134).

Este fato é bastante marcante na história do Vale e na história do município de Itajaí, principalmente devido à exportação de madeira, oriunda do planalto catarinense, pelo porto de Itajaí. Porém, este fato será mais amplamente discutido posteriormente.

Cabe lembrar que a ocupação do Vale é marcada pela pequena propriedade rural, uma vez que as propriedades tinham contato com o rio e que esta era a única forma de locomoção e deslocamento para outras localidades.

Para Wolff e Réchia (1999), no contexto da pequena propriedade rural era importante a participação de todos para que prosperasse.

Como destacam as autoras:

> Isto mostra a importância das mulheres na pequena propriedade rural. Com a participação de toda a família no trabalho era possível a sobrevivência e muitas vezes a compra de roupas e ferramentas, a construção de casas de tijolos ou madeira confortáveis, e depois de muitos anos de economia, a compra de lotes de terra para que os filhos pudessem se estabelecer com suas famílias. (WOLFF; RÉCHIA, 1999, p. 69).

O modelo de desenvolvimento regional implantado, que utilizava o solo até o seu limite de esgotamento, contribuiu de forma significativa para o aumento das enchentes com o passar do tempo. Isso também gerou a migração dos produtores rurais para os centros urbanos e promoveu um maior adensamento urbano (FRANK; VIBRANS, 2003).

Segundo estes autores, encontram-se no Vale três categorias de problemas na bacia do Itajaí, o que comumente é denominado de problemas do uso do solo, conforme descrito a seguir:

> 1) degradação dos solos, devido ao uso para finalidades que extrapolam a capacidade de sustentação do sistema, sobretudo nas áreas de intensa atividade agrícola; 2) degradação dos cursos d'água, devido ao uso inadequado das áreas marginais e das planícies de inundação, as intervenções com obras de engenharia insuficientemente estudadas, e à poluição por dejetos, gerando problemas de saúde pública (agrotóxicos e borrachudos); 3) degradação das florestas, devido a exploração não sustentável da vegetação primária e secundária. (FRANK; VIBRANS, 2003, p. 199).

Um dos grandes problemas da ocupação do Vale do Itajaí seria o desconhecimento dos colonos das especificidades ambientais locais, que diferiam em muito das condições em que viviam na Europa (MATTEDI, 1994, p. 53).

Este desconhecimento, aliado a um imaginário eurocêntrico que entendia os trópicos como uma selva a ser desbravada, teria contribuído com uma forma de relação predatória contra a natureza, onde o principal objetivo era a superação a qualquer custo das resistências ambientais.

Este fato é destacado também por Braun, Vibrans e Pinheiro (2008, p. 32), que argumentam:

> Ao longo dos últimos 150 anos, ao contar do início da colonização da região em 1850, a cobertura florestal de grande parte da bacia foi substituída pelo uso agropecuário. A demanda pelos recursos hídricos diversificou e aumentou. Despejos urbanos, industriais e agrícolas começaram a impactar fortemente a bacia, criando um quadro de incertezas quanto ao atendimento das demandas atual e futura e quanto aos aspectos de proteção.

Estes aspectos são de fundamental importância, pois percebemos no Vale uma colonização voltada para a agricultura familiar e/ou de subsistência, realizadas em uma pequena extensão de terra. Este fato se deve principalmente às condições geográficas da região, principalmente ao relevo. Se, por um lado, as famílias dos colonos procuravam áreas férteis para instalar-se, buscando tirar o maior proveito e rentabilidade da terra, por outro lado, acabavam por promover grandes derrubadas de mata nativa e, mais recentemente, utilizando técnicas e produtos que no médio e no longo prazo acabaram trazendo impactos negativos para a região.

Alguns autores acrescentam, ainda, que “a vegetação do Vale sofreu períodos de intensa exploração entremeada de períodos de recuperação, como resposta às atividades econômicas preponderante” (AUMOND et al., 2009, p. 30), o que nos demonstra uma intrínseca relação entre as dimensões social, econômica e ambiental. A inter-relação destes fatores, segundo os autores, é determinante no modelo de desenvolvimento escolhido e implementado.

Este fato faz com que os ciclos econômicos (têxtil, madeireiro, agrícola e outros) e o aumento populacional da região possuam relação direta com o uso dos recursos florestais e com a ocupação do solo, desconsiderando quase sempre a aptidão do solo e desrespeitando as peculiaridades dos ecossistemas desta região. (AUMOND et al., 2009).

3.1.3 Descrição Socioeconômica

A Bacia do Itajaí é ocupada por 53 municípios e apenas 47 destes possuem a sua sede administrativa dentro da bacia. Sendo dividida em três regiões: alto vale, médio vale e baixo vale (região da foz), que acabam por representar as diferenças naturais, socioeconômicas e culturais da bacia (COMITÊ DO ITAJAÍ[12], 2006, p. 11).

Estas três regiões também apresentam uma significativa diferença em sua morfologia urbana. A Região do Baixo Vale possui a menor extensão territorial e apresenta um expressivo crescimento demográfico e urbanização (Tabela 1), processo mais acelerado ao longo dos municípios litorâneos. Nesse contexto, o município de Itajaí aparece como o principal centro urbano desta região.

A Região do Médio Vale também apresenta um grande crescimento na sua urbanização e crescimento demográfico (Tabela 1), o que revela a importância de Blumenau como principal centro urbano da região, agregando, dessa forma, os demais municípios.

A Região do Alto Vale possui a maior extensão territorial da bacia, porém um processo de decrescimento populacional e no processo de urbanização (Tabela 1). Apesar da vocação agropecuária e agrícola da região, percebemos, também, uma redução dos impactos ambientais destas atividades sobre os ecossistemas locais. O município de Rio do Sul se configura como principal centro urbano da região.

Outro fator importante a ser ressaltado é que desde 2003 o Governo do Estado de Santa Catarina adotou um novo modelo de regionalização**,** com a implementação das Secretarias de Desenvolvimento Regional - SDR's. Foram criadas sete SDR's para atender a Bacia do Itajaí, sendo elas: Itajaí, Blumenau, Brusque, Ituporanga, Ibirama, Rio do Sul e Mafra (COMITÊ DO ITAJAÍ, 2006).

Rörig (2005) ressalta, ainda, a importância da Bacia do Rio Itajaí na arrecadação do Estado: 22% da população contribuem com mais de 35% da arrecadação de ICMS. Neste cenário, ganha destaque o município de Itajaí, que constitui a segunda maior arrecadação de ICMS de todo Estado de Santa Catarina, mesmo não se figurando entre as cinco maiores

---

[12] O Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí, denominado simplesmente de Comitê do Itajaí, é um arranjo de instituições voltadas para o gerenciamento das águas da bacia, o parlamento das águas, criado pelo Decreto Estadual nº 2109/97. É composto por 10 representantes dos órgãos públicos federal e estadual, 20 representantes dos usuários da água, 10 representantes dos órgãos públicos municipais e 10 representantes da sociedade civil organizada.

cidades do estado em população. Este fato se deve principalmente ao porto municipal pujante que, principalmente durante a década de 1990, acabou por atrair o olhar de investidores e grandes empresas, que o utilizavam para escoar a sua produção, com destaque para as grandes agroindústrias da região oeste catarinense. Posteriormente, acabaram por migrar as suas sedes administrativas para o município de Itajaí.

Para tentar compreender melhor a Bacia do Rio Itajaí, extraímos a Tabela 1 de Rörig (2005, p. 38), onde são enumeradas informações socioeconômicas atuais de toda região.

Tabela 1. Informações sócio-econômicas dos municípios da Bacia do Rio Itajaí e do Estado de Santa Catarina. Fontes: IBGE (2004), ICEPA (2005), PNUD (2003).

Município	População total (2000)	Área (km²)	Densidade demográfica (2000)	População rural (2000)	População urbana (2000)	Taxa de crescimento populacional (1991-2000)	Esperança de vida ao nascer (2000)	Renda *per capita* mensal (R$) (2000)	Pessoas em domicílios com água encanada (%) (2000)	Pessoas em domicílios urbanos com serviço de coleta de lixo (%) (2000)	IDH (2000)	Taxa de alfabeti-zação (2000)	Renda da Indústria (R$) (2001)	Renda do Comércio (R$) (2001)	Renda de Outros Serviços (R$) (2001)	Área Plantada de Arroz (ha) (2002)	Principal Cultura (ha) (2002)
Agrolândia	7.810	192,3	40,6	3.176	4.634	-0,88	73,28	213,5	97,4	96,1	0,775	92,82	23.482.585	14.013.390	17.217.827	255	Milho (2500)
Agronômica	4.257	116,7	36,5	3.385	872	-0,14	76,01	267,32	98,91	96,06	0,811	93,08	5.025.757	23.334.289	281.192	376	Milho (1860)
Alfredo Wagner	8.857	733,4	12,1	6.384	2.473	-1,27	74,19	258,12	97,73	91,83	0,778	86,99	4.138.105	12.850.945	1.922.164	78	Cebola (4000)
Apiúna	8.520	489,1	17,4	4.914	3.606	0,68	71,92	243,02	96,09	97,58	0,768	88,68	95.468.789	38.266.360	9.189.705	35	Fumo (878)
Ascurra	6.934	119,1	58,2	815	6.119	1,72	74,44	290,6	99,64	98,15	0,813	95,35	40.971.919	20.637.162	8.546.382	700	Arroz (700)
Atalanta	3.429	98,1	35,0	2.296	1.133	-0,73	75,34	256,99	100	95,65	0,81	94,99	3.400.348	4.317.656	393.347	3	Milho (950)
Aurora	5.474	226,4	24,2	3.992	1.482	0,41	76,01	282,94	98,88	96,2	0,812	95,47	11.167.907	5.469.198	960.526	8	Milho (2860)
Benedito Novo	9.071	386,1	23,5	4.170	4.901	0,81	74,75	252,12	97,83	96,95	0,802	94,83	50.192.090	14.773.320	4.803.414	330	Milho (1100)
Blumenau	261.808	510,3	513,0	19.865	241.943	2,39	74,44	462,28	99,05	99,48	0,855	97,21	3.915.911.497	2.086.379.611	322.054.045	40	Milho (500)
Botuverá	3.756	317,8	11,8	2.953	803	0,46	74,44	250,29	99,27	99,1	0,795	92,56	21.404.444	2.410.924	1.334.304	-	Fumo (332)
Braço do Trombudo	3.187	90	35,4	1.565	1.622	5,07	75,64	237,04	97,83	95,86	0,799	91,21	46.280.132	4.457.827	107.192	69	Milho (475)
Brusque	76.058	280,6	271,1	2.802	73.256	2,96	74,96	416,43	98,34	98,99	0,842	96,07	1.044.378.697	650.913.988	118.595.235	125	Mandioca (250)
Chapadão do Lageado	2.561	113,9	22,5	2.272	289	-0,94	75,34	174,69	98,34	75,56	0,774	90,53	-	846.972	26.776	5	Milho (2400)
Dona Emma	3.309	146,6	22,6	1.941	1.368	-1,64	73,32	245,03	98,97	94,18	0,794	94,01	3.867.174	3.470.082	323.028	5	Milho (1300)
Doutor Pedrinho	3.082	375	8,2	1.413	1.669	0,28	73,36	290,84	97,74	98,29	0,802	94,87	6.430.777	3.110.905	1.325.414	750	Arroz (750)
Gaspar	46.414	369,8	125,5	16.813	29.601	3,03	74,76	364,62	99,6	99,8	0,832	96,14	624.321.745	171.889.824	49.144.188	3.200	Arroz (3200)
Guabiruba	12.976	173,2	74,9	928	12.048	3,10	75,98	329,97	99,21	97,91	0,829	95,34	89.589.813	28.207.100	3.336.429	50	Milho (150)
Ibirama	15.802	268,5	58,9	2.687	13.115	1,71	76,01	304,06	98,23	95,58	0,826	94,35	109.273.985	41.985.652	6.122.695	70	Milho (500)
Ilhota	10.574	245,2	43,1	4.129	6.445	1,27	73,97	251,71	99,02	98,64	0,795	92,91	84.181.523	14.081.247	2.083.403	2.100	Arroz (2100)
Imbuia	5.246	124,1	42,3	3.291	1.955	0,49	72,22	254,15	98,16	95,59	0,777	90,88	152.970	9.023.210	1.023.855	4	Cebola (1200)
Indaial	40.194	429,9	93,5	1.812	38.382	2,95	73,36	341,92	99,32	95,99	0,825	96,52	504.691.274	190.673.488	13.709.538	240	Arroz (240)
Itajaí	147.494	303,6	485,8	5.544	141.950	2,38	73,18	387	98,2	98,83	0,825	95,03	1.152.290.030	3.994.823.480	300.576.694	2.020	Arroz (2020)
Ituporanga	19.492	335,7	58,1	7.828	11.664	0,28	76,9	281,8	99,11	92,12	0,825	93,5	31.441.034	59.543.566	6.330.963	5	Cebola (6500)
José Boiteux	4.594	358,6	12,8	3.128	1.466	-0,36	72,77	215,45	97,19	87,42	0,771	88,82	5.179.344	4.090.455	631.591	3	Fumo (1115)
Laurentino	5.062	67,9	74,6	1.824	3.238	-1,05	76,01	323,85	99,17	96,6	0,825	94,1	39.155.484	10.961.693	961.363	55	Milho (700)
Lontras	8.381	197,5	42,4	3.072	5.309	1,06	72,88	237,04	98,75	95,38	0,777	92,56	16.731.753	17.683.373	1.756.326	135	Milho (1300)
Luiz Alves	7.974	260,8	30,6	5.850	2.124	2,38	74,44	507,63	99,15	96,69	0,84	94,48	89.627.566	15.492.169	627.069	550	Banana (3900)
Mirim Doce	2.753	333,9	8,2	1.595	1.158	-2,95	72,77	288,51	97,36	94,64	0,79	89,06	3.234.434	1.693.733	48.104	1.950	Arroz (1.950)

Tabela 1. continuação.

Município	População total (2000)	Área (km²)	Densidade demográfica (2000)	População rural (2000)	População urbana (2000)	Taxa de crescimento populacional (1991-2000	Esperança de vida ao nascer (2000)	Renda per Capita mensal (R$) (2000)	Pessoas em domicílios com água encanada (%) (2000)	Pessoas em domicílios urbanos com serviço de coleta de lixo (%) (2000)	IDH (2000)	Taxa de alfabetização (2000)	Renda da Indústria (R$) (2001)	Renda do Comércio (R$) (2001)	Renda de Outros Serviços (R$) (2001)	Área Plantada de Arroz (ha) (2002)	Principal Cultura (ha) (2002)
Navegantes	39.317	119,3	329,6	2.667	36.650	6,94	71,42	236,51	98,38	98,35	0,774	92,45	137.240.432	89.597.912	2.027.580	736	Arroz (736)
Petrolândia	6.406	251,6	25,5	4.595	1.811	-0,22	73,28	227,61	98,13	95,96	0,783	91,67	1.604.932	9.808.594	2.012.924	15	Milho (2750)
Pomerode	22.127	217,8	101,6	3.414	18.713	1,63	74,6	387,75	99,05	97,88	0,849	98,13	380.398.032	86.203.403	7.014.742	10	Milho (1260)
Pouso Redondo	12.203	363,9	33,5	5.835	6.368	-0,03	74,46	233,87	94,99	91,3	0,786	91,58	66.837.095	26.430.008	5.742.631	3.200	Arroz (3.200)
Presidente Getúlio	12.333	322,4	38,3	4.466	7.867	0,84	73,2	303,3	98,41	97,54	0,81	95,83	181.481.256	25.476.415	8.177.369	70	Milho (1800)
Presidente Nereu	2.305	224,9	10,2	1.529	776	-1,69	75,23	185,94	98,9	93,81	0,774	86,56	102.591	1.336.216	101.357	2	Fumo (945)
Rio do Campo	6.522	496,9	13,1	4.234	2.288	-0,68	76,01	224,74	94,23	93,27	0,797	92,16	11.728.163	6.078.865	694.308	1.070	Milho (2.000)
Rio do Sul	51.650	261,2	197,7	3.232	48.418	1,31	72,88	391,61	99,4	98,12	0,827	94,98	334.350.205	514.378.598	26.460.621	270	Milho (1300)
Rio d'Oeste	6730	244,7	27,5	4.104	2.626	1,50	73,31	279,56	99,02	98,53	0,799	93,71	25.408.229	8.938.437	1.569.836	1.500	Milho (1.800)
Rio dos Cedros	8.939	556	16,1	5.181	3.758	0,74	75,69	271,98	90,62	99,27	0,817	96,07	56.177.812	18.092.613	1.674.184	1.100	Arroz (1100)
Rodeio	10.380	134	77,5	1.514	8.866	1,52	73,08	303,49	99,46	94,35	0,81	95,26	88.520.671	18.617.536	3.107.692	700	Arroz (700)
Salete	7.163	167,4	42,8	2.580	4.583	-1,13	75,23	232,81	98,73	93,88	0,8	93,68	37.699.757	9.338.437	1.569.836	140	Fumo (898)
Santa Terezinha	8.840	722,2	12,2	7.698	1.142	0,25	70,67	157	71,32	87,46	0,738	90,93	348.951	4.067.085	313.774	280	Milho (5.600)
Taió	16.257	715,2	22,7	8.370	7.887	2,31	73,77	289,79	97,41	97,87	0,809	94,05	51.330.476	66.526.641	3.230.143	2.100	Milho (3.000)
Timbó	29.358	130	225,8	2.575	26.783	2,10	73,36	395,4	99,28	99,23	0,843	97,4	565.352.339	115.322.594	20.539.037	817	Arroz (817)
Trombudo Central	5.795	101,6	57,0	2.641	3.154	0,78	76,01	276,11	93,86	99,17	0,818	93,42	74.503.363	10.554.968	2.998.790	78	Milho (1.150)
Vidal Ramos	6.279	343,8	18,3	4.782	1.497	-0,03	71,56	213,65	98,96	95,65	0,766	89,02	1.479.435	5.073.659	422.752	20	Milho (2200)
Vitor Meireles	5.519	423,8	13,0	4.421	1.098	1,32	72,77	223,53	96,94	84,06	0,77	90,25	1.538.105	4.775.947	312.248	38	Fumo (1883)
Witmarsum	3.251	129,9	25,0	2.639	612	-3,40	76,88	221,72	97,66	89,95	0,807	94,54	4.737.234	2.745.604	406.617	15	Milho (1200)
TOTAL	996.443	13.591	-	196.921	799.522	-	-	-	-	-	-	-	4.781.007.984	5.590.093.509	476.377.101	23.497	-
MÉDIA	-	289,2	75,9	4.190	17.011	0,80	74,2	282,6	97,5	95,3	0,80	93,3	-	-	-	-	-
Total Santa Catarina	5.356.360	95.285	-	1.138.429	4.217.931	-	-	-	-	-	-	-	40.018.152.979	33.114.152.979	9.694.789.504	137.340*	Milho (832.391)
Média Santa Catarina	-		56,1	3.885	14.395	0,86	73,7	348,7	96,4	96,9	0,79	93,7	-	-	-	-	-

Podemos observar na tabela, que a média do crescimento populacional do Vale do Itajaí (0,80) é menor que a do Estado de Santa Catarina (0,86). Apesar disso, se considerarmos apenas a microrregião do Baixo Vale do Itajaí perceberemos um crescimento muito superior à média estadual. Notamos que o município de Navegantes possui o maior crescimento populacional de todo o Vale. Este crescimento se deve a diversos fatores, o principal deles é a grande visibilidade dada a foz do Rio Itajaí-Açu pelo porto municipal de Itajaí e pela construção do porto de Navegantes, que foi inaugurado em 2007, bem como a expansão da indústria naval, no chamado complexo portuário da foz do Itajaí.

Segundo esta tabela, as médias apontadas para a Bacia do Itajaí acompanham a tendência das médias do Estado de Santa Catarina, chamando a atenção para a menor renda *per capita* (R$) da região em relação ao restante do Estado, o que gera certo grau de contradição, pois se tem o imaginário de uma região extremamente rica e com alta distribuição de renda. Este imaginário está muito ligado à visibilidade ganha por estas cidades pelo Porto Municipal de Itajaí, que foi durante muito tempo, o segundo em movimentação de carga do país. Suas praias também contribuem para esta visão, destacando-se a Praia Brava, no município de Itajaí, e o município de Balneário Camboriú.

Podemos ressaltar, ainda, o fato do Vale possuir uma média de população urbana e rural maior que a do Estado de Santa Catarina, mas Mattedi e colaboradores (2009) alertam para o aumento progressivo da concentração populacional nos centros urbanos do Vale, principalmente nas cidades de Blumenau e Itajaí, característica que tem transformado constantemente os eventos naturais em grandes problemas sociais.

3.2 DESCRIÇÃO GERAL DO MUNICÍPIO DE ITAJAÍ

3.2.1 Descrição Física

O município de Itajaí, localizado no litoral centro-norte catarinense, possui uma área territorial de 289,255 Km² (BRASIL, 2007a). Com uma grande zona urbana e rural, constituindo-se em uma cidade bastante diversificada do ponto de vista econômico,

étnico e cultural. Faz limite com os municípios de Navegantes, Balneário Camboriú, Camboriú, Brusque, Gaspar, Ilhota e Oceano Atlântico (Figura 2).

Por estar localizado na foz do Rio Itajaí sofre influência direta do mar, constituindo-se em um município estuarino (SCHETTINI, 2002), como muitos outros municípios brasileiros que se desenvolveram na borda de estuários.

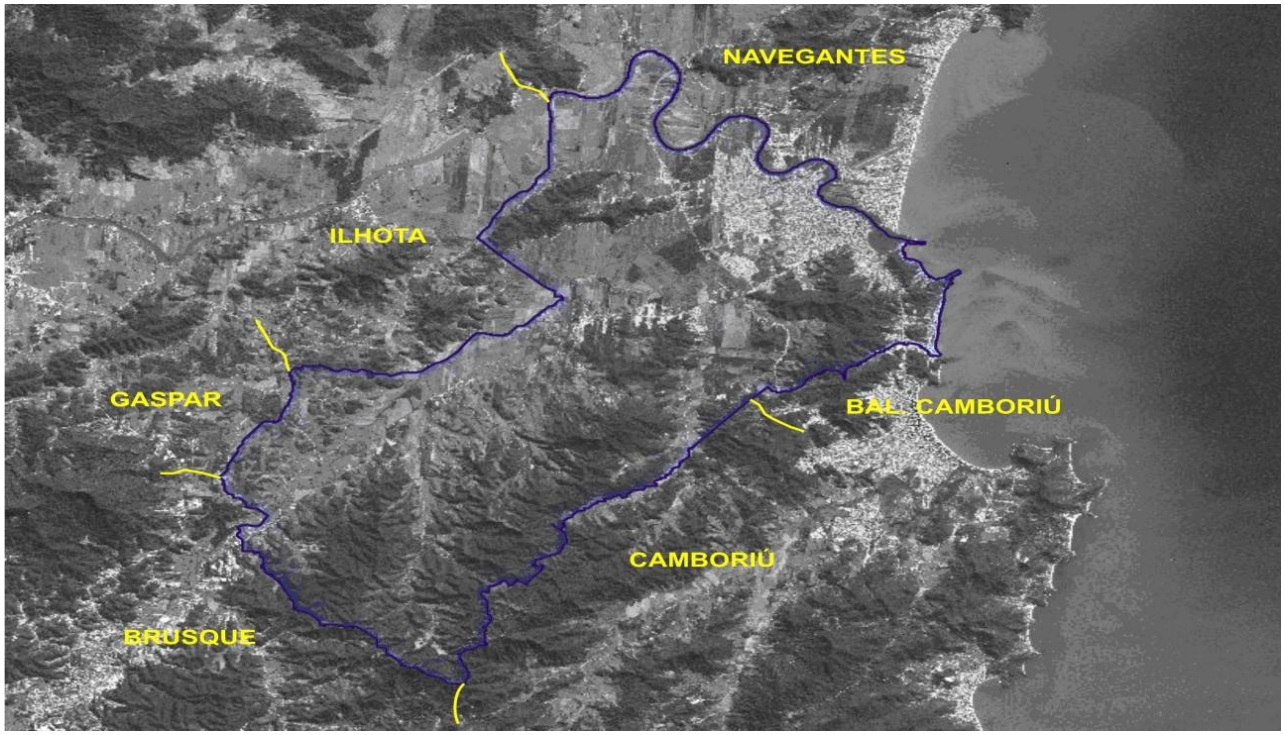


Figura 2 - Mapa do município de Itajaí.

Fonte: Prefeitura Municipal de Itajaí (2010).

No que se refere à formação geológica, o município é composto em mais de 40% do seu território por depósitos aluvionares e de retrabalhamento fluvial, o que demonstra a presença dentro do município de uma grande planície de inundação (PREFEITURA DE ITAJAÍ, 2006). Nesse sentido, podemos perceber grande importância do Rio Itajaí-Açu e seus afluentes para a formação geológica desta região, bem como o fato destes recursos hídricos estarem constantemente adentrando ao continente para depositar e retrabalhar os sedimentos. Esta dinâmica, própria de suas condições hídricas e geológicas, favorece as constantes e frequentes inundações no território do município de Itajaí.

Outro fator importante a ser considerado é a declividade do município de Itajaí, principalmente se pensarmos nas enchentes: 54,26% da área total do município

apresenta declividade entre 0-2º, entre 2-6º totaliza 7,73% e entre 6-17º, totaliza 16,26%. O que demonstra tratar-se, assim como outras cidades da região (principalmente do baixo vale), de um município com baixa declividade e com maior suscetibilidade a ocorrências de enchentes, enxurradas e alagamentos.

O município de Itajaí, por estar localizado na foz do Rio Itajaí e receber o aporte fluvial de toda bacia hidrográfica, associado a sua formação geológica e localização geográfica, é um local propício a sofrer inundações periódicas dos leitos dos rios, o que historicamente é comprovado e acaba por gerar uma série de danos sociais e econômicos.

Por outro lado, a região, em função destas mesmas características ambientais, favoreceu o desenvolvimento de atividades como a agricultura e a navegabilidade do Rio Itajaí-açu, aspecto que foi bastante aproveitado para a colonização, como mostram Souto (1999) e Mattedi (1994).

Nesse sentido, a presença de rios navegáveis favoreceu o desenvolvimento industrial e comercial da região. O município de Itajaí tem a sua história misturada com a do Porto, pois foi através dele que a cidade nasceu. Isso revela toda vocação e encantamento dos itajaienses com as atividades marítimas e náuticas. Esta é uma relação íntima e próxima, uma vez que é possível ver os navios adentrarem o rio desde o centro da cidade[13].

Mas o Porto de Itajaí tem os seus primeiros estudos para os devidos melhoramentos no início do século XX, passando, dessa forma, por todas as fases e ciclos econômicos do Vale. Por isso, se confunde e faz parte da história viva do município de Itajaí. Como podemos perceber a seguir:

> Segundo registros históricos, os primeiros estudos referentes ao Porto de Itajaí datam de 1905, realizados pela "Comissão de Melhoramentos dos Portos e Rios". Por volta de 1914, foi construída a primeira obra, composta dos 700 metros do molhe Sul, seguidas mais tarde das obras do molhe Norte. O porto propriamente dito foi iniciado em 1938, com a construção do primeiro trecho de cais, com 233 metros de comprimento e estrutura em concreto armado, e do primeiro Armazém. No início da década de 1950 foi construído o segundo trecho de 270 metros, concluindo-se em 1956 mais 200 metros, além da construção de um armazém frigorífico, voltado na época às necessidades da atividade pesqueira.
> O Porto de Itajaí passou a ser considerado "porto organizado" em 28 de junho de 1966, quando foi instalada a Junta Administrativa do Porto de Itajaí,

[13] Lembramo-nos de quando criança, na década de 1990, poder andar livremente no Porto e ver os grandes navios descarregarem. Esta é uma lembrança que provavelmente faz parte da memória de todos os que residem em Itajaí há mais de 20 anos.

> subordinada ao Departamento Nacional de Porto e Vias Navegáveis. (PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAJAÍ, 2005).

Podemos observar que o Porto de Itajaí como porto organizado tem menos de meio século de vida, mas as suas atividades e obras estão registradas em fotografias e retratos que fazem parte do dia a dia do munícipe itajaiense.

Fotos 01, 02, 03 e 04 - Fotos do Porto de Itajaí e do molhe interno do Rio Itajaí-açu.

Fonte: Prefeitura Municipal de Itajaí (2005).

Podemos ver nas fotos, vários momentos do Porto de Itajaí: na década 20 (Foto 1); as obras do molhe interno em 1938 (Foto 2); a ampliação do cais de atracação na década de 50 (Foto 3); e o Porto na década 80, quando vivia o declínio da exportação da madeira.

3.2.2 Descrição Socioeconômica

Os municípios situados na zona costeira brasileira sofrem a cada dia com os problemas causados pelo aumento populacional e planejamento urbano realizado de

forma inadequada, desde uma perspectiva de sustentabilidade dos recursos naturais, constituindo apenas grandes adensamentos populacionais, acentuados pelo processo de expansão da atividade turística (BECKER, 2001). Além disto, podemos considerar que este processo tem levado a uma perda de suas características históricas, patrimoniais e ambientais, constituindo uma tendência global.

O município de Itajaí possui uma população superior a 170.000 habitantes, conforme estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE para o ano de 2009 (Gráfico 1), e acompanha a tendência de litoralização da população brasileira e mundial. Este fator é intensificado em função dos processos sociais mais amplos (como a grande concentração de terras, desempregos, etc.). O município acabou atraindo pessoas que acreditam tratar-se de um local com maiores oportunidades, aspecto reforçado pela mídia ao exaltar o Porto Municipal, em todo território nacional, como o segundo maior porto do país. Este fato acabou por ocasionar uma expansão e crescimento muito acelerado e que tem provocado vários problemas socioambientais, como: ocupação de áreas de riscos, assentamentos subnormais, invasões e construções em áreas de preservação permanente, entre outros.

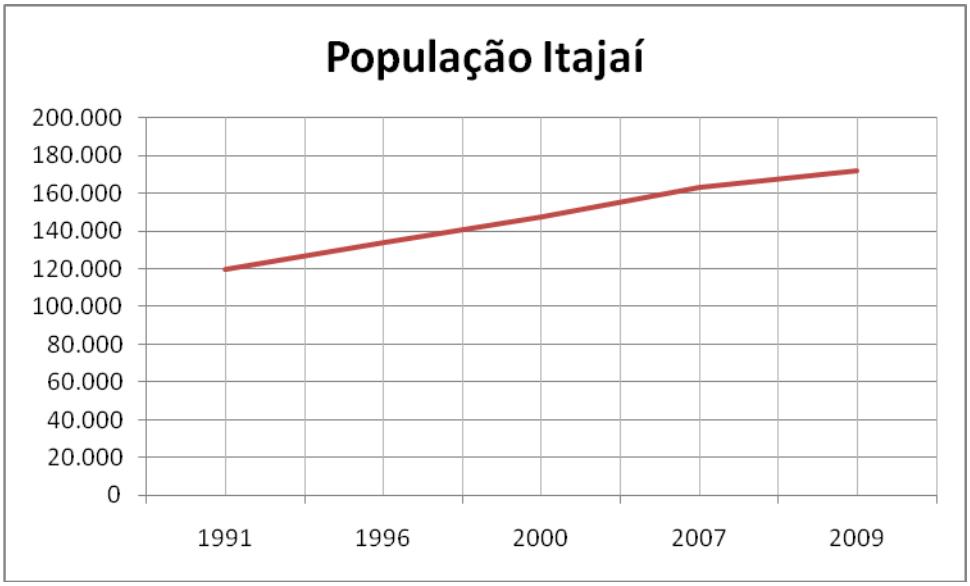


Gráfico 1 - População residente no Município de Itajaí.

Fonte: BRASIL (2009).

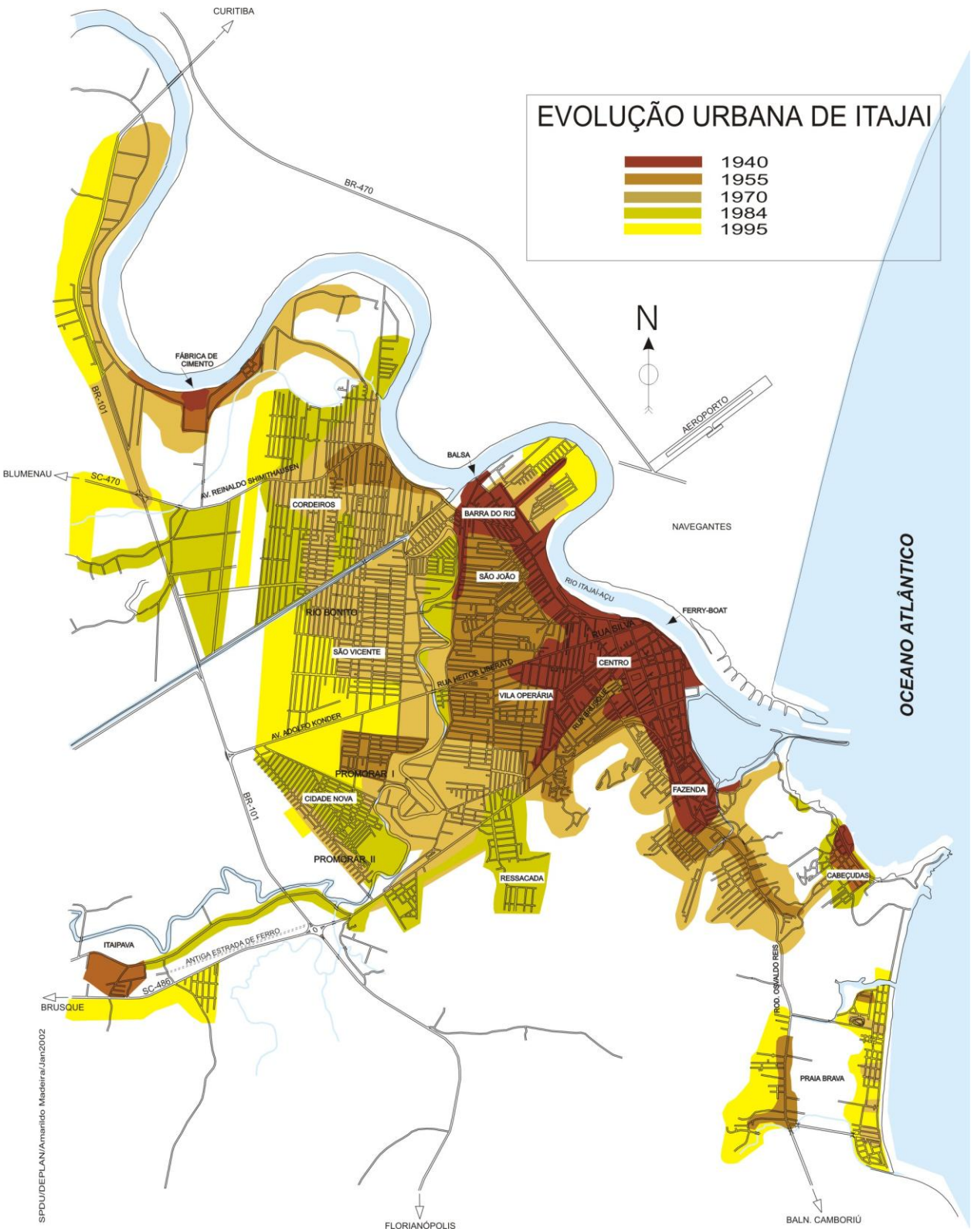
Como se vê no Gráfico 1, o município de Itajaí possui um crescimento quase que constante nas últimas décadas, este é um fato bastante importante para o Planejamento

Público Municipal. Porém, percebemos que, mesmo com este crescimento quase que constante, não houve nenhum planejamento da gestão pública no que se refere à habitação popular, principalmente para retirar as pessoas que se encontram em áreas de risco. Para Kraisch, Refosco e Vibrans (2007), este aumento progressivo e acelerado da população tem causado uma grande mudança na paisagem da foz do Rio Itajaí, que é composta pelas cidades de Itajaí e Navegantes.

Kraisch, Refosco e Vibrans (2007), ao descreverem as mudanças da paisagem na foz do Rio Itajaí, salientam que:

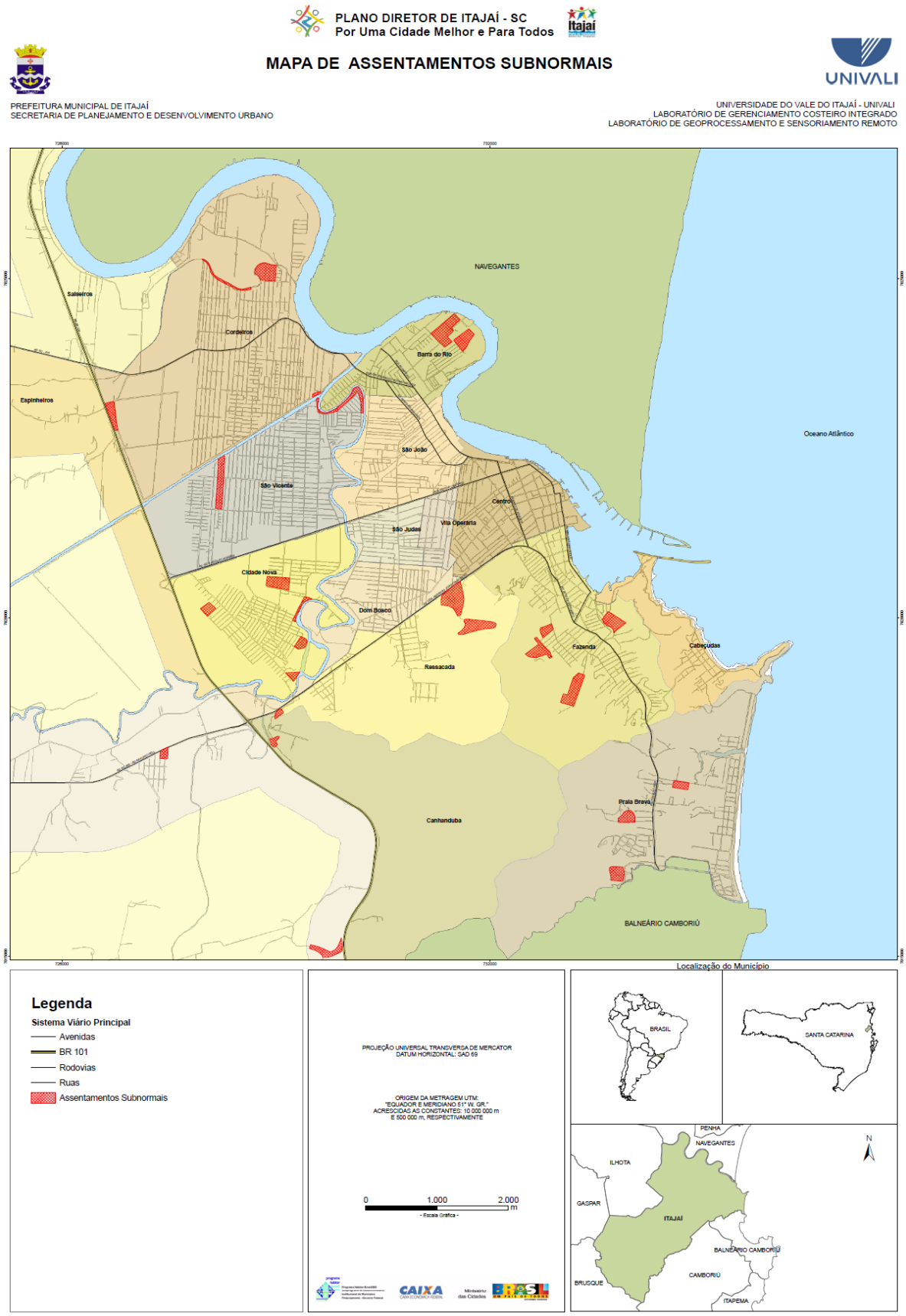
> Assim, é possível verificar que, na região da foz do rio Itajaí, do ano de 1986 para o ano 2004, houve um aumento em 16 pontos percentuais da área urbana e em 5 pontos percentuais da área florestal. As áreas de campos diminuíram em 18 pontos percentuais, permanecendo constantes a outra classe temática. Vale salientar que **as mudanças mais bruscas ocorreram do ano de 1986 para o ano 2000**, sendo que do ano 2000 para o ano de 2004, houve crescimento apenas na área urbana, permanecendo, as demais classes, em processo mais ou menos estabilizado. (KRAISCH; REFOSCO; VIBRANS, 2007).

Assim, provavelmente o grande crescimento urbano nos municípios da foz do Rio Itajaí, conforme citado anteriormente, acabou por acontecer em áreas de risco, com grande grau de vulnerabilidade. No caso do município de Itajaí, muitos destes assentamentos já existiam, mas ganharam maiores dimensões a partir da década de 90. A expansão/evolução urbana de Itajaí e o assentamento subnormais podem ser verificados nos Mapas 1 e 2 a seguir.



Mapa 1 - Mapa de evolução urbana do município de Itajaí.

Fonte: Prefeitura de Itajaí (2006).



Mapa 2 - Assentamentos subnormais do município de Itajaí.

Fonte: Prefeitura de Itajaí (2006).

O município de Itajaí teve uma expansão urbana (Mapa 1) às margens do Rio Itajaí-açu até a década de 40, o que é justificado, uma vez que este era a porta de acesso ao Vale. Mas um fenômeno importante a ser destacado é que a partir da década de 70 o município teve uma grande expansão em direção ao Rio Itajaí-mirim (canal original e retificado). Se cruzarmos estas informações com os chamados assentamentos subnormais (Mapa 2), perceberemos que mais da metade deles se encontram na área entre estes dois canais. Porém, esta área sofreu uma grande expansão durante a década de 1990, em especial, a partir do ano de 1995, provocada pela visibilidade que a região ganhou a partir do destaque nacional do Porto Municipal.

Como podemos vislumbrar, trata-se de uma área que quase não existia durante as enchentes de 1983 e 1984, principalmente, o bairro Cidade Nova ou os populares Promorar I, II e III e o loteamento Rio Bonito, no bairro São Vicente. Estas áreas foram as mais afetadas durante a enchente de 2008.

Percebemos que a falta de planejamento e a forma de ocupação dos municípios ao longo da história do Vale acabou por contribuir para o agravamento das consequências e aumento das ocorrências das inundações, alagamentos, enchentes e enxurradas.

4 CAPÍTULO 2: HISTÓRICO DAS ENCHENTES NO VALE DO ITAJAÍ

Como vimos no capítulo anterior, a região do Vale do Itajaí é marcada por enchentes e inundações, como a de novembro de 2008. Mas, como a população, os moradores e as instituições locais têm lidado, ao longo da ocupação do território, com as particularidades deste ecossistema? Quais os registros e relatos das enchentes e/ou inundações que antecederam a enchente de 2008? Em que medida há uma memória coletiva sobre esta experiência?

Neste capítulo, buscaremos revisitar alguns destes registros escritos, numa espécie de "resgate histórico" das enchentes da Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí-Açu (ver Figura 1 que apresenta o mapa da Bacia).

As enchentes têm sido alvo de referência na mídia local e regional (sobretudo as consideradas maiores ou mais graves), principalmente quando completa "aniversário". Além disso, têm sido fonte de estudo frequente de pesquisas das universidades locais. A título de exemplo, podemos citar a capa do Jornal de Santa Catarina, um dos mais lidos na região, de julho de 2008 (Quadro 3), que publicou uma matéria elaborada com a participação da comunidade e pesquisadores com a seguinte pergunta: "e se fosse hoje?". Trabalhando com a possibilidade da ocorrência de uma nova enchente, como a de 1983, o texto questiona o que aconteceria no Vale do Itajaí e na cidade de Blumenau. Foram entrevistados especialistas, pesquisadores da FURB e moradores da cidade de Blumenau, reforçando o que já apontamos e discutimos durante a introdução sobre a existência de uma maior produção da temática voltada ao município de Blumenau.

É interessante que todos que participaram desta reportagem sublinharam, caso ocorresse uma enchente similar, que os estragos causados seriam inestimáveis. Infelizmente, quatro meses após a veiculação desta reportagem na região aquilo que se colocava como hipótese veio a concretizar-se.

JORNAL DE SANTA CATARINA

Viver!

Bancos condenados por fila

E SE FOSSE HOJE?

Quadro 3: Capa do Jornal de Santa Catarina de julho de 2008.

Fonte: E se fosse hoje? (2008).

Podemos perceber nesta capa do Jornal de Santa Catarina, de julho de 2008, a preocupação com a possibilidade de uma nova enchente no município de Blumenau (foto) e na Região do Vale do Itajaí.

A foto mostra a Avenida Beira Rio, no município de Blumenau, durante a enchente de 1983, que completava 25 anos durante o ano de 2008. Por isso, o Jornal de Santa Catarina resolveu fazer uma ampla reportagem com a pergunta: e se fosse hoje? Não poderiam imaginar que a pergunta se responderia tão rapidamente.

Como vemos, os jornais têm desempenhado um papel importante no sentido de divulgar e relembrar as enchentes do Vale, sendo, portanto, um dos espaços por onde circulam ou são reproduzidas representações sobre este fenômeno. No entanto, neste capítulo apresentamos alguns dos trabalhos escritos que registraram e/ou analisaram algumas das enchentes (tidas como maiores ou principais) ao longo dos dois últimos séculos, quando ocorreu o processo de colonização da região. Não utilizamos fontes jornalísticas do período em função de sua amplitude e de exigir uma formação mais específica, que escapa aos objetivos deste trabalho, mas que, inegavelmente, contribuíram para a memória local. Priorizamos os livros publicados sobre o tema, mas incluímos, já neste momento, alguns trechos das entrevistas realizadas com atingidos pela enchente de 2008 para comparar com a memória de pessoas que, de alguma forma, passaram pelas enchentes que ocorreram na região do Vale do Itajaí.

4.1 ENCHENTES NO VALE DO ITAJAÍ: OS PRIMEIROS RELATOS

Os primeiros relatos escritos sobre enchentes na região do Vale do Itajaí encontrados na literatura datam do ano de 1848. O primeiro relato é feito pelo Dr. Hermann Blumenau (no início da colonização da hoje cidade de Blumenau), que descreve o transbordamento de um rio, que Frotscher (1998) acredita ser o Rio Itajaí-Açu: "[...] após grandes chuvas o rio transborda, tem forte correnteza e se eleva em três dias, e às vezes em 24 horas chega numa altura de até 24 pés ou mais"[14]. Três anos mais tarde (1851), é encontrado um novo relato de enchente na região, conforme trecho do Diário da Colônia, quando, neste ano, o rio "[...] cobriu as plantações mais baixas, danificando seriamente o Engenho e carregando com muita madeira que já estava serrada"[15].

Segundo Silva (1988), no ano seguinte (1852) Fritz Müller, em seu diário, relata mais uma enchente da seguinte forma: "nova enchente... como há muitos anos não acontecia"[16]. Este trecho nos faz perceber que o problema com enchentes na região do Vale do Itajaí era recorrente e não um fenômeno ocasional. Ainda no ano de 1853, o mesmo Fritz Müller em carta escrita à sua irmã Rosa, residente na Alemanha, faz nova menção a enchente ocorrida no ano de 1852, entre os dias 20 e 31 de outubro, conforme trecho a seguir:

> [...] Pior passaram os muitos colonos que moravam abaixo dos nossos sítios que haviam construído os seus ranchos nas partes mais baixas; muitos desses ranchos ficaram completamente debaixo d'água e muita coisa se perdeu, acrescendo a isso que muitos colonos chegaram a passar fome porque, com a cheia, os caminhos ficaram interrompidos e a violenta correnteza impedia o tráfego de canoas pelo ribeirão.[17]

---

[14] Carta de Hermann Bruno Otto Blumenau, de Desterro, data de 21.04.1848, encaminhada a pais e parentes na Alemanha, citada por Méri Frotscher, 1998.

[15] Trecho do diário da colônia, citado por José Ferreira da Silva. As Enchentes no Vale do Itajaí, 1975 apud Méri Frotscher, 1999.

[16] Trecho do diário de Fritz Müller, citado por José Ferreira da Silva. As Enchentes no Vale do Itajaí, 1975 apud Marcos Antonio Mattedi, 1994.

[17] Trecho da carta de Fritz Müller à sua irmã rosa, da Alemanha, com data de 06-01-1853, citado por José Ferreira da Silva, 1975 apud Méri Frotscher, 1998.

É interessante observar que Silva (1988) relata a ocorrência de duas enchentes para o ano de 1852: a primeira, supracitada, em outubro, e a segunda em novembro do mesmo ano. Ambas teriam trazido como resultado grandes estragos principalmente às plantações e às casas, o que acabou por gerar um grande desconforto e reclamações por parte dos imigrantes aos idealizadores da colônia, principalmente ao Dr. Hermann Blumenau.

Também em carta escrita ao Imperador da República, D. Pedro II, com data de 30 de abril de 1856, o Dr. Hermann Blumenau descreve detalhadamente as dificuldades na implantação da Colônia de Blumenau, colocando como um dos grandes obstáculos a enchente enfrentada no ano anterior, conforme descrito no trecho transcrito a seguir:

> Tendo visitado este meu amigo e querendo voltar para cá, na véspera do dia fixado da minha partida, 17 de novembro, trouxe-me lembranças funestas, pois um temporal furioso iniciou de S.S.E., acompanhado de chuva diluvial, que somente cessou no dia 20. Menos de 36 horas foram suficientes para encher o rio até a altura de 63 palmos do nível normal antes do inicio do temporal. O rio alagou quase todos os seus barrancos e casas neles estabelecidas, causando inúmeros males e prejuízos diretos, tanto na colônia como em todo o seu território habitado. (BLUMENAU, 1999, p. 20).

O Dr. Hermann Blumenau, em carta escrita ao seu amigo naturalista Dr. Riedel, faz comentários sobre os grandes temporais e as enchentes enfrentados[18]. Segundo Silva (1954, p. 8-9):

> Desde o início até 10 de Dezembro de 1859, o Dr Blumenau travou uma batalha tremenda para não fracassar o seu empreendimento. Lutou contra a inclemência da natureza, contra as investidas dos índios, contra as Enchentes do Itajaí-Açu e contra a incompreensão dos seus próprios colaboradores

Como podemos perceber pelas cartas, as enchentes na região do Vale do Itajaí eram fatos recorrentes na vida dos imigrantes e já a sua época evocavam queixas e reclamações dos moradores (no caso colonizadores) às autoridades, sendo vistas como eventos que teriam gerado dificuldades para a implantação das colônias.

A seguir, descrevemos brevemente as grandes enchentes que marcaram a região do Vale do Itajaí, seguindo a opinião dos autores que escreveram a respeito, sem pretender fazer aqui uma análise das representações destes autores, que exigiria um

---

[18] KORMANN, Edith. **Blumenau**: arte, cultura e as histórias de sua gente. Blumenau: Ed. do autor, 1995.

trabalho de maior fôlego, mas seguindo a cronologia e as descrições feitas por eles. Para isso, abordamos cada uma separadamente com o principal objetivo de facilitar a compreensão destes fatos históricos.

Estas enchentes estão constantemente descritas na bibliografia como sendo aquelas que causaram transtornos e perdas para a região, daí o uso de adjetivos como "grandes" ou "maiores". Algumas delas, as mais recentes, foram citadas e lembradas pelos entrevistados, motivo pelo qual apresentamos estas falas juntos aos registros escritos trazidos.

4.2 AS ENCHENTES QUE MARCARAM O VALE DO ITAJAÍ

4.2.1 Enchente de 1855: a primeira *grande enchente* com registros

A primeira grande enchente relatada no Vale do Itajaí é a que ocorreu no ano de 1855, segundo D'Ávila (1981). Esta enchente foi alvo de carta do Dr. Hermann Blumenau ao Imperador da República, D. Pedro II, como vimos anteriormente, datada de 30 de abril de 1856, e da qual faz parte o trecho a seguir:

> Das plantações de milho, feijão e batatas em todo o rio não ficou senão apenas 30% e fui obrigado a buscar semente destas últimas duas em Santa Catarina e do Rio de Janeiro; mandioca e cana de açúcar ficaram afogadas e apodreceram pelo menos ¾ das plantações novas e velhas. A situação foi tristíssima em toda a parte, os mantimentos subiram a um preço enorme e para não ver os colonos perecerem de fome e perderem inteiramente o fruto de anos de trabalho pela sua dispersão, não houve remédio, senão sustentá-los de novo com fortes adiantamentos, que abateram todos os meus cálculos anteriores. (BLUMENAU, 1999, p. 20-21).

O remetente da carta parecia bastante preocupado com as perdas econômicas decorrentes da enchente, chamando a atenção para a perda de mantimentos e para o provável empobrecimento dos colonos que, segundo seu autor, fora mitigado com a sua disposição em promover adiantamentos, fato este que atestava a sua generosidade e preocupação com o projeto colonizador. Não se tem nenhum relato de que o Imperador

de alguma forma tenha contribuído para mitigar os estragos e problemas relatados através da carta.

Este fato também é descrito por Silva (1988, p. 47) da seguinte forma:

> Em novembro de 1855, chuvas continuadas fizeram transbordar o Itajaí e seus afluentes, alcançando as águas a altura de 9 e meio metros acima do normal, provocando perigosa inundação do povoado. Casas foram alagadas e algumas arrasadas, plantações destruídas.

Além da perda da produção agrícola, os estragos incluíram as moradias de algumas pessoas, como também nas enchentes do século XX e a de 2008.

Mas um fato marcante desta enchente, é o fato de o próprio Dr. Hermann Blumenau ficar isolado e impossibilitado de retornar a sede da colônia, já que sua casa também tinha sido atingida, ou seja, a enchente não atingia apenas as casas mais simples, mas a sua própria. Este acontecimento, pouco difundido na história do Vale do Itajaí, sugere, ao nosso ver, uma decisão talvez equivocada no que se refere à instalação da colônia tão próxima ao rio.

Como destacado por Silva (1988, p. 48), no trecho a seguir:

> O Dr. Blumenau achava-se, na ocasião ausente na Barra do Rio, aonde fora, em companhia do Dr. Fritz Muller, prestar socorros a Paulo Kellner, quase morto pelos bugres[19]. Devido a enorme correnteza, que tornava quase impossível a navegação rio acima, somente vários dias depois, pôde regressar e participar das providências já pelos colonos postas em prática, para obviar as naturais conseqüências da catástrofe. O próprio Dr. Blumenau perdeu a casinha em que morava, arrancada pela fúria das águas e levada rio abaixo. Passou a residir no barracão dos imigrantes, onde mandou preparar dois cômodos.

Como podemos perceber, estes relatos apontam para uma longa história de experiência das populações do Vale do Itajaí em enchentes e demonstram a abrangência destes eventos-desastres, mostrando que atingiriam a todos sem distinção, todos teriam perdas com a situação. Esta é uma questão importante para analisarmos, pois, no caso das enchentes de Itajaí, se as águas cobriram quase toda a cidade, sem distinção, houve grandes diferenças no que tange ao processo de recuperação das casas e das áreas.

---

[19] Referência muito comum à época, que perdurou até o século XX, aos indígenas que viviam na região, vistos de forma fortemente etnocêntrica e alvo de perseguições e extermínio. (LAVINA, 1999).

4.2.2 Enchente de 1880: A *Grande Enchente* da História do Vale do Itajaí

A enchente de 1880 é considerada por diversos autores como a maior de toda história do Vale do Itajaí. Este é um fato fundamentado no maior registro de cota de inundação, atingindo 17, 10 metros (FRANK, 2003).

Para Silva ([197...], p. 25)

> [...] o ano de 1880, ficou tristemente assinalado pela grande e calamitosa enchente do Rio Itajaí, que se estendeu por tôdas as cabeceiras e afluentes, destruindo vidas e propriedades, provocando enormes estragos, ocasionados pelo desvio do Itajaí-Mirim que deixando o seu curso avançou pela estrada de Brusque, abrindo caminho para o mar, por dentro da cidade, levando tudo de roldão. [...] foi sem dúvida a maior de tôda a história de Itajaí.

O mesmo fato também é relatado por Konder (1958, p. 17) da seguinte forma:

> A Guilherme Asseburg coube, ainda, como presidente interino, atravessar a época calamitosa da Enchente de 1880, em que o rio Itajaí, qual ladrão saltando um muro, na frase expressiva de Guerra Junqueiro, saíra inopinadamente fora do seu leito, levando a destruição e a morte a muitos lares. A nossa cidade sofrera particularmente enormes estragos, ocasionados pelo desvio do Itajaí-mirim que abandonando o seu curso, enveredara pela estrada de Brusque abaixo, abrindo caminho para o mar por dentro das nossas ruas e das nossas casas. Testemunhas embora que já fomos de uma enchente igual, não podemos fazer idéia da catástrofe de 1880 [...].

A enchente de 1880 teria sido tão grande e causado tantos prejuízos que teria feito com que o Governo Imperial retardasse a instalação do governo municipal na Cidade de Blumenau (FROTSCHER, 1998). Não se tratando apenas de prejuízos materiais, mas, principalmente, de prejuízos humanos, tendo em vista os dados referentes às mortes e aos prejuízos desta enchente que impressionam a qualquer um, como afirma Silva (1988, p. 106):

> Nas colônias de Itajaí e Príncipe Dom Pedro, não foram menores os estragos, nem menos aflitivo o terror dos habitantes. Em frente a cidade de Itajaí, o embate das ondas durante o temporal, rompeu e fez desaparecer um pontal de areia que, alongando-se para o sul, defendia a cidade da invasão do mar, ao mesmo tempo que um rio, que lhe corre próximo, saindo do seu leito, despejava suas águas sobre a

> cidade, cavando muitas e grandes valas, pelas quais se lançava ao mar, ficando destruídas cerca de 50 casas e muitas famílias sem abrigo. Vou abrir a vossos olhos o quadro triste dessas desgraças. Na colônia de Itajaí, pereceram, nessa inundação, 3 adultos; em Blumenau, 11 pessoas, adultos e crianças; em Luiz Alves, 25 pessoas, maiores e crianças [...].

A dimensão do desastre teria sido tão grande que fez com que o presidente da província, João Rodrigues Chaves, fosse visitar *in loco* a extensão dos estragos e prejuízos causados pelas águas, sendo a primeira enchente a registrar ajuda governamental e ajuda humanitária internacional na história do Vale do Itajaí (SILVA, 1988).

4.2.3 Enchente de 1911: outra *grande enchente* assola o Vale do Itajaí

Após a enchente de 1880, outro grande evento assolou o Vale do Itajaí no ano de 1911. Segundo Adami e Rosa (2005, p. 190), foi "a mais violenta desde a enchente de 1880". A cota do rio registrou 16,90 metros, apenas 30 cm a menos do que no ano de 1880 (FRANK, 2003).

Para D'Ávila (1981), a enchente de 1911 teria sido uma das maiores da história do Vale do Itajaí e particularmente da cidade de Itajaí. Konder (1958) e Silva ([197...]), em dois livros sobre a história de Itajaí, relatam uma enchente no ano de 1910, porém, ao analisarmos diversos outros depoimentos sobre a enchente (D'ÁVILA, 1981; SILVA, 1988; ADAMI; ROSA, 2005) e pela cota apresentada por Frank (2003), acreditamos que se trata de um erro de edição, referindo-se os autores, na verdade, à enchente de 1911, pois um evento de tamanha proporção não passaria despercebido e sem relatos nas mais diversas obras. Por isso, destacamos o trecho a seguir da obra de Silva ([197...], p. 28):

> O ano de 1910 foi marcado por outra colossal enchente, uma dessas inundações periódicas que assolam o Vale do Itajaí. Os efeitos desta catástrofe foram de menor intensidade, não podendo nem de longe ser comparados com os de 1880, mas ainda assim, foram grandes as perdas causadas à lavoura e ao comércio.

Silva (1954) relata a grande pluviosidade da região do Vale do Itajaí, usando como exemplo a enchente de 1911, como pode ser observado no trecho a seguir:

> Em tôda a zona, exposta que está pela penetração dos ventos marinhos, elevadas são as precipitações. Na época de grande pluviosidade, há o transbordamento dos rios e o vale tem sido assolado por grande enchentes, cujos prejuízos foram sempre vultosos. Basta dizer que, na célebre enchente de 1911, as águas subiram, num período de algumas horas, a 16 metros e 27 centímetros do nível normal, consoante registra a crônica local. (SILVA, 1954, p. 2).

O fato de ter chovido antes da enchente durante semanas seguidas acabou por saturar o solo e potencializando os prejuízos e efeitos da tragédia, comparável a de 1880, como descrito por Silva (1988, p. 154):

> Em fins de setembro de 1911, Blumenau sofreu outra grande enchente do Itajaí-Açu. Foi uma catástrofe quase tão calamitosa como a de 1880. Havia chovido semanas inteiras, e o solo, saturado de umidade, esgotou a sua capacidade de absorção. O rio, tendo o seu volume de água consideravelmente aumentado, transbordou, invadindo casas e plantações, levando a ruína e a desolação às regiões ribeirinhas. A cidade ficou praticamente submersa.

Esta enchente foi citada por um dos entrevistados, refletindo o quanto as lembranças daqueles tempos ainda circulam entre as pessoas da região ou, pelo menos, nas redes sociais e/ou familiares onde vive:

> Sempre houve histórias de que tempos em tempos dava uma enchente, eu lembro que a minha avó falava que em 1911 deu uma grande enchente muito grande, que eles foram parar em Luis Alves, eles moravam ali em Machados.
>
> (Maria).

Como se pode perceber pelos relatos, a enchente de 1911 causou grandes estragos para a região do Vale do Itajaí. Um fato que marca esta enchente, constante em quase todos os relatos, é a subida rápida e repentina do nível do Rio Itajaí-Açu. Segundo Frank (2003), foi após esta grande enchente que se iniciaram as discussões para a busca de soluções para esta problemática.

4.2.4 1957: Quatro enchentes

O ano de 1957, segundo vários autores, foi um ano atípico na região do Vale do Itajaí. Neste ano, a região sofreu com quatro enchentes, sendo duas delas com cotas de inundação acima de 16 metros (Tabela 2), o que acabou por gerar uma mobilização das autoridades competentes e da sociedade civil organizada para buscar soluções a fim de evitar e prevenir novas situações como esta (SILVA, 1988). Frank (2003) destaca que as discussões iniciadas após a grande enchente de 1911 ganharam maiores proporções em 1957.

Vemos a partir deste ano algumas medidas preventivas sendo realizadas, mesmo que se possam questionar a morosidade e efetividade delas. O que por si só já é um grande avanço se pensarmos que estes eventos, nesta data, já somavam mais de um século de relatos.

4.2.5 1961: Pequena enchente e grandes prejuízos

Em um ano bastante conturbado politicamente devido à renúncia presidencial de Jânio Quadros, a região do Vale volta a sofrer com uma nova grande enchente. Apesar de não alcançar as cotas da enchente de 1957, esta provoca maiores prejuízos econômicos para região. Podendo estar o fato atrelado ao constante crescimento populacional da região, principalmente, do médio e baixo Vale do Itajaí.

Silva (1988, p. 179) descreve a enchente da seguinte forma:

> Para cúmulo da infelicidade, pouco após o impacto sofrido com a renúncia presidencial, o município é vítima de nova e grande enchente do Itajaí. Embora não tivessem as águas atingido à cota alcançada pela de 1957, provocaram, todavia, danos maiores em prejuízos materiais e em perda de vida. Segundo cálculos feitos na ocasião, os prejuízos sofridos pela população subiram a mais de 70 milhões de cruzeiros.

Podemos observar que a cada nova enchente os prejuízos na região se avolumam, ganhando proporções inestimáveis.

4.2.6 Enchente 1983: uma enchente para entrar para a história

A enchente de 1983, assim como a de 1984, constituem memória recente dos moradores do Vale do Itajaí, o que torna o fato corrente durante as narrativas e a comparação destas com a de novembro de 2008.

Segundo Tucci (2005, p. 31),

> Em 1983, quando a cidade se encontrava bem desenvolvida com população de cerca de 50 mil habitantes ocorreu uma inundação (a quinta em magnitude dos últimos 150 anos) com cota máxima de 15,34 m. Os prejuízos resultantes em todo o Vale do Itajaí representaram cerca de 8% do PIB de Santa Catarina.

As perdas durante a enchente de 1983 foram estimadas por Silva Dias (2009) em aproximadamente US$ 1,1 bilhão em todo Estado de Santa Catarina. Esses dados ajudam a compor a ideia de que teríamos ai uma grande enchente.

Outro aspecto que é importante destacar (ao nosso ver) neste momento, é o de que, nesta década, observa-se um significativo aumento demográfico da cidade, uma expansão da malha urbana do município, elemento que deve ser considerado se pensarmos nas consequências sociais das enchentes a partir dos anos 1980.

Áreas outrora destinadas à criação de animais e plantações ou mesmo vazios urbanos ou áreas de preservação foram ocupadas. Boa parte de forma irregular, sob os auspícios dos poderes públicos, como o caso dos loteamentos Promorar (Bairro Cidade Nova) e Jardim Esperança (Bairro Cordeiros), popularmente conhecido como Brejo, que quase não existiam durante aquela enchente, hoje possuem e abrigam uma grande população.

Cabe salientar que muitos dos loteamentos hoje instituídos e reconhecidos pelo poder público foram ocupados de forma irregular em áreas de risco e com grande grau de suscetibilidade a enchentes. Porém, o governo, ao invés de investir em políticas públicas de habitação que visassem à remoção destas famílias para outras áreas, teve por hábito regularizar e promover toda infraestrutura para estes loteamentos.

4.2.7 Enchente 1984: a história se repete

A enchente de 1983 foi seguida pela de 1984, o que contribuiu para que muitos chamassem a década de 80 de "a década de grandes enchentes no Vale do Itajaí", principalmente se pensarmos que a de 1984 acabou por atingir um pico de 15,46 metros. (SILVA DIAS, 2009; FRANK, 2003).

No ano de 1984, segundo relatos, a enchente assolou grande parte do território catarinense e todo Vale do Itajaí, conforme descrito por Adami e Rosa (2005, p. 192):

> Em 1984, o fenômeno ocorreu a partir de 6 de agosto, ficando área da bacia do Itajaí-Açu e Itajaí Mirim submersa por mais 3 dias e a do Iguaçu por 6 dias. Dos 199 municípios do Estado, 82 foram castigados pelas Enchentes, equivalente 36,5 mil quilômetros quadrados ou 38% do território catarinense. A enchente deixou 255,88 mil desabrigados e matou 19 pessoas.

A enchente de 1984 teve grande impacto sobre o Estado de Santa Catarina, principalmente se considerarmos o fato de ter acontecido um ano após uma enchente que teve grandes proporções na região, conforme Tucci (2005).

Os entrevistados que, de alguma forma, vivenciaram a enchente de 1983 e 1984 associam normalmente as duas de forma conjunta, por tratarem-se de duas enchentes de grandes proporções em um curto espaço temporal, o que faz com que acabem associando-as. Isto pode ser percebido nos trechos das falas a seguir:

> A enchente de 83 e 84 os filhos eram pequenos e então além da gente sair de batera (tipo de embarcação comum no município de Itajaí), a gente saia com os filhos do lado tendo que cuidar de um e de outro, a angústia de quem tava perto, agora não.
>
> (Maria).
>
> Já vai para terceira. É a terceira. Nessa de 83 e 84 nós tinha tudo, na época da usina que a gente cortava cana. É nós trabalhava na usina. Só que daí a gente tinha muito apoio, porque a usina ajudou muito, né?
>
> (Joana).

As enchentes de 1983 e 1984 se sucederam em um curto espaço temporal, o que também aumentou a preocupação dos atingidos. Este fator será mais abordado no próximo capítulo.

4.3 A REINCINDÊNCIA DAS ENCHENTES

Os relatos sobre as enchentes históricas demonstram que não são fatos casuais e isolados, mas se tratam, sim, de fenômenos reincidentes na região do Vale do Itajaí. Por isso, é importante observarmos a recorrência das enchentes e considerarmos que estas fazem parte da história (e da memória) da região, não sendo acontecimentos inesperados e surpreendentes.

Na Tabela 2 podemos observar o registro das enchentes na cidade de Blumenau de 1852 a 2008, o que demonstra que se trata de fenômeno recorrente e mais frequente com o passar dos anos.

Tabela 2 - Picos de cheias registrados em Blumenau.

Ano	Data	Cota	**Ano**	Data	Cota	**Ano**	Data	Cota
1852	29.10	16.30	**1933**	04.10	11.65	**1971**	09.06	10.10
1855	20.11	13.30	**1935**	24.09	11.40	**1972**	02.08	10.80
1862	11	9.00	**1936**	06.08	10.15	**1972**	29.08	11.07
1864	17.09	10.00	**1939**	27.11	11.20	**1973**	25.06	11.05
1868	27.11	13.30	**1943**	03.08	10.25	**1973**	28.07	09.10
1870	11.10	10.00	**1946**	02.02	9.20	**1973**	29.08	12.24
1880	23.09	17.10	**1948**	17.05	11.60	**1975**	04.10	12.40
1888		12.80	**1950**	17.10	9.20	**1977**	18.08	09.00
1891	18.06	13.80	**1953**	01.11	9.40	**1978**	26.12	11.15
1898	01.05	12.80	**1954**	08.05	9.30	**1979**	10.05	09.75
1900	6	12.80	**1954**	22.11	12.28	**1979**	09.10	10.20
1911	29.10	9.86	**1955**	20.05	10.36	**1980**	22.12	12.02
1911	02.10	16.90	**1957**	22.07	9.10	**1983**	04.03	10.35
1923	20.06	9.00	**1957**	02.08	10.10	**1983**	20.05	12.46
1925	14.05	10.30	**1957**	18.08	12.86	**1983**	09.07	15.34
1926	14.01	9.50	**1957**	16.09	9.24	**1983**	24.09	11.50
1927	09.10	12.30	**1961**	12.09	10.10	**1984**	07.08	15.46
1928	18.06	11.76	**1961**	30.09	9.40	**1990**	21.07	8.82
1928	15.08	10.82	**1961**	01.11	12.18	**1992**	29.05	12.80
1931	02.05	10.70	**1962**	21.09	9.04	**1992**	01.07	10.62

Ano	Data	Cota	**Ano**	Data	Cota	**Ano**	Data	Cota
1931	14.09	10.90	**1963**	29.90	9.42	**1997**	01.02	9.44
1931	18.09	11.28	**1966**	13.02	9.82	**2001**	01.10	11.02
1932	25.05	9.85	**1969**	06.04	9.89	**2008**	24.11	11.52

Fonte: Frank (2003); Aumond et al. (2009).

Frank (2003, p. 16) destaca, ainda, que: "De 1850 a 2002 foram registradas 68 enchentes, das quais 11 (onze) até 1900, 20 (vinte) nos 50 anos subseqüentes e 38 nos últimos 50 anos" (Tabela 2).

Se agruparmos as datas das enchentes em períodos menores, podemos perceber claramente este aumento das enchentes na cidade de Blumenau. Para isso, elaboramos a Tabela 3, que demonstra o número de enchentes que ocorreram em cada década, de 1850 a 2000, na cidade de Blumenau, e que podemos, para efeitos elucidativos, expandir para toda região do Vale do Itajaí.

Tabela 3 - Enchentes na cidade de Blumenau por décadas (1850-2000).

Período	**Número de Enchentes por década**
1850-1860	02
1860-1870	03
1870-1880	01
1880-1890	02
1890-1990	02
1990-1910	01
1910-1920	02
1920-1930	06
1930-1940	08
1940-1950	03
1950-1960	09
1960-1970	07
1970-1980	11
1980-1990	06
1990-2000	04

Percebemos um aumento nos registros, a partir de 1920, das enchentes que atingiram a cidade de Blumenau, porém, este fato também pode ser creditado ao processo de aperfeiçoamento de registros das enchentes. Cabe ressaltar que foi após a enchente de 1911 que se começou a pensar em um sistema de alerta e registro para o Vale do Itajaí. Entre 1927 e 1929 foram instalados no Rio Itajaí-Açu e seus afluentes 24 postos fluviométricos (FRANK, 2003).

Se atentarmos para as 68 enchentes descritas por Frank (2003) para a cidade de Blumenau, no período de 1852 a 2002, expandirmos para toda a região e adicionarmos outros relatos, podemos perceber que temos um número maior de enchentes em toda região. Este fato se deve aos afluentes que deságuam no Rio Itajaí, como, por exemplo, o Rio Itajaí-mirim, que corta as cidades de Brusque e Itajaí. Silva (1988) descreve duas enchentes na cidade de Blumenau em 1863 e 1956, enquanto Adami e Rosa (2005) registram para a cidade de Brusque mais uma enchente no ano de 1864, no dia 13 de julho, e outra no ano de 1960. Silva (1954) descreve uma enchente no ano de 1861 que gerou transtornos na instalação das colônias de Itajaí e Príncipe D. Pedro de Brusque.

Cabe ressaltar que estas cinco enchentes descritas não constam dos registros de enchentes da cidade de Blumenau entre 1852 a 2008 (Tabela 2), o que nos permite concluir que o número de enchentes para a Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí é maior, podendo aproximar-se de uma enchente de abrangência mais localizada a cada dois anos.

Para ilustrar a reincidência das enchentes no município de Itajaí apresentamos algumas fotos que fazem parte do acervo da Fundação Genésio Miranda Lins.

Fotos 05 e 06: Enchentes no município de Itajaí nos anos de 1939 e 1948.

Fonte: Fundação Genésio Miranda Lins (1939; 1948).

Fotos 07 e 08: Enchentes no município de Itajaí nos anos de 1950 e 1973.

Fonte: Fundação Genésio Miranda Lins (1950; 1973).

4.4 SISTEMA DE ALERTA E OBRAS DE PREVENÇÕES

Após a enchente ocorrida no ano de 1911, percebemos uma mobilização da sociedade e das autoridades competentes em torno da busca de soluções que possam amenizar, prevenir ou conter novas enchentes. Esta é uma situação recorrente na história do Vale do Itajaí: após uma grande enchente se inicia uma ampla discussão sobre possíveis soluções, porém se verificam poucas atitudes para se evitar e/ou amenizar novos eventos.

Frank (2003) lembra que após 1911, se iniciou em Blumenau uma discussão sobre a construção de um muro de arrimo, que foi esquecida por mais de quatro décadas e retomada após as quatro enchentes do ano de 1957.

Entre os anos de 1927 e 1929, foram instalados pelo Ministério da Agricultura os primeiros 5 postos pluviométricos e 24 postos fluviométricos na bacia do Rio Itajaí-açu. Este sistema se encontrava em funcionamento de forma satisfatória durante a enchente ocorrida em 1927 (FRANK, 2003).

A autora ressalta que o sistema de previsão de cheias da CELESC (Centrais Elétricas de Santa Catarina S.A.) data da década de 30 e registrou os dados da enchente de 1935 que, após este evento, passou a ter um monitoramento diário apenas em 1940. É importante observar que os sistemas de monitoramento e previsão de cheias estiveram em seu início atrelado a estabelecimentos comerciais com objetivos exclusivos de se evitar perdas.

Porém, Tachini (2003) lembra que o sistema oficial de monitoramento hidrológico foi criado apenas após a grande enchente de 1983 e a implantação pode ser classificada da seguinte forma:

> [...] em três fases: a primeira, de 1984 a 1996, tempo de vigência do primeiro sistema de monitoramento vinculado ao governo federal; a segunda, de 1996 a 1999, período de transição caracterizado pelo sistema de emergência e a terceira, de 2000 em diante, caracterizado pela modernização e estadualização do sistema de monitoramento. (TACHINI, 2003, p. 77).

Após as quatro enchentes do ano de 1957, é retomada a discussão sobre a elaboração de um muro de arrimo para evitar novas enchentes na região do Vale do Itajaí. Esta situação acabou por gerar uma grande mobilização em toda região. Frank (2003) salienta que as lutas por medidas de controle de cheias iniciaram neste ano e lembra o fato da criação da Associação de Imprensa e Rádio do Vale do Itajaí - AIRV, que nasceu após estas enchentes com o objetivo de pressionar o poder público para a tomada de medidas de prevenção e contenção das enchentes nesta região.

Para Frank e Pinheiro (2003, p. 144):

> A história das obras de controle de cheias no Vale do Itajaí teve início em 1957, ano em que ocorreram várias enchentes, a maior delas alcançando a cota de 12,86 metros em Blumenau. O escritório de engenharia achado da Costa S.A. foi contratado para realizar os estudos de aproveitamento múltiplo do rio Itajaí e seus afluentes. A proposta elaborada incluía seis barragens: Norte, Oeste, Sul, Benedito, Subida, Rafael e Itajaí Mirim. Das cinco barragens de retenção de cheias inicialmente previstas, a do rio Benedito foi considerada dispensável, enquanto a necessidade da barragem no rio Itajaí-Mirim seria revista após a retificação do rio no seu baixo curso.

A primeira obra a ser iniciada foi a retificação do Rio Itajaí-mirim, em 1963, em parte do seu trecho na cidade de Itajaí. A Barragem Oeste foi iniciada no ano de 1964 e concluída em 1973, enquanto a Barragem Sul iniciou a sua construção em 1966 e ficou pronta em 1975. As obras da Barragem Norte iniciaram em 1976, mas devido a uma série de problemas na execução da obra, ela entrou em funcionamento apenas no ano de 1992 (FRANK; PINHEIRO, 2003).

Apesar da falta da necessidade da construção de uma barragem no Rio Itajaí-mirim, conforme descrito por Frank e Pinheiro (2003), no ano de 2007, o governo municipal, após um longo período de seca e problemas com o alto índice de salinidade no fornecimento de água, resolveu construir uma barragem para evitar a intrusão da

cunha salina até o ponto de captação de água, na Estação de Tratamento de Água, localizada na comunidade São Roque (zona rural). Mas esta barragem vem trazendo sérios problemas com inundações periódicas para a Colônia Japonesa, que é uma comunidade produtora de hortaliças situada ao lado desta barragem.

4.5 USO POLÍTICO DAS ENCHENTES

O termo "uso político das enchentes" foi utilizado por Frank (2003, p. 18) que relata: "a enchente de 1880 - a maior de que se tem registro - foi a primeira que ensejou ações dos governos da Província e do Império". A autora quer dizer com isto que desde a citada enchente, os governos locais souberam utilizar destes eventos para angariar recursos e atenção das instâncias superiores, criando uma tradição política pautada na ideia de urgência e de emergência. Podemos sugerir que esta tradição se manteve ao longo dos anos e se fez presente na enchente de 2008.

O uso político das enchentes pode ser verificado até mesmo na Carta escrita por Dr. Hermann Blumenau, em 1856, ao Imperador D. Pedro II que, ao falar da enchente ocorrida em 1855, ressaltou os grandes prejuízos, estimando valores, salientando, inclusive, os seus prejuízos próprios. Não pediu explicitamente ao Governo Imperial, mas fez entender que esta ajuda era necessária para reestruturar a futura colônia. No entanto, como já afirmamos, não houve um pedido formal ao Império.

Mas foi a partir da enchente de 1880 que se teve um maior investimento e se iniciou o uso político. Este fato é claramente observado em um caderno especial, elaborado pelo Diário Catarinense (ORIGENS DA CIDADE PORTUÁRIA DO VALE, 2001) sobre a cidade de Itajaí. Segundo o jornal:

> a tragédia comoveu não só a sociedade catarinense como o povo de todo Brasil. O próprio Imperador Dom Pedro II e a Imperatriz enviaram dinheiro ao presidente da Província para fazer frente às despesas com a reconstrução de todo vale, semi-destruído. (ORIGENS DA CIDADE PORTUÁRIA DO VALE, 2001).

Em virtude da grande enchente de 1880, o poeta Cruz e Sousa ofertou sua poesia, intitulada "Saudação", à Sociedade Dramática Fraternal Beneficente do Desterro

(atual Florianópolis) para uso em um espetáculo elaborado em favor das vítimas da enchente de Itajaí (D'ÁVILA, 1981; ORIGENS..., 2001). Segue um fragmento do poema, retirado da contracapa do livro De Itajahy a Itajaí: Cem anos de Poesias[20]:

> [...]
> Ontem, grande desgraça
> Que o povo se abraça
> d'Itajaí em geral!
> Ontem, o cetro divino
> Que se tornando ferino
> Tudo esmaga afinal
>
> Ontem, prantos e dor...
> Grandes gritos de horror...
> A fatal confusão!
> Ontem, lâmpadas perdidas
> De centenas de vidas,
> Que nas águas lá se vão!
> [...]

Podemos ressaltar neste poema expressões do grande sofrimento que uma enchente pode provocar. Ao que parece, as proporções simbólicas desta enchente foram grandes, tendo a poesia de Cruz e Sousa contribuído, a sua maneira, com seu registro e representação.

A partir de 1880, as enchentes estão constantemente sendo utilizadas politicamente por nossos governantes. Esse fato pode ser novamente verificado em 1911, em que "os prejuízos forma vultosos e Blumenau recebeu auxílio de todo o Estado, País e Exterior." (KORMANN, 1995, p. 127). Ele também é descrito por Silva (1988), através da visita do Governador do Estado para verificar o tamanho do desastre.

O mesmo episódio pode ser observado nos grandes eventos subsequentes, nos quais o Vale do Itajaí recebeu grande auxílio, oriundo dos mais diversos lugares. Este fator ganha maiores proporções durante a enchente de novembro de 2008, onde se pode observar uma grande campanha, realizada em todo território nacional, em prol das vítimas da enchente de Santa Catarina.

---

[20] FLORIANO, Magru. (Org.). **De Itajahy a Itajaí**: Cem anos de Poesias. Itajaí: Academia Itajaiense de Letras, 1999.

4.6 AS FESTAS DE OUTUBRO: UMA CRIAÇÃO PÓS-ENCHENTE

O maior exemplo, por toda sua expressão nacional, é a Oktoberfest: realizada na cidade de Blumenau e considerada por Duarte (2008) uma história de sucesso, tanto por parte do comércio e serviços, como pelo que tange à parte cultural.

Duarte (2008) traz, ainda, que a primeira edição da festa estava prevista para o ano de 1983, porém, com a enchente que ocorreu no mesmo ano, foi transferida para o ano seguinte, acontecendo em 1984, mesmo após um novo evento de enchente.

Para Haas-Júnior (2009), a discussão sobre turismo na cidade de Blumenau já estava na pauta desde 1970, quando vários setores locais apontavam para o turismo como fonte de renda (e como setor de empreendimento). Mas esta ideia parece ter adquirido força após as enchentes de 1983 e 1984, conforme descrito a seguir:

> Contudo, esta atividade ganhará *status* de prioridade na pauta das discussões políticas somente a partir deste período, principalmente após as enchentes de 1983 e 1984, quando o turismo se apresenta como uma das alternativas econômicas para auxiliar na reconstrução do Vale do Itajaí. (HASS-JUNIOR, 2009, p. 3864).

Flores e Campos (2007) também atentam para esta situação, como exposto:

> Acompanhamos, nas atas das reuniões da Comissão Municipal do Turismo de Blumenau - homens de cultura, empresários, administradores municipais -, entre os finais da década de Carrosséis urbanos junho de 1960 e a década de 1970, semana a semana, o trabalho de construção da 'ilha' turística. Esse trabalho antecedeu à grande festa turística, a Oktoberfest, que desde 1984 atrai, a cada ano no mês de outubro, milhares de turistas nacionais e internacionais. A Comissão de Turismo preparou o cenário da cidade germânica para realizar a festa germânica. Emergiu um novo sujeito de saber e de poder, que inventa e cria a cidade turística, concebida como cidade-imagem, cidade-cultura, cidade-festas, cidade-eventos, cidade-ecológica, cidade-saneada, cidade-jardim, cidade-congresso. Na criação dessa nova cidade, seus olhares detalharam o centro da cidade, a zona turística. Cada canto, cada rua, cada casa, cada transeunte, tudo é olhado, observado, controlado, reformado, inventado para essa nova geometria da cidade: o quadrante turístico. (FLORES; CAMPOS, 2007, p. 281).

Segundo estes autores, percebe-se que as autoridades municipais (e grupos empresariais) privilegiaram um dos grupos étnicos importantes no processo de colonização da cidade, explorando o turismo, que foi potencializado posteriormente às

enchentes de 1983 e 1984 como uma forma de recuperar a autoestima da população atingida e incrementar uma nova forma de geração de emprego e renda para a cidade e região.

É nesse mesmo sentido e com objetivos similares, que surge a criação da Marejada no município de Itajaí, no ano de 1987, que tem como argumento principal o "resgate e fortalecimento da tradição açoriana." (SEVERINO, 1999). Porém, se concordarmos com a análise de Flores e Campos (2007), fica claro que se trata de uma invenção (e não de um resgate), com fins mercadológicos, com objetivo claro de criar novas fontes de renda para o comércio local. Isso ganha força após o grande sucesso da Oktoberfest.

A criação do roteiro das festas de outubro no Vale do Itajaí (em quase sua totalidade, germânicas) instigou as autoridades do município de Itajaí a se movimentarem para criar uma festa, reportando a uma identidade com francos objetivos mercadológicos.

Este processo, considerado pelos historiadores como um processo de invenção de uma tradição e de uma identidade, é analisado, para o caso de Itajaí, por Severino (1999, p. 51) da seguinte maneira:

> Tornava-se necessário ter uma "origem", uma "tradição" a ser exaltada. Nem que se tivesse que literalmente "inventar" no presente representações de um determinado passado para a cidade. Na verdade, a festa foi *idealizada com a proposta de promover o turismo em Itajaí.* A tradição no caso, *a cultura açoriana, consolidou-se como marca de sucesso da Marejada*.

A invenção desta cultura açoriana, conforme Severino (1999), justifica-se também no fato de oferecer uma nova possibilidade no chamado roteiro das festas de outubro do Vale do Itajaí, que, em quase sua totalidade, constitui-se de festas inspiradas em costumes germânicos, e também o fortalecimento da indústria pesqueira de Itajaí e região que se encontrava em crise.

Mas, como já dissemos antes, além da referência a uma cultura e uma identidade específica, a festa também visava, como se pode ver através de documentos e/ou declarações, a fortalecer a indústria pesqueira de Itajaí e região (que se encontrava em crise) a partir da divulgação dos pescados e produtos deles derivados.

Percebemos, com isso, que as festas de outubro na região no Vale do Itajaí são uma reação direta às enchentes ocorridas, mais especificamente as enchentes de 1983 e

1984, sendo concebidas como uma forma de potencializar o turismo e aquecer a economia local.

Segundo Bitencourt (1999), este roteiro de festas em todo estado demonstra uma sintonia bastante forte com o projeto estadual de turismo, no qual percebemos uma profusão de festas por todas as regiões, criando, desse modo, um identitário que recria as memórias municipais, como percebemos em todo Vale.

4.7 NOVEMBRO DE 2008: A HISTÓRIA SE REPETE

Como vimos argumentando, à luz da bibliografia percorrida, a região do Vale do Itajaí é propícia para a ocorrência de cheias periódicas, fato demonstrado pelas características físicas, como uma grande planície de inundação, especialmente no município de Itajaí, e agravada pela forma de colonização adotada, principalmente por encarar a natureza como um grande impedimento ao desenvolvimento. Temos certeza de que todos estes fatores, associados ao grande crescimento populacional e ocupação de áreas de riscos teve um papel fundamental para o agravamento do desastre.

Tentaremos explicar algumas características da enchente de novembro de 2008, como a grande precipitação na região durante os meses de setembro a novembro. Para isto, faremos uma descrição geral sobre alguns pontos que consideramos importantes e que cercam a citada enchente.

4.7.1 As chuvas que não param

Certamente, o ano de 2008 foi um ano atípico no que se refere a precipitações. Porém, um fato que marca, é a grande precipitação no mês de outubro, principalmente novembro.

Severo (2009, p. 72-73) fala que:

> Em 2008, a precipitação ficou abaixo ou próximo da média em sete dos doze meses. Até outubro a distribuição da precipitação indicava um ano seco como

> já haviam sido os anos de 2006 e 2007. A partir de outubro as precipitações aumentaram. Em outubro o total mensal de precipitação foi o dobro do valor climatológico e em novembro a chuva mensal superou em mais de sete vezes o valor médio.

Mas é interessante observarmos que os atingidos possuem esta noção das precipitações e de como foi o tempo nos anos anteriores, o que demonstra que a preocupação com enchentes faz parte do cotidiano da maioria dos atingidos.

> Aqui acho que foi muita chuva de uma vez só, tu lembra que um ano atrás, 2007 e 2006 tava aquela seca, tava muita seca [...].
> A chuva foi mais normal, choveu muito tempo, choveu o mês de junho, julho, mês de agosto e setembro deu enchente (se referindo à enchente de 1983). E agora não foi assim, foi de repente aquela chuvarada, da a impressão assim, que chove mais em um curto tempo, muita chuva, então quer dizer o que?
> (Maria).

Para Severo (2009), chama muita atenção a precipitação de outubro e novembro de 2008, pois só a soma da quantidade de precipitação acima da média de outubro e novembro, chega perto da metade de toda precipitação anual, o que deve tratar-se de um evento extremo.

Este fato era percebido e discutido constantemente no município antes da enchente, principalmente pelos mais idosos que já haviam vivenciado outras enchentes. Eles perguntavam constantemente: “será que vai dar enchente? Esta chuva não tá com cara de enchente? Não é melhor levantar tudo?”. Parece que a experiência e sabedoria popular já previam o que estava por acontecer.

4.7.2 Os números que impressionam

O Estado de Santa Catarina e o Vale sofreram em 2008 mais uma nova grande enchente que impressionou principalmente pelos registros referentes à mensuração do nível das águas e das perdas materiais e humanas, que a cada dia da enchente era atualizado e aumentava constantemente. Após a confecção do preenchimento do relatório/formulário que traz a Avaliação dos Danos - AVADAN, podemos ter um panorama geral dos números.

> 63 municípios decretaram situação de emergência e 14 estado de calamidade pública. O Centro de Operações de Defesa Civil de Santa Catarina registrou 78.656 desalojados e desabrigados, dos quais 27.404 desabrigados e 51.252 desalojados, 135 mortes e 1,5 milhões de afetados pelas conseqüências das chuvas. Ao ler os AVADANs – Avaliação de Danos – documentos elaborados pelos municípios durante ou logo após os desastres, percebemos que em 11 municípios localizados no vale do Itajaí que decretaram calamidade pública [...] (SEVEGNANI et al., 2009, p. 112).

Entre os municípios mais afetados no *Vale* está o município de Itajaí, como colocam Sevegnani e colaboradores (2009, p. 114):

> Em Itajaí (163.218 habitantes) toda a população foi afetada, 100 mil pessoas foram deslocadas, 18.208 desabrigadas, 1.929 desalojadas, 1.800 feridas e cinco mortas. Foram danificadas 28.400 residências, alagadas vinte unidades de saúde pública e 92 de ensino. O porto de Itajaí e centenas de quilômetros de rodovias e suas pavimentações foram danificados pela inundação.

Apesar de o município ter 90% do seu território afetado diretamente pela água, todos seus moradores sofreram as consequencias direta e/ou indiretamente, uma vez que diversos serviços e parte da infraestrutura do município foram atingidos. Um dos grandes impactos foi na economia do Vale e do município de Itajaí.

Para Wagner (2009, p. 132), estes impactos podem ser percebidos pelos números de estabelecimentos atingidos, como destaca:

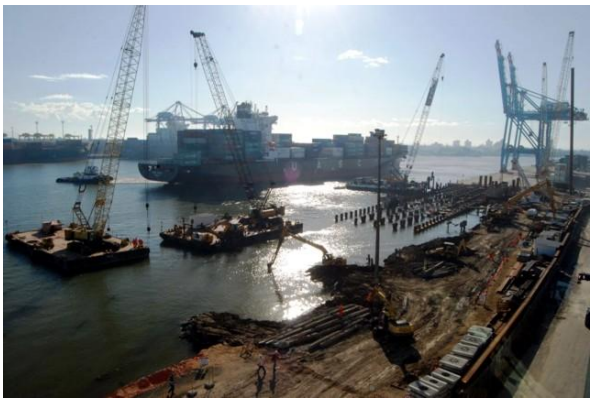
> Segundo a Federação da Câmara de Dirigentes Lojistas de Santa Catarina (FCDL-SC), 70% e 80% dos estabelecimentos comerciais das cidades de Blumenau e Itajaí, respectivamente, foram afetados pelas chuvas de novembro. Somados, os dois municípios contam com 2,2 mil estabelecimentos filiados às suas respectivas câmaras de dirigentes lojistas, sendo que em Blumenau as 1,5 mil empresas deste setor associadas à entidade respondem por, aproximadamente, 80 % do comércio da cidade, empregando diretamente nove mil trabalhadores.

Para o município de Itajaí, este agravamento na economia local, ocorrido pela paralisação momentânea do porto, da indústria pesqueira e aliado aos estabelecimentos comerciais, gerou um grande prejuízo, um princípio de crise. Apesar de muitos estudos tentarem prever e estimar o real prejuízo e impacto da queda dos dois berços de atracação do porto e a paralisação momentânea da indústria pesqueira, este pode ser bem maior do que realmente foi estimado. Isso porque se geraram impactos nos

pequenos comércios locais, como o bar da esquina, a mercearia e outros, criando uma grande cadeia. No entanto, alguns impactos desses podem ser estimados como:

> Além dos prejuízos sofridos pelos portos, a indústria pesqueira deixou de movimentar diariamente R$ 7,4 milhões. As empresas de beneficiamento, salga e pesca, que formam o pólo industrial pesqueiro de Itajaí, o maior do País, dispensou temporariamente 50 mil trabalhadores com a paralisação das atividades. Vários destes trabalhadores aproveitaram para limpar suas casas e verificar suas próprias perdas motivadas pelo desastre. (WAGNER, 2009, p. 132).

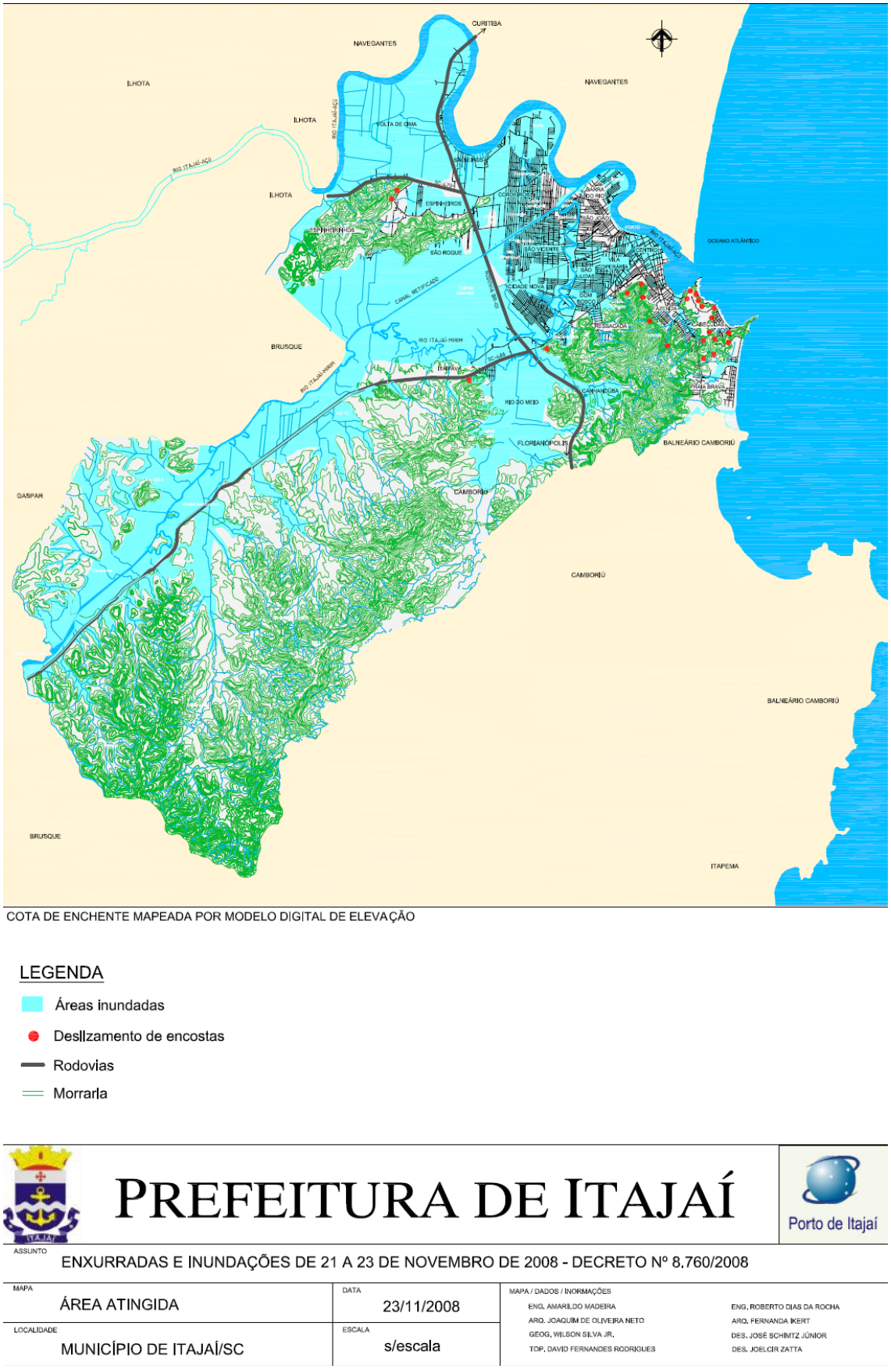
Estes dados podem ser ainda maiores no que a autora chama de pólo industrial pesqueiro de Itajaí, que compreende os municípios de Itajaí e Navegantes, pois a maioria dos empregos desta indústria são terceirizados e muito deles informais. Porém, a diminuição de movimentação de carga do porto de Itajaí, motivada pela queda de dois berços de atracação que estavam em péssimo estado de conservação, gerou uma insegurança dentro do município, afinal, esta atividade movimenta e sustenta diversas famílias. Apesar de todos os atrasos na obra de recuperação dos dois berços de atracação, hoje a obra se encontra em estágio final de execução, reconstruída com a destinação de recurso federal. A obra pode ser observada pelas fotos abaixo.



Fotos 09 e 10: Obras de reconstrução do berço de atracação do Porto de Itajaí.

Fonte: Prefeitura Municipal de Itajaí (2005).

O município de Itajaí acabou sendo atingido em aproximadamente 90% do seu território pelas águas (Mapa 3), porém os reflexos acabaram por afetar todo município devido às estruturas públicas que foram seriamente afetadas, como escolas e unidades de saúde que, apesar da urgência na sua recuperação, acabou por demorar um pouco.



Mapa 3- Áreas inundadas no município de Itajaí.

Fonte: Prefeitura Municipal de Itajaí (2006).

É importante ressaltar que estes relatórios, confeccionados após todo o ocorrido, tratam apenas de levantamentos numéricos que tentam, de alguma forma, estimar as perdas, principalmente econômicas. Porém, estes relatórios em nenhum momento dão conta de todas as perdas, medos e receios vividos durante a enchente de 2008. O que torna ainda mais importante entender as percepções destes atingidos, porque nestes relatos, estão contidos todos os sentimentos vivenciados durante o período de enchente e pós-enchente.

5 CAPÍTULO 3: A ENCHENTE DE 2008

25 anos após 1983, a região do Vale do Itajaí voltou a sofrer, em novembro de 2008, uma forte enchente, que ficou conhecida como “A enchente de 2008”. Este fato acabou por gerar grande comoção e mobilização em todo Brasil, amplamente divulgado pela mídia local, regional e nacional.

Tentando preencher esta lacuna, resolvemos desprender esforços para trabalhar e compreender as percepções dos atingidos pela enchente de 2008, no município de Itajaí. Este esforço se faz necessário se pensarmos que estes provavelmente são os maiores interessados em entender o fato e tentar de alguma forma amenizar ou reduzir os efeitos de um próximo evento. Pois, como nos mostram os dados históricos apresentados no Capítulo 2, é correto afirmar que novas enchentes ocorrerão e percebemos nas falas dos atingidos que já sabem deste fato, principalmente aqueles que já vivenciaram outras situações como esta.

Neste capítulo, utilizaremos as entrevistas realizadas, bem como a observação participante efetuada durante e no pós-enchente, uma vez que o autor deste trabalho participou e vivenciou ativamente o evento, conforme já apresentado.

Achamos importante, também, caracterizar os nossos entrevistados, como se deu o contato com eles e, também, caracterizar os bairros onde moram. Mas, faremos estas caracterizações separadamente, pois alguns dos entrevistados moram no mesmo bairro e/ou localidade.

5.1 ENCONTRO COM OS ENTREVISTADOS

Faremos esta caracterização entrevistado por entrevistado na ordem em que foram realizadas as entrevistas, pois, dessa forma, facilitaremos a compreensão de como aconteceu o processo da entrevista. Vamos a eles:

a) Tivemos a oportunidade de trabalhar com Maria três anos antes da enchente e ela sempre nos falou que onde morava sofria constantes alagamentos. Durante a enchente a visitamos duas vezes na casa da filha onde ela estava abrigada e tentamos, de alguma forma, ajudá-la. Ela mora no loteamento Jardim Esperança, popularmente conhecido como Brejo, que fica localizado no bairro Cordeiros;

b) A segunda entrevistada foi Joana, que conhecemos por meio de Maria, que após a entrevista nos falou de uma colega de trabalho que havia perdido tudo durante a enchente, inclusive a casa. Posteriormente nos apresentou. Durante a enchente ela morava no bairro Espinheiros e por ter perdido a sua casa, durante a entrevista estava morando no bairro Cidade Nova, popular Promorar. Por escolha, a entrevista foi realizada em seu local de trabalho. Joana perdeu sua casa durante a enchente, mas quando fizemos a entrevista já morava de aluguel em outro bairro, pago com o auxílio moradia concedido pela prefeitura. Apesar desta mudança ter modificado bastante o seu dia a dia (por exemplo, ela ter que percorrer aproximadamente 10 Km de bicicleta para ir ao trabalho) no seu relato sobre a enchente Joana cita de forma vaga e superficial este acontecimento;

c) Conheci Juliana após a enchente, em um trabalho realizado na escola Professor Cacildo Romagnani, localizada no bairro Cidade Nova, popularmente conhecido como Promorar. Durante uma intervenção que foi feita após a enchente com objetivo de melhorar a escola, conheci esta simpática líder comunitária que estava sempre sorridente, apesar de durante a enchente ter perdido tudo, inclusive sua casa;

d) Júnior, durante a enchente, foi levado duas vezes até sua casa com mais ou menos 1,80 metros de água para que se certificasse de que estava tudo bem e que ninguém havia entrado na residência, que fica localizada no bairro Dom Bosco, muito próximo ao rio Itajaí-mirim (canal natural);

e) Seu Zé foi uma pessoa que nos ajudou durante o trabalho de resgate. Após sua família estar em segurança, resolveu sair e ajudar as pessoas que estavam precisando. Mora no Centro, próximo ao Supermercado Angeloni, local que foi bastante afetado pela água;

f) Rafael trabalhou conosco nos resgates durante a enchente, da mesma forma que o seu Zé, os dois moram no mesmo bairro;

g) Rosana, vamos dizer que “conhecemos por acaso”. Um dia estávamos conversando e falamos sobre o trabalho de pesquisa que estávamos desenvolvendo, ofereceu-se para ser entrevistada, uma vez que tinha vivenciado tudo. Ela mora no bairro São Judas, bem próximo ao rio Itajaí-mirim (canal natural);

h) Conheci Mário após a enchente por meio de conversas que tivemos para organizar um evento. Ele fazia parte de uma associação que estava ajudando e após muita conversa descobri que havia perdido todo seu material de trabalho. Ele mora e tem sua microempresa em um local que, em Itajaí, costuma-se dizer que não vai água, que é no bairro São João, próximo ao rio Itajaí-mirim (canal retificado);

i) Daniela, após a enchente, em conversas, contou-nos que havia passado por várias enchentes. Por isto, após algumas conversas marcamos a entrevista, que a pedido dela não foi gravada. Durante a conversa foi necessário parar por ela não estar se sentindo bem. Depois não quis continuar, mas autorizou que utilizássemos o que já havia sido realizado. É importante colocar que esta foi uma das menores entrevistas, tendo em vista um provável desconforto e emoção ao iniciar a conversa. Daniela confidenciou-nos, no entanto, fora da situação da entrevista, que perdera sua filha pequena na enchente de 83/84;

j) A entrevistada Elisa foi indicada por um conhecido que temos em comum. Ela é moradora do Bairro Cordeiros, no loteamento da Murta, região bastante atingida pela água em 2008. Sua entrevista foi realizada em seu local de trabalho, como solicitado, e não foi gravada para evitar o constrangimento da entrevistada, que alegou ter vergonha;

k) Conhecemos Deise por meio da entrevistada Joana, após o trabalho realizado na escola Professor Cacildo Romagnani. A entrevista foi realizada em sua residência que foi totalmente afetada pela água;

l) Conhecemos a entrevistada Susana por meio do entrevistado Junior, que nos apresentou-a. Depois de algumas conversas informais marcamos uma entrevista em sua residência.

m) A entrevistada Fernanda já conhecíamos anteriormente e tivemos contato direto durante a enchente. Um dia, em uma conversa, ela nos falou sobre o assunto e expusemos nossa proposta de pesquisa. Prontamente se dispôs a realizar a entrevista;

n) O entrevistado Rodrigo conhecemos no dia em que fomos entrevistar a Fernanda, no bairro Cordeiros, no Loteamento Jardim Esperança, chamado popularmente de Brejo. Ele, em tom de brincadeira, falou que também queria falar, então, perguntamos se não queria realizar a entrevista e ele concordou;

o) Neto conhecíamos antes da enchente e a entrevista começou de uma conversa sobre este tema. Quando começou a falar do assunto perguntamos se não poderia fazer uma entrevista, ele prontamente aceitou e naquele momento já a realizamos.

Procurei entrevistar, conforme colocado anteriormente, pessoas (moradoras) de diferentes bairros e/ou localidades do município, sendo eles: Cordeiros, São João, São Judas, Dom Bosco, Cidade Nova (Promorar), Espinheiros e Centro (ANEXO B).

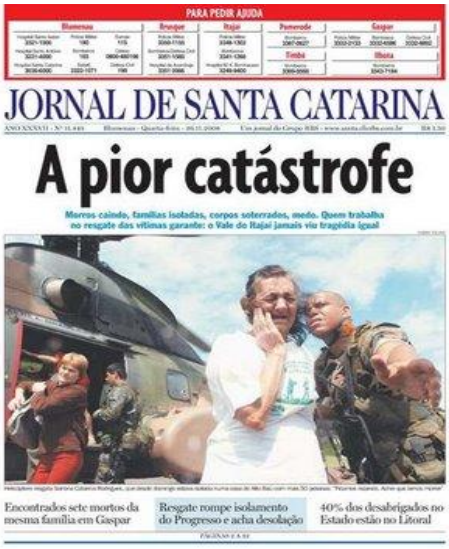
No bairro Cordeiros, que é o mais populoso do município, fiz entrevista em dois loteamentos: Murta e Jardim Esperança. Este último conhecido popularmente como Brejo, por antigamente naquele local existir um banhado, o qual era o *habitat* de muitos sapos, que segundo se comenta na região, faziam uma espécie de “sinfonia” durante as noites, como comenta uma das entrevistadas.

5.2 REPRESENTAÇÕES DA MÍDIA

Apesar de não ser nossa intenção fazer aqui uma análise profunda sobre as matérias e o comportamento da mídia durante a enchente de 2008, consideramos importante entender estas representações que são bastante importantes na sociedade atual.

A mídia escrita e falada, como podemos ver alguns exemplos no Quadro 4, preferiu reportar-se ao evento como catástrofe e tragédia, acionando uma representação de espetacularização em determinados veículos de imprensa, obtendo, com isto, uma maior visibilidade e ganhos de toda ordem.

Logo que iniciada a enchente, esta dimensão da tragédia, amplamente divulgada pela mídia, ganhou repercussão nacional e internacional, permitindo a criação de uma rede colaborativa em prol dos atingidos (moradores e poder público).


PARA PEDIR AJUDA

JORNAL DE SANTA CATARINA

A pior catástrofe

Mortos caindo, famílias isoladas, corpos soterrados, medo. Quem trabalha no resgate das vítimas garante: o Vale do Itajaí jamais viu tragédia igual

Encontrados sete mortos da mesma família em Gaspar

Resgate rompe isolamento do Progresso e acha desolação

40% dos desabrigados no Estado estão no Litoral

Após 25 anos da Enchente de 1983 a história de uma grande enchente volta a se repetir no Vale do Itajaí. Como podemos perceber, este evento era tratado como **A pior catástrofe** que a população do Vale já sofreu.

Fonte: A pior catástrofe (2008).

PARA PEDIR AJUDA

JORNAL DE SANTA CATARINA

EDIÇÃO ESPECIAL

AJUDE

Como participar da corrente de solidariedade pelas vítimas da calamidade no Vale do Itajaí

Na capa do Jornal de Santa Catarina, de novembro de 2008, aparece claramente toda campanha de ajuda que foi montada em prol das vítimas da Enchente de novembro de 2008, no Estado de Santa Catarina. Como podemos perceber, trata-se de uma edição especial que aborda apenas a enchente no Vale do Itajaí, que tem como matéria de capa- **AJUDE: como participar da corrente de solidariedade pelas vítimas da calamidade no Vale do Itajaí.**

Fonte: Ajude (2008).

A capa da revista IstoÉ, de 03 de dezembro de 2008, demonstra muito bem a Enchente do Vale do Itajaí ao relatar as perdas de uma moradora do município de Ilhota. Traz, também, números, como 80.000 desabrigados e mais de 100 mortos, o que acaba por demonstrar a grande extensão do evento.
Em sua capa, vemos como foi normalmente descrita pelos mais variados tipos de mídia o que acontecia em Santa Catarina naquela época, a **"tragédia no sul"**.

Fonte: Tragédia no sul (2008).

A capa da revista Veja, de 03 de dezembro de 2008, traz em sua capa a primeira vítima da tragédia em Santa Catarina. Faz questão, também, de ressaltar os impressionantes números desta tragédia, com mais de 100 mortos, 80.000 desabrigados e que impactou mais de 1,5 milhão de pessoas em um dos Estados mais ricos do Brasil. A chamada da revista traz – **A tragédia em Santa Catarina: A PRIMEIRA VÍTIMA.**

Fonte: A tragédia em Santa Catarina (2008).

Quadro 4: Capas do Jornal de Santa Catarina e das Revistas Istoé e Veja.

Como vemos, as formas de comentar e identificar as enchentes na mídia tenderam a usar termos bastante pesados para tratar do assunto. As expressões tragédia/catástrofe foram amplamente utilizadas, o que nos parece contribuir para a espetacularização do evento.

Mattedi e colaboradores (2009, p. 14) salientam este fato ao dizer que:

> O evento foi alvo da atenção da imprensa nacional e internacional durante semanas e recebeu diferentes denominações, tais como calamidade, tragédia, hecatombe, catástrofe e desastre.

Também percebemos o forte apelo às campanhas de “solidariedade” e as campanhas de doações para atender às demandas das vítimas da enchente. Este fato foi destacado em algumas falas dos entrevistados.

> Esta campanha da mídia, da mídia local também, porque tava mantendo as pessoas informadas fazendo um serviço social de cidadania, de realmente estar abrindo os canais de televisão pras doações, de tá colocando a disposição para as pessoas levarem, quem não podia levar eles iam buscar. Acho que a mídia teve um papel muito importante.
>
> (Rosana).

Como notamos na fala de Rosana, a mídia foi um canal para auxiliar na ajuda direta através de doações aos atingidos e, também, serviu para manter os atingidos informados. O que durante a enchente foi um ponto bastante crítico, pois eram muitas as informações desencontradas que acabavam por prejudicar as ações de resgate e ajuda às vítimas.

Apesar de uma farta divulgação por meio de imagens e reportagens nos jornais e nas revistas, parece-nos que predominou, neste âmbito, aquilo que alguns autores chamam de “espetacularização” da tragédia, ou seja, uma farta exposição de imagens do acontecimento, e menos um debate mais profundo sobre as causas da tragédia, como, ao nosso ver, poderia ter sido feito naquele momento. No meio científico (e muitas vezes em algumas instâncias estatais) houve iniciativas no sentido de aprofundar o estudo das causas e efeitos deste “desastre” na região do Vale do Itajaí e no estado de SC, porém percebemos um distanciamento e a falta de um canal de diálogo entre Governo, Academia e Atingidos.

5.3 A ENCHENTE: CAUSAS E CULPADOS

É comum após um evento considerado como uma grande tragédia, haver sempre a procura de respostas e explicações para o que aconteceu: quais foram as causas? porque aconteceu? quem são os culpados? E é claro que cada cidadão que foi atingido procura responder estas perguntas com os elementos que lhe são dados, bem como através de suas vivências.

> Não sei bem te explicar, eu sei que naquela a água veio pelo Rio Itajaí-açu e a gente acompanhou ela subindo e essa não. A chuva foi mais normal, choveu muito tempo, choveu o mês de junho, julho, mês de agosto e setembro deu enchente. E agora não foi tanto assim, foi de repente aquela chuvarada, da a impressão assim, que chove mais em um curto tempo, muita chuva, então quer dizer o que? Quer dizer que, é a mesma coisa todo esse calor que está ai no inverno e no verão ta frio, todo esse descontrole, a culpa é de quem? Será que é nossa? Do lixo que a gente jogou por ai tudo? Do desgaste da atmosfera? De tudo isso? Não sei. Será que se tivesse tudo normal, a gente de repente só acelerou, será que ela também não ia estar fazendo este processo?
>
> (Maria).

Assim como Maria, cada um procura se indagar e responder a sua maneira o que causou a enchente e procurar respostas para tudo aquilo que vivenciou.

Percebemos que a primeira resposta da maioria dos entrevistados, independente da crença e escolaridade, é dizer que a causa é natural e não teria como evitar. Foi "muita chuva em pouco tempo" diziam alguns, mas com o passar da conversa acabaram por revelar outras teorias e fatores que podem ter contribuído para a ocorrência e/ou agravamento da enchente em 2008.

> Eu acredito que existiram vários fatores que contribuíram para enchente. Um foi o grande volume de precipitação, o grande de água que caiu de chuva. O período de mudança da lua que acabou contribuindo para que se tivesse uma maré mais alta e uma ressaca natural por tempestades que vieram da região da Argentina, que contribuiu para o aumento do nível do Oceano que fez com que toda água que desceu pelo rio represasse e acabasse invadindo a cidade.
>
> (Seu Zé).

> Dois fatores que fazem com que a enchente acabe acontecendo: a lua e a maré, daí entra a chuva. Essa última chuva que foi ano passado, acabou subindo, subindo, subindo, mas não veio. Mas o pessoal dali sentiu porque teve que sair de casa.
>
> (Rodrigo).

> O que aconteceu foi um fenômeno metereológico de recorrência de 25-30 anos com base em 83 e 84, e infelizmente assolou a nossa região. Acho que foi isso que aconteceu.
>
> (Rafael).

> A explicação que eu mais vi foi que o volume de água era muito intenso, e que em qualquer lugar aconteceria estas consequências porque o volume de água era realmente extraordinário e não sei o que.
>
> (Rosana).

Como podemos perceber, as primeiras justificativas estão sempre associadas como um fenômeno natural, uma vez que, como demonstramos no Capítulo 2, a precipitação durante aquela época na região foi realmente intensa e superou marcas históricas. Porém, este discurso e justificativa está muito associado a veiculação na mídia, como podemos perceber na fala da Rosana "a explicação que mais vi falar foi que o volume de água era muito intenso [...]".

Este tipo de justificativa foi bastante veiculado na mídia durante e após o evento, mostrando os índices pluviométricos, o que parece fazer com que as próprias pessoas passem a aceitar esta justificativa, ainda que não de forma consciente. Mas o que percebemos no transcorrer da entrevistas é que eles acabam por revelar outras causas para o que aconteceu. É importante esta reflexão, pois nos faz acreditar que um debate mais aprofundado sobre a temática é de suma importância e que todas estas causas apontadas como agravadoras dos problemas deveriam ser estudadas e avaliadas pelos técnicos, pesquisadores e, principalmente, pelos gestores públicos.

As falas variam bastante, mas percebemos que nelas estão contidas quase todas as justificativas apontadas e debatidas após o evento. Por isto, decidimos separá-las para exemplificar e para ampliar a discussão. A primeira justificativa dos entrevistados em geral, após a fala de que "é natural" e "foi muita chuva", foi fazer uma reflexão sobre a relação homem/meio ambiente e como esta pode afetar na enchente:

> O natural porque é muita água em vários meses muita água, muita água. Um período choveu bastante. E também o que ajudou bastante foi o descuido com o meio ambiente, que ficou e foi muito degradado principalmente nas regiões costeiras e os rios, a beira dos rios, não respeitando os limites da natureza.
>
> (Junior).

> Muito desmatamento, muito desmatamento e lixo nesse rio que a gente vê, passa lixo direto. Acho que é muito desmatamento e muito lixo. Porque quem mora na beira do rio é que vê passa lixo direto, lixo, lixo, acho que precisava um pouco mais de mata e limpeza, né? Na beira desse rio, né? Num ponto o povo é muito... não sei te dizer, ele joga o lixo lá e sabe que vai entupir uma boca de lobo, sabe que vai prejudicar o rio e joga, eles não querem saber se vai dar uma enchente ou não depois, só depois que acontece ai eles vê o que tá acontecendo. Mas, eu acho que é muito lixo.

(Joana).

Após a primeira resposta, que é sempre no sentindo de dizer que é “natural” e que choveu muito, observamos nos entrevistados a iniciativa de se fazer uma reflexão, mesmo que breve, da sua relação com o meio ambiente, normalmente usando em um primeiro momento a questão do desmatamento e do lixo. A questão do lixo ficou muito visível durante a enchente depois que a água baixou, as cercas da cidade pareciam verdadeiros varais de sacolas plásticas. É importante ressaltar que após o evento muito se falou deste problema, pois diversas pessoas, assim como Joana, atribuíram à grande quantidade de lixo o entupimento das “bocas de lobo” e, por conseguinte, a diminuição da eficiência do sistema de drenagem urbana.

Nesse sentido, muitos entrevistados, ao buscar as causas, também entraram na questão do planejamento urbano, apontando problemas que podem ter ajudado a agravar a situação durante a enchente de 2008.

> Mas, tem outras coisas que também contribuíram muito para isto (filho interrompe), o fato da quantidade da camada asfáltica da cidade que acaba impermeabilizando e a terra não consegue absorver a água, as calçadas, a grande construção de prédios e não tem mais espaço para que infiltre. E tivemos quase 90% da cidade afetada, foi isto que aconteceu em Novembro.
>
> (Seu Zé).

> Mas também agora tá tudo asfaltado, os rios estão canalizados, os morros tudo cheio de casa, a água não tem para onde ir. Acaba enchendo tudo, antes não tinham tanto asfalto, as ruas eram calçadas de lajotas.
>
> (Daniela).

> A questão do Poder Público se retrata bem antes da enchente. É a questão do zoneamento da cidade, todo mundo sabe que na beira dos rios tem que ser feito estudos. Estuda o tempo de recorrência das enchentes, quais são os níveis da água que ela pode chegar do rio, e nessas áreas não deixar ocupar. Fazer um zoneamento adequado.
>
> (Rafael).

> Outra coisa que são causas é a ocupação desordenada, as construções que são feitas em lugares impróprios, as invasões dos morros, tudo isto ai colabora para que gerem as conseqüências que a gente viu em

> novembro. Outra coisa também são as próprias pessoas que não tem consciência do que elas fazem, um papel que elas jogam na rua e entope um bueiro, aquilo ali, claro que o volume de água foi muito grande, só que se não tivessem pequenos detalhes as consequências podem ser menores.
>
> (Rosana).

> Enquanto poder público o que eles tinham que fazer e nunca fizeram? Planejamento. A grande maioria é área invadida, invade e constrói, depois não consegue tirar, daí você vai lá e dá infraestrutura. Aí dá uma enchente, eles não têm estrutura pra tirar todo mundo.
>
> (Rodrigo).

Como destacam os nossos entrevistados, a forma como o município foi e está sendo organizado, associado ao comportamento inadequado do ponto de vista ambiental, vem gerando um agravamento do problema.

Quanto aos responsáveis pela situação observada, os entrevistados, em um primeiro momento, tendem a culpar o poder público:

> Do Poder público que tem que ter o mínimo de estrutura possível e da sociedade que também tem que saber do seu papel como sociedade consciente que parece que não existe, de que muita coisa de que cada um faz é de responsabilidade também e vai causar problemas não só pra ela mesma, como para toda sociedade. Cada ato que você faz gera uma conseqüência e as pessoas não tem noção disto.
>
> (Rosana).

Como apontam as falas, a culpa acaba recaindo sobre o poder público, porém é interessante observar que, mesmo com a “culpa principal” atribuída ao poder público, os entrevistados acabam por fazer uma avaliação de que suas atitudes também influenciaram diretamente nos resultados da enchente. Este é um aspecto importante, pois apresenta uma reflexão, ainda que tímida, em relação aos seus atos. O fato de responsabilizar o poder público, principalmente o municipal, se justifica da seguinte forma:

> As coisas que foram feitas para tampar buraco. A gente via que não tinha planejamento. As demandas iam surgindo e as soluções iam surgindo a partir daquilo que acontecia, não tinha uma solução e um planejamento prévio para situação. Demonstra claramente que o poder público não estava organizado e não tinha o plano B.

(Rosana).

A gente viu que tinha um desencontro muito grande entre os órgãos, tinha, não estava em sintonia o que o bombeiro fazia, o que a Defesa Civil, pelo menos no início, o que se pode perceber é que era um desencontro muito grande nas ações.

(Rosana).

O que a gente viu foi assim ó: falta de recursos humanos, falta de preparação, falta de equipamentos, falta de recursos técnicos, falta de projeto. Então a coisa aconteceu, depois que aconteceu daí o poder publico tentou se organizar, botou gente na rua pra correr, mas anterior a situação você não tinha alguma coisa preparada, organizada já, algo planejado para conter por exemplo a retirada em massa da população e deslocamento para alguns lugares. Por exemplo não se tinha abrigos definidos, daí se colocava a comunidade em algumas escolas e aí depois de um tempo teve que se retirar as pessoas destas escolas pois aquele mesmo local, aquele abrigo estava chegando a água.

(Neto).

Penso uma coisa que é muito importante que é a organização, daí entra a parte da Defesa Civil de tá com plano de emergência a este tipo de catástrofe, pois se viu nos primeiros dias a grande confusão que era pra tá acessando este material. Chegava lá cada uma pegava o que queria pega. Claro que 90-95% das pessoas que tavam lá eram de boa índole. É importante ter um plano local da Defesa Civil com alojamentos e pessoas responsáveis pela logística. Caso ocorra outra tragédia está tudo isto organizado e não estar igual nesta enchente.

(Rafael).

Nas falas dos nossos informantes, podemos perceber que ao responsabilizarem os governantes, também se preocupam em demonstrar o que aconteceu de errado durante a enchente, apontando as falhas. Produzindo, dessa forma, um importante diagnóstico sobre as áreas a serem atendidas com o objetivo de se minimizar as perdas em uma futura enchente. Pontos importantes a serem observados: a integração entre os órgãos, estruturação da Defesa Civil, logística para enchente e uma preocupação com ações de prevenção. Aspectos, inclusive, apontados pelos estudiosos do assunto.

Estes aspectos, de fato, deveriam estar presentes nas políticas com o objetivo de incorporar a presença das enchentes como uma peculiaridade da região. Como até hoje isto não foi feito, a população convive com receio, temor e medo das chuvas.

5.4 O MEDO E SEUS DIFERENTES MOMENTOS

Para Delaumeau (2005), o medo e a valentia estão presentes no discurso literário e na iconografia, desde a antiguidade até os tempos atuais são incontáveis as obras científicas, literárias e filmes que possuem no título a palavra medo. Porém, percebemos uma mudança ao longo do tempo, uma vez que na antiguidade a valentia era tratada como um ato individual, enquanto o medo era coletivo e pertencente aos pobres.

Delaumeau (2005, p. 12) destaca, ainda que "não só os indivíduos tomados isoladamente, mas também as coletividades e as próprias civilizações estão comprometidos num diálogo permanente com o medo". Este fator fica mais evidente nos tempos atuais com o aumento da falta de segurança e dos desastres naturais, que acabam por atingir toda uma sociedade, fazendo com que se passe a dialogar em busca de explicações e soluções sobre o assunto. Entender os medos e os anseios de uma sociedade por meio de suas percepções é importante para conseguir dar algumas respostas e alcançar, dessa forma, respostas e propor soluções para as problemáticas enfrentadas.

O medo, o pavor e o desespero são sentimentos comuns em situações como a enchente de novembro de 2008, ocorrida no município de Itajaí. Porém, notamos que o sentimento de medo tem momentos diferentes, por esse motivo trataremos dele em dois momentos distintos. O primeiro momento, foi durante o desastre natural e o segundo, o medo pós-desastre natural, que é retratado nas percepções pela fala dos entrevistados através do medo que demonstram da chuva.

5.4.1 O medo e o desespero durante o desastre

O medo e o desespero durante a enchente podem ser observados no cotidiano do município, durante e depois da enchente de 2008. Porém, passado o primeiro impacto é comum percebermos nas pessoas as falas de que não ficaram com medo. Mesmo assim, conseguimos perceber o medo que este desastre trouxe para a sociedade itajaiense. É interessante observar que este é um sentimento geral dos entrevistados. Juliana, ao falar sobre a enchente, afirma que:

> Olha, Caio. Sinceramente foi uma coisa muito desesperadora, foi a sei lá. Na hora, naquele momento a gente vendo aquilo ali é uma hora que tu não sabe nem o que pensar, nem como reagir, tu não tem raciocínio próprio. Eu, realmente não sabia o que fazia com eles (parentes), para onde a gente ia? Que, que nós vamos fazer? Não tinha travessia pra lá, não tinha pra cá e não tinha pra lá.
>
> (Juliana).

Esta fala ilustra bem as cenas da enchente de novembro de 2008 no município de Itajaí, pois percebíamos algumas pessoas desorientadas, sem saber o que fazer e em seus semblantes, o desespero. Ao serem resgatadas ou saírem de casa por sua própria conta, não sabiam para onde seguir, já que não tinham um mapa e/ou informações sobre as localidades que estavam servindo de abrigo. Era muito comum observarmos pessoas andando pelo município, principalmente nas áreas centrais que não foram afetadas, sem um destino, e quando abordadas para verificar se necessitavam de algo as respostas eram sempre no sentido de que só estavam andando.

Porém, a maioria dos entrevistados preferiu não falar sobre o seu próprio medo e logo dizer “está tudo bem”. Mas, algo que foi muito comum e acabou aparecendo em duas entrevistas foi a questão do consumo do álcool durante a enchente. Fato este que é descrito por Delaumeau (2005), ao falar que os arqueiros eram embebedados pelos nobres com vinho antes das batalhas para cegá-los diante do perigo eminente encontrado nelas.

> Eu fiquei lá em cima tranquilamente, tinha vinho.
>
> (Rodrigo).

Em certo momento da entrevista, o Rodrigo, também em tom de brincadeira, revelou que tinha preocupação com o fim do vinho, apesar de mostrar uma grande naturalidade e o tempo inteiro afirmar que a enchente não o afetava.

> Eu não sei que vantagem que tem você tá numa enchente, tu tá num abrigo e você ir lá e pegar um palete de cerveja. Pra quê?
>
> (Deise).

A entrevistada Deise, ao falar do "suposto saque"[21] ao Hipermercado Maxxi, relata o fato de terem levado cerveja, indagando-se sobre qual seria o motivo de um ato aparentemente sem sentido para aquele momento. É interessante observar que durante a enchente enquanto trabalhávamos no resgate aos atingidos também nos fazíamos esta pergunta:

> Era comum a cena de pessoas no segundo andar de suas residências ou em cima da laje fazendo caipirinha e tomando cerveja, bem como oferecerem aos voluntários que trabalhavam no resgate e ajuda aos atingidos.
>
> (Diário de Campo).

> No Domingo, me lembro de algumas pessoas que faziam a parte de resgate em terra bebendo e dizerem que era para espantar o frio.
>
> (Diário de Campo).

Este é um ponto bastante interessante, pois o consumo de álcool demonstra toda fragilidade que temos em uma situação de tensão, sofrimento e insegurança. Naquele primeiro momento, parecia-nos até engraçado e estranho perceber que uma parcela dos atingidos estava bebendo ao ver tudo ocorrer; pois, conforme relatos, algo evidente é o medo que adquiriram das chuvas, principalmente quando começa a chover seguidamente no município de Itajaí. No relatório organizado por Sevegnani e colaboradores (2009, p. 119), no capítulo intitulado "Gente socorrendo gente", os autores se referem ao uso frequente de álcool e drogas (junto a outros conflitos), como recorrente nos alojamentos que foram criados para abrigar os atingidos:

> As pressões psicológicas a que as pessoas estavam sujeitas se manifestavam também durante as refeições. A carência e a ansiedade levava muitos a se alimentar em maior quantidade ou privar-se de alimento como forma de compensação. Outros apelavam para o consumo de bebida alcoólicas, o que por vezes gerava discussões e desavenças. (SEVEGNANI et al., 2009, p. 118).

Como vemos no relato, as emoções eram muitas, o que levou a muitas incompreensões, como as que presenciamos: durante a enchente, com as águas subindo, percebemos que muitas pessoas relutavam em sair de suas casas, este fato naquele momento era interpretado por aqueles que auxiliavam nos resgates e socorros as vítimas

[21] Usamos o termo suposto, pois as versões sobre este saque são bastante controversas. Este "suposto saque" chegou a ser transmitido para todo Brasil através do Programa Profissão Repórter da Rede Globo de Televisão.

como uma verdadeira loucura, pois naquele momento não se sabia até quando ia durar a enchente e, principalmente, até onde a água iria subir. Em diversas casas, ao passarmos e oferecermos ajuda, recebíamos uma negativa. Mas, ainda no primeiro dia, ao deslocarmos a lancha de uma localidade para outra para prestar socorro a uma família, fomos abordados por uma viatura da Policia Militar, solicitando a embarcação para fazer rondas na localidade, pois estavam recebendo denúncias de furtos. Naquele momento negamos o pedido, esclarecendo que o mais importante eram as vidas e não os bens materiais. Mas, de fato ocorreram muitos furtos, e o medo disto é referenciado pelos entrevistados:

> Apesar da solidariedade percebeu-se pessoas de má índole agindo durante a enchente, pessoas que levavam, vamos citar o exemplo do popularmente Brejo, que é o Jardim Esperança, do Jardim Progresso, Vila da Miséria, Murta, a bandidagem levava as embarcações retirava as famílias da sua residência e levava para os abrigos, na Reinaldo Schimitausen, para ter a garantia que o cara ia sair de casa. E depois que tirava a família de casa ele retornava lá na própria residência para roubar os móveis, pois daí tinha a garantia que não tinha ninguém em casa. Ao mesmo tempo em que se tinha a solidariedade entre as pessoas, algumas pessoas aproveitavam este momento, pessoas de má índole né, pra roubar e furtar. Por isso, muitas pessoas queria permanecer em casa por conta desta situação.
>
> (Neto).

Permanecer em casa era uma atitude comum entre as pessoas atingidas, mesmo que causasse estranhamento aos voluntários, preocupados em salvar as vidas. Compreendemos estas atitudes se pensamos nas dificuldades de grande parte da população em adquirir um espaço para morar, bem como mobiliário, eletrodomésticos e pertences pessoais.

5.4.2 O medo da chuva: “vai encher”[22]

Um ponto importante, passada a enchente, é o medo que as pessoas acabaram por adquirir da chuva. Apesar de não se colocarem como sujeitos ao medo, sempre

[22] Esta era uma fala comum entre os moradores de Itajaí após a enchente, principalmente depois de dois dias de chuvas seguido.

revelam de alguma forma o medo da chuva, que se tornou fato comum no município de Itajaí.

> Essa chuva agora estava todo mundo desesperado. As pessoas que a gente conversava tava todo mundo entrando em pânico com medo de uma nova enchente. Bem a gente começou a levantar um pouquinho agora e se der outra agora ai mesmo que a gente ... É um trauma que tu carrega agora o resto da tua vida, por mais que tu queira não sai da tua mente isso aí. Qualquer chuva forte agora já dá aquela, aquele estalo na mente. Eu mesmo já entro em pandareco, já fico em pânico [...].
>
> (Juliana).

As pessoas que foram atingidas pela água e tiveram algumas perdas estão afetadas emocionalmente, demonstrando sua preocupação a cada nova chuva. Na falta de um sistema de monitoramento alerta e eficaz, os moradores começaram a monitorar os rios e ribeirões que passam perto de suas residências.

> Até como aconteceu alguns dias atrás, deu uma chuva forte, qualquer chuvarada, qualquer chuva forte que tá acontecendo o pessoal já fica com medo. Já vão pra beira da ponte olhar o rio, já começam erguer móveis.
>
> (Rafael).

Fotos 11 e 12: População monitorando o rio Itajaí-mirim durante chuva de setembro de 2009.

Fotos: Acervo pessoal (2009).

As fotos acima foram tiradas após uma semana de chuva. As notícias que chegavam, diziam que as barragens no Rio Itajaí-Açu começavam a transbordar. Percebemos muitos moradores parados em cima das pontes do município, monitorando

o nível do rio para que, de alguma forma, pudessem preparar-se para uma possível enchente.

> A enchente veio pela frente e não por trás, porque se viesse pelo Itajaí-Açu a água ia até o teto, essa foi a nossa sorte. Em outubro/novembro do ano passado quando choveu uma semana sem parar, eu ia direto no rio verificar e ele tava subindo muito rápido, já comecei a me lembrar de 2008, fiquei uma semana com meus móveis levantados com medo de perder tudo novamente.
>
> (Elisa).

Este sentimento é comum e recorrente em todo município. Lembramos que durante este período de chuva relatado por Elisa fomos até o loteamento Santa Regina, no bairro Espinheiros, ajudar uma prima a erguer seus móveis, pois apesar de não ter sido afetada durante 2008, não queria correr o risco de uma possível perda. E o interessante é que estes móveis continuam erguidos até hoje. Igualmente ajudamos a transportar alguns móveis da casa de um primo, pois ele estava de plantão na Polícia Militar e desesperado porque ia acontecer uma nova enchente.

Na cidade existiu também um discurso, durante o ano de 2009, de que a enchente voltaria a acontecer. Este discurso está baseado principalmente no fato de que as duas últimas grandes enchentes que atingiram o município de Itajaí e o Vale aconteceram em dois anos sucessivos (1983 e 1984) e muitos moradores e entrevistados supunham que o mesmo aconteceria em 2009.

> As pessoas já ficam tudo apavorada, já não dormem. Quem tem as casas mais baixas já não dorme de noite. Choveu dois dias direto o pessoal já tá de orelha em pé, já tá vendo aonde vai ficar, se na casa da tia, na casa do primo, se as escolas já estão abertas. Tem pessoas que choveu dois dias e Blumenau tá enchendo já carca de casa, independendo se vai vir ou não. Tão com medo.
>
> (Fernanda).

> Principalmente quando a maré sobe e aquele rio ali (falando do Itajaí-mirim) transborda um pouquinho o povo já se desespera. Eu também fico preocupada, mas não tenho mais aquele medo.
>
> (Deise).

> Começa a chover o pessoal fica tudo de orelha em pé com medo. Começa a chover dois, três dias: meu Deus olha a enchente. A gente fica com medo. Tem medo porque tu não pode perder, é que nem aquela de 83 que logo veio outra atrás, veio duas em seguida, aí já assusta mais ainda, porque veio uma vem outra.

(Joana).

> Essa memória das pessoas de como aconteceu num ano vai acontecer no outro, e isso é uma questão preocupante, porque se não acontecer em 2009, em 2010 quem diz que eles vão tá tão atento para a catástrofe? Ou em 2011?
>
> (Rafael).

Apesar de alguns entrevistados demonstrarem que até gostavam da chuva, após este evento passaram a ter um grande receio e medo a cada chuva. O que nos revela que temos um problema a ser trabalhado no pós-enchente.

> A chuva pra mim ela era, eu sempre gostei de chuva, trovoada e ventania, eu nunca tive medo, eu gosto, mas agora, antes de vir pra qui lá na casa da enchente, se transformou em Meu Deus, qualquer relâmpagozinho, qualquer ventinho que parecia que ia chover, eu tava trabalhando, o coração já disparava e garganta ficava seca, meu quando chegar em casa já vai estar cheio de água.
>
> (Maria).

Este fato se deve também a esta entrevistada morar em uma área de risco e que sofre constantemente com inundações periódicas. Ela mesma revela isto ao dizer que:

> [...] E de um tempo para cá não, no ano de 2008 acho que a gente passou ali perto de umas 20 enchentes. Mais duas semanas antes da enchente, no domingo eu estava fazendo almoço na cozinha de bota, eu botava aquela bota sete légua para fazer almoço e cuidar das coisas lá na cozinha, tu viu que lá é tudo mais alto.
>
> (Maria).

Vemos aqui que Maria, assim como outros moradores, já criou mecanismos próprios no âmbito familiar/doméstico para lidar com as frequentes enchentes. Observamos que o cidadão aprende a lidar com estas situações indesejadas. Porém este medo constante de uma nova enchente faz com que as pessoas a cada chuva revisite suas lembranças e toda tristeza que vivenciou durante 2008:

> Pois é, isso na verdade tá muito marcado na população na vida das pessoas, seja do cidadão mais comum até os pesquisadores tu percebe nas pessoas, mas isto está mais associado ao cidadão comum , trabalhador, o operário, a Dona de Casa, que quando tem uma quantidade maior de chuva a galera já

> fica angustiada, já fica ansiosa, então o medo da enchente ela volta a tona, então em qualquer momento de chuva mais constante o medo da enchente retorna, a imagem da enchente e aquela emoção as pessoas revivem aquilo naquele momento, então assim isto tá muito claro. Quando há uma chuva mais forte as emoções já retornam na mente das pessoas.
>
> (Neto).

Esta constante retomada da lembrança tem apenas um lado positivo que é o de não deixar cair no esquecimento a enchente 2008, porém ela revela também as consequências subjetivas e psicológicas que decorrem de eventos que podem ser considerados traumáticos:

> Quando dá muito dia de chuva seguido o pessoal já corre pra farmácia pra comprar calmante, já mostra que o povo fica apreensivo. Existe uma realidade nua e crua, choveu quatro dia seguido o povo já olha pro rio.
>
> (Mario).

> Eu acho que muito pouco socorro veio para nós, muito pouco. Sei lá, muita coisa que eu vi depois que eu já tinha, saí de lá de dentro que a gente tinha perdido tudo que já tinha baixado as águas, muita coisa que veio para cá pro bairro, muito pouca. Muito pouco alimento e muito pouca roupa, a prefeitura não teve uma assistente social, não teve nada assim pra gente, que a gente via que tivesse ali junto.
>
> (Joana).

O que de fato aconteceu, pois as iniciativas governamentais se restringiram a recuperação do município. O sentido de prioridade do poder público talvez seja diferente daquele do atingido, pois, em um primeiro momento, o poder público está preocupado em fazer com que o município retome a sua rotina e, para isto, é necessário recuperar os equipamentos públicos, bem como toda infraestrutura danificada. Mas, em um segundo momento, talvez devêssemos pensar, como sugere Joana, numa assistência à população atingida de outra natureza, que considere os aspectos subjetivos e que recupere as experiências sociais dos atingidos, o que inclui: suas memórias, suas histórias e as formas criativas com que vêm resolvendo seus problemas.

A referida lentidão do poder público, que teve dificuldades para recuperar e retomar os serviços básicos, como saúde e educação, e o medo crescente a cada chuva da população, tem feito com que esta população busque de alguma forma se prevenir contra futuras enchentes, fato este que foi constantemente salientado pelos entrevistados. Por isto, achamos necessário fazer uma análise sobre este fator.

5.5 O MEDO QUE PROVOCA REAÇÕES: O SEGUNDO ANDAR

Como vimos nas entrevistas e nas observações feitas, passado o primeiro momento, no qual as emoções tomavam conta e o consumo de bebida alcoólica parecia amenizar o sofrimento, a população atingida começou a verificar e contabilizar os prejuízos e, dessa forma, (re)planejar, (re)definir e (re)pensar o futuro. Entre as prioridades sempre está a retomada da rotina. Porém, neste momento, a dor da perda e todas as emoções vivenciadas durante a enchente voltam à tona e com elas a preocupação de que novamente voltem a ser atingidos. Por isso, muitas vezes antes de comprarem e adquirirem os bens que perderam durante o aumento das águas, planejam-se com objetivo de defenderem-se de uma próxima enchente e, dessa forma, evitar as perdas. O primeiro movimento e mais natural é a troca de residência, como apontado por alguns de nossos entrevistados.

> Muita gente tá mudando o endereço, quem pode se mudar eu vi muitas casas sendo colocada a venda após.
>
> (Rosana).

> Vi mudanças, pessoas mudando e vendendo casas, principalmente aqui na região, tem bastante pessoas querendo mudar daqui principalmente depois, com medo de ter outra igual.
>
> (Junior).

Esta fala é comum em muitos entrevistados e, também, pode ser observada facilmente ao andar por alguns bairros. Esta situação foi vivenciada por uma de nossas entrevistadas, que após convivência com vários alagamentos em sua residência própria, decidiu, depois de ser afetada novamente em novembro de 2008, morar de aluguel em um local que não sofre com esta situação.

> Mas, olha a minha tá lá, não consigo reformar, não tenho como. Tô pagando aluguel aqui, tô pagando as prestações dos móveis. Lá no bar tem uma dívida, paga o aluguel, sabe a gente não tem como, a gente não consegue sair daquilo, daí a casa tá lá, a única maneira é vendê-la, daí para vender querem

> me dar uma mixaria porque não tem muito valor, eu ainda tava com esperança de sair a rua ali atrás, se saísse a rua atrás ela ficaria com duas frentes e daria para gente aterrar e reconstruir e sair por lá, porque assim eu posso aterrar e reconstruir a minha casa, mas a cada chuva a rua enche, então tu ta trabalhando dá uma chuva daí para entrar em casa tu tem que arregaçar a calça e tirar o sapato, que nem o carro não entra.
>
> (Maria).

Além do problema da convivência com as enchentes, Maria também nos revela outro problema causado após a enchente dentro do município: o notório processo de reorganização do mercado imobiliário, que provoca modificações no valor dos terrenos e imóveis urbanos, conforme foram atingidos. Pois, apesar do município ter sido afetado em 90% do seu território pela água, a intensidade e altura da água foram diferentes nos diversos bairros e localidades.

Os bairros e loteamentos mais afetados no município que, em sua grande parte já eram os mais carentes de infraestruturas públicas, acabaram por ter os valores dos imóveis reduzidos, impossibilitando que muitas pessoas que queiram se mudar possam fazê-lo. Nesse caso, estes moradores vêm buscando uma alternativa para continuar morando nas suas casas e com segurança, bem como tentado garantir que uma nova enchente não os afetem e provoquem perdas, principalmente materiais e econômicas.

Percebemos um movimento dentro da cidade de verticalização das construções nestes bairros que foram bastante atingidos pela água. A solução encontrada foi levantar o segundo andar. Muitos destes “segundo andares” ainda não estão acabados, mas servem como um lugar seguro caso uma nova enchente volte a acontecer, um lugar para onde possam levar seus pertences:

> Mas tu luta, tu luta e vê que não tem como, e os outros ali em volta, as pessoas estão se prevenindo como, alteando o terreno e fazendo casa de dois andar.
>
> (Maria).

> Quem pode o que tá fazendo, construindo dois pavimentos para poder se proteger em cima, mudando de endereço.
>
> (Rosana).

> O povo tá fazendo casa em alguns lugares de dois andares, vê porque dentro do nosso município não tem terreno para as pessoas comprar e se mudar.
>
> (Mario).

> Já fica todo mundo de alerta. O que deu para perceber na cidade são muitas construções, muitos sobrados. Isso aconteceu. Qualquer chuvinha todo mundo já coloca as coisas para cima, se precavendo. Quem pode construiu pra cima e quem não pode fica bem alerta.
>
> (Susana).

> Se você passar agora por aqui você vai perceber que todo mundo tá construindo o segundo piso. Todo mundo tá. Mas eles também não estão preocupados em buscar licença na Prefeitura ou coisa parecida, levanto e pronto. Não precisa nem acabar, mas se vier.
>
> (Rodrigo).

> Depois da enchente tá todo mundo levantando a casa, quem pode. Quem não pode tá fazendo empréstimo no banco para tá fazendo isto, isso já é realidade neste bairro.
>
> (Fernanda).

Este movimento se deve ao fato de uma insegurança por parte do morador frente a possibilidade de uma nova enchente, preferindo prevenir-se. Situação agravada por não conseguir enxergar por parte dos poderes públicos, principalmente o municipal[23], uma iniciativa pró-ativa que evite e/ou amenize a ocorrência de uma situação igual a de 2008. Por esse motivo, este movimento de subir as casas está acontecendo, como demonstra a fala de Rodrigo. O segundo pavimento não precisa nem estar acabado, porém aquele espaço acaba por servir como "porto seguro" em caso de uma nova enchente.

Cabe ainda dizer que esta solução encontrada pelos moradores para evitar perdas de todas as ordens e para sentir-se mais seguro é uma solução que poderia também ser utilizada e incorporada pelo Poder Público Municipal, uma vez que os loteamentos populares ficaram todos submersos em 2008, demonstrando que é necessária uma modificação dos projetos destes loteamentos, principalmente nas estruturas das casas.

Porém, um dos entrevistados nos revela que a reação do segundo pavimento já ocorreu em outras épocas e que se trata de um fenômeno recorrente após uma enchente, tendo como principio básico a precaução.

---

[23] Cabe aqui o destaque de que ao participar de uma reunião da Secretaria de Habitação do município de Itajaí e ao levantar esta proposta, já que era algo que estava ocorrendo, a resposta dos responsáveis foi de que não era possível este tipo de intervenção, pois encareceria muito o valor da construção.

> Quando a gente construiu a casa, a gente construiu a casa com dois pisos, priorizando em baixo para poder morar, e continuou a construir pra cima, porque eu sabia que um dia, a última foi 92, passou-se um bom período.
>
> (Rodrigo).

Isto nos leva a considerar que a ocorrência do segundo pavimento nas construções dentro do município pode e deve estar relacionado aos fenômenos de enchentes periódicas, principalmente após grandes enchentes.

Há, também, um aquecimento na construção civil local, principalmente com a construção de edifícios. Esta atividade econômica já estava em ampla expansão em um período anterior à enchente. Mas, certamente, foi aquecida e estimulada no pós-enchente, pois são muitos os moradores que pensam ou estão se mudando para apartamentos em virtude da enchente de 2008, apesar de, muitas vezes, alegarem outros motivos, como segurança. Mas depois de um tempo de conversa acabam revelando que a enchente também pesa nesta decisão.

> A gente não consegue perceber uma mudança cultural nas pessoas que atravessaram este problema, o que talvez fica, talvez uma mudança na paisagem do município pós-enchente, pós 2008, não tenho esse dado para garantir com certeza, mas que é assim houve uma aumento na construção civil no município principalmente de prédios, não sei se foi devido a questão da enchente mas assim, se percebeu que se tem um número maior de construção de prédios, as construções verticais, ai eu não sei se isto está ligado, associado a questão da enchente para as pessoas morarem em lugares mais altos e tal para não pegar enchente. Não sei se esta associado a enchente esta construção maior de prédios da construção civil, mas me parece que tem alguma associação ai.
>
> (Neto).

Como destacado por Neto, não temos como precisar que estas construções e aquecimento da construção civil, principalmente de edifícios, esteja diretamente vinculados à enchente de 2008, porém o fato de se estar protegido em uma eventual enchente pode e deve pesar na escolha do local e da compra de um novo imóvel.

Como vimos neste capítulo, são muitas as emoções e sentimentos vivenciados em um processo de enchente, como solidariedade, medo, lembranças e outros. Chamou-nos a atenção, também, a criatividade no período do pós-enchente, no caso demonstrado com a construção do segundo andar, que traz à tona como certas experiências sociais podem e devem estar sendo incorporadas no âmbito da gestão pública.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como descrevemos ao longo desta dissertação, Itajaí é uma cidade em que as enchentes são recorrentes, fazendo parte de sua história e das memórias (escritas e orais) de seus moradores. Esta particularidade se deve ao fato do povoamento do atual município de Itajaí ter se estabelecido sobre uma grande planície de inundação. Estas características físicas e espaciais se, por um lado, permitiram o desenvolvimento de atividades econômicas e sociais peculiares (comércio, comunicação, atividades portuárias), por outro, fizeram com que algumas áreas do município tivessem que conviver com problemas, tais como: enchentes, inundações e enxurradas, sendo a enchente de 2008 apenas mais uma enchente nessa trajetória. No entanto, tudo indica que há mudanças no que tange às consequências das enchentes e nas formas como a ocupação do núcleo urbano vem acontecendo, ao longo das últimas décadas. Áreas que tradicionalmente estavam vazias, provavelmente por serem consideradas inóspitas e pouco propícias à ocupação, foram, nos últimos anos, transformadas em bairros, ruas ou mesmo áreas de depósitos de *contêineres*, muitas vezes pela iniciativa do próprio poder público, teoricamente aquele que deveria regular, ordenar e planejar o território. O caso do loteamento Jardim Esperança, construído em uma área denominada pelos moradores – sabiamente – de Brejo, é um dos exemplos mais claros desta situação. Tal exemplo traz, também, uma das conclusões desta pesquisa: a ideia de que os moradores e moradoras da cidade, particularmente os que pertencem às classes menos favorecidas, têm assumido para si, a seu modo e com os seus precários recursos, tarefas que caberiam aos planejadores públicos, como a de construir o segundo piso ou a de buscar alternativas de moradia em bairros historicamente menos afetados pelas cheias.

O que se observa, também, na cidade de Itajaí, é que a expansão da malha urbana e o incremento das atividades ligadas ao Porto não tem tido como contrapartida política um planejamento urbano que leve em conta as características ambientais da cidade e da região. Também podemos perceber que as medidas de prevenção têm sido bastante reduzidas a prazos curtos e em caráter de emergência, o que nos leva a

concordar com os autores que falam do uso político das enchentes - aspecto este que parece fazer parte da história da região do Vale.

Nesse sentido, consideramos que políticas de planejamento territorial que considerem de forma séria e numa perspectiva de longo prazo estas condições ambientais, bem como as formas como a população tem inventado para prevenir-se das próximas enchentes (ou remediar as perdas), deveriam, ao nosso ver, ser consideradas pelos órgãos públicos. Não podemos impedir que as enchentes continuem a ocorrer, mas podemos, certamente, amenizar os seus efeitos, particularmente quando trazem perdas humanas evitáveis e materiais, esta última para muitos (os mais pobres) praticamente irreversíveis.

Existem vários relatos escritos pelos colonizadores sobre as enchentes no Vale, que foram agravadas pela forma da ocupação socioespacial desta região, principalmente pela relação homem/natureza, enxergando as características ambientais sempre como um obstáculo a ser vencido.

Apesar de uma longa história de convívio com as enchentes, observamos no município de Itajaí poucos trabalhos desenvolvidos com esta temática, ao contrário da região de Blumenau, sobre a qual se concentram quase todos os trabalhos desenvolvidos sobre o tema. Claro está que as chuvas e enxurradas no Alto e Médio Vale se revestem de características sociais e ambientais distintas, motivo pelo qual acreditamos que a própria produção cientifica sobre a área tem recebido maior atenção. Entretanto, cabe destacar que nem mesmo esta significativa produção de estudos e relatório técnico-científicos desenvolvidos parece ter sido observada pelas políticas de planejamento do território, haja vista as trágicas consequências das chuvas de 2008 na região e as dificuldades, inclusive no que tange aos aspectos mais emergenciais e imediatos, como colocam os autores do livro *Desastres de 2008 no Vale do Itajaí: água, gente e política*, organizado por Frank e Sevegnani (2009). Chamou-nos a atenção o tom emocional e carregado de sentimentos de relatórios técnicos que foram escritos por especialistas e estudiosos do tema, feitos logo após 2008, e que nos revelam o fato de que estas pesquisas não têm sido levadas a sério pelos poderes públicos, a quem compete, formalmente, o dever de planejar e regular os usos do território.

Por outro lado, embora muitos relatos dos eventos sejam verdadeiros testemunhos (emocionados) das enchentes e/ou tragédias, ainda existem poucos estudos sobre as percepções e as experiências sociais da população no que tange às enchentes, como o que buscamos fazer nesta dissertação.

Ao trazerem à tona o medo em suas entrevistas, os atingidos demonstraram toda fragilidade e dificuldade que temos para agir em situações como a enchente de 2008. Ação que deve ser coordenada e contínua durante e após qualquer enchente. Mas, realmente chama a atenção o fato desta população não ter recebido nenhum tipo de acompanhamento neste período pós-enchente, pois se trata de uma medida mais do que necessária, um acompanhamento que considere aspectos subjetivos e que recupere as experiências e vivências dos atingidos.

Recuperar estas experiências inclui, a nosso ver, suas memórias, as histórias que ainda hoje circulam sobre estas enchentes e, também, as formas criativas com que vêm resolvendo seus problemas, que poderiam ser consideradas no planejamento e políticas públicas de todos os âmbitos dentro do município. Talvez o melhor exemplo seja o segundo andar, como demonstram os nossos entrevistados, que apontam uma solução no que se refere à habitação popular, pois durante a enchente de 2008 todos os loteamentos populares foram atingidos pela água, na sua grande maioria com alturas maiores do que um metro.

O trabalho de levantamento das condições físicas e socioeconômicas do Vale e do município de Itajaí contribuem para possibilitar um entendimento da recorrência histórica das enchentes nesta região. Mas, este trabalho contribui ao trazer um novo olhar sobre este fenômeno, a visão de quem vivenciou ativamente tudo que aconteceu durante e após a enchente de 2008.

Ao recuperar as memórias e as experiências sociais dos atingidos, percebemos que eles se moldam e se adaptam de forma criativa à situação da enchente. Porém esta adaptação não deve ser interpretada como um conformismo frente ao fato, mas sim como uma parte do caminho a ser percorrido com o objetivo de se promover mudanças profundas na forma como se vê, age-se e se pensam as enchentes no município de Itajaí.

REFERÊNCIAS

ADAMI, Saulo; ROSA, Tina. **Brusque**: cidade Schneeburg**.** Itajaí: S & T Editores. 2005.

AJUDE. **Jornal de Santa Catarina**, Blumenau, nov. 2008. Capa.

A PIOR CATÁSTROFE. **Jornal de Santa Catarina**, Blumenau, 26 nov. 2008. Capa.

A TRAGÉDIA NO SUL. **Revista Veja**, São Paulo, ano 41, n. 48, ed. 2089, 3 dez. 2008.

AUMOND, Juarês José et al. Condições naturais que tornam o vale do Itajaí sujeito aos desastres. In: FRANK, B.; SEVEGNANI, L. (Orgs). **Desastre de 2008 no Vale do Itajaí**: água, gente e política. Blumenau: Agência de Água do Vale do Itajaí, 2009.

BECKER, Berta. Políticas e Planejamento do Turismo no Brasil. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1. 2001.

BITENCOURT, João Batista. Cidades em movimento. In: BRANCHER, A. (Org.). **História de Santa Catarina**: estudos contemporâneos. Florianópolis: Obra Jurídica, 1999.

BLUMENAU, Hermann. Carta ao Imperador Dom Pedro II (30/04/1856). **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, tomo XL, n .3, mar. 1999.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras,1994.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades@**: Itajaí, 2009. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=420820>. Acesso em: 15 maio 2010.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2007**. Dados demográficos do município de Itajaí. Rio de Janeiro, 2007a.

BRASIL. Ministério das Cidades. **Mapeamento de Riscos em encostas e margens de rios.** Brasília: Ministério das Cidades, 2007b.

BRAUN, Priscila Dionara Krambeck; VIBRANS, Alexander Christian; PINHEIRO, Adilson. Desenvolvimento de um modelo de avaliação da capacidade de armazenamento de água na Bacia do Rio Itajaí-SC. **Revista de Estudos Ambientais – REA**, Blumenau, v. 10, n. 2, p. 32-44, jul./dez. 2008.

CARDOSO, Ruth C. L. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: CARDOSO, R. **A Aventura Antropológica**: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

COMITÊ DO ITAJAÍ. **Plano de Recursos Hídricos da Bacia Hidrográfica do Rio Itajaí**: Fase A - Diagnóstico e Prognóstico, 2006.

DELAUMEAU, Jean. **História do Medo do Ocidente.** São Paulo: Cia das Letras, 2005.

DUARTE, Renata Barbosa de Araújo. **Histórias de sucesso**: comércio e serviços. Brasília: Sebrae, 2008.

D'ÁVILA, Edison. **Pequena história de Itajaí.** Tubarão: Gráfica Dehon, 1981.

E SE FOSSE hoje? **Jornal de Santa Catarina**, Blumenau, jul. 2008. Capa.

FRANK, Beate. Uma história das Enchentes e seus ensinamentos. In: FRANK, B.; PINHEIRO, A. (Org.). **Enchentes na Bacia do Rio Itajaí**: 20 anos de experiências. Blumenau: Edifurb, 2003.

FRANK, Beate; PINHEIRO, Adilson. Obras de controle de cheias. In: FRANK, B.; PINHEIRO, A. (Org.). **Enchentes na Bacia do Rio Itajaí**: 20 anos de experiências. Blumenau: Edifurb, 2003.

FRANK, Beate; VIBRANS, Alexander Christian. Uma visão integrada da Bacia Hidrográfica. In: FRANK, B.; PINHEIRO, A. (Org.). **Enchentes na Bacia do Rio Itajaí**: 20 anos de experiências. Blumenau: Edifurb, 2003.

FROTSCHER, Meri. Blumenau e a convivência com as enchentes**. Geosul**, Florianópolis, v. 13, n. 26, p. 96-108, jul./dez. 1998.

FLORES, Maria Bernadete Ramos; CAMPOS, Emerson César de. Carrosséis urbanos: da racionalidade moderna ao pluralismo temático (ou territorialidades contemporâneas). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 267-296, 2007.

FUNDAÇÃO GENÉSIO MIRANDA LINS, 1939. **Itajaí, vista da enchente, 1939**. Acervo FGML/CDMH. Tombo 07.0887. Disponível em: <http://150anos.itajai.sc.gov.br/index.php?link=foto&tipo=1&pag=87&lista=9>. Acesso em: 06 jun. 2010.

FUNDAÇÃO GENÉSIO MIRANDA LINS, 1948. **Itajaí, enchente, 1948**. Acervo FGML/CDMH. Tombo 042.11059. Disponível em: <http://150anos.itajai.sc.gov.br/index.php?link=foto&tipo=1&pag=24&lista=3>. Acesso em: 06 jun. 2010.

FUNDAÇÃO GENÉSIO MIRANDA LINS, 1952. **Itajaí, enchente, 1952**. Acervo FGML/CDMH. Tombo 032.7170. Disponível em: <http://150anos.itajai.sc.gov.br/index.php?link=foto&tipo=1&pag=41&lista=5>. Acesso em: 06 jun. 2010.

FUNDAÇÃO GENÉSIO MIRANDA LINS, 1973. **Itajaí, enchente, 1973**. Acervo FGML/CDMH. Tombo 030.6837. Disponível em: <http://150anos.itajai.sc.gov.br/index.php?link=foto&tipo=1&pag=45&lista=5>. Acesso em: 06 jun. 2010.

HAAS-JUNIOR, A. A AMAVI e o “Projeto Resgate do Patrimônio Histórico”: identidade regional e a indústria do turismo Alto Vale do Itajaí - SC (2006-2009). In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 4., 2009, Maringá. **Anais...** Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2009. p. 3863-3864.

HERMANN, Maria Lucia de Paula et al. Frequência dos desastres naturais no Estado de Santa Catarina no período de 1980 a 2007. In: ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 12., 2009, Montevideo. **Anais...** Montevideo: Universidad de La República, 2009. p.1-13.

KRAISCH, Raquel; REFOSCO, Julio Cesar; VIBRANS, Alexander Christian. Estudo de comportamento espectral de alvos e análise multitemporal da região da foz do rio Itajaí - Santa Catarina. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO, 12., 2007, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Sociedade de Especialistas Latinoamericanos em Sensoriamento Remoto; Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, 2007. p. 5329-5336.

KONDER, Marcos. **A pequena pátria**. 2 ed. Blumenau: Tipografia e livraria Blumenauense, 1958.

KORMANN, Edith. **Blumenau**: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985). Blumenau: Ed. do Autor, 1995.

LAVINA, Rodrigo. Índigenas de Santa Catarina: história de povos invisíveis. In: BRANCHER, A. (Org.). **História de Santa Catarina**: estudos contemporâneos. Florianópolis: Obra Jurídica, 1999.

MADEIRA, Carlos Eduardo de Camargo; SILVA, José Bento Rosa da. **História da aduana em Itajaí.** Itajaí: Ed. Maria do Cais; UNIVALI, 2008.

MATTEDI, Marcos. **Enchentes em Blumenau**: um estudo sobre o comportamento do sistema político no período de 1983-1994. 1994. 142 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.

MATTEDI, Marcos et al. O desastre se tornou rotina. In: FRANK, B.; SEVEGNANI, L. (Orgs). **Desastre de 2008 no Vale do Itajaí**: água, gente e política. Blumenau: Agência de Água do Vale do Itajaí, 2009.

ORIGENS da cidade portuária do Vale: os primeiros moradores. **Diário Catarinense**, Florianópolis. 15 de jun de 2001. Caderno n. 2.

PIMENTA, Margareth de C. A. Cultura teuto-brasileira e a cidade industrial de Blumenau em Santa Catarina. **Dynamis**, Blumenau, v. 6, n. 24, p. 61-83, 1999.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAJAÍ. **Itajaí – Mapas – Área município**. Disponível em: <http://www.itajai.sc.gov.br/mapas.php>. Acesso em: 20 mar. 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAJAÍ. **Plano Diretor de Itajaí.** Itajaí, 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAJAÍ. Superintendência do Porto de Itajaí. **Histórico**. Itajaí, 2005. Disponível em: <http://www.portoitajai.com.br/institucional/historico.php>. Acesso em: 20 abr. 2010.

RÖRIG, Leonardo Rubi. **Usos múltiplos e qualidade da água do baixo Itajaí-Açu - SC**: elementos para um gerenciamento integrado. 312 f. Tese (Doutorado em Ciências

Biológicas) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.

SANTA CATARINA. **Bacias Hidrográficas de Santa Catarina**: Diagnóstico Geral. Santa Catarina: Secretaria do Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, 1997.

SCHETTINI, Carlos Augusto França. Caracterização física do estuário do rio Itajaí-Açu, SC. **Revista Brasileira de Recursos Hídricos,** Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 123-142, 2002.

SEIXAS, Cristiana Simão. Abordagens e técnicas de pesquisa participativa em gestão de recursos naturais. In: VIEIRA, P. F.; BERKES, F.; SEIXAS, C. S. (Orgs.). **Gestão Integrada e Participativa de Recursos Naturais**: conceitos, métodos e experiências. Florianópolis: Secco/APED, 2005.

SEVEGNANI, Lucia et al. Gente socorrendo gente. In: FRANK, B.; SEVEGNANI, L. (Orgs.). **Desastre de 2008 no Vale do Itajaí**: água, gente e política. Blumenau: Agência de Água do Vale do Itajaí, 2009.

SEVERINO, José Roberto. **Itajaí e a identidade açoriana**: a maquiagem possível. Itajaí: UNIVALI, 1999. 218 p.

SEVERO, Dirceu Luis. A meteorologia do desastre. In: FRANK, B.; SEVEGNANI, L. (Orgs.). **Desastre de 2008 no Vale do Itajaí**: água, gente e política. Blumenau: Agência de Água do Vale do Itajaí, 2009.

SILVA, Afonso Luiz. **Itajaí: de ontem e de hoje**. Brusque: Mercúrio, [197-].

SILVA, José Ferreira da. **História de Blumenau**. 2. ed. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1988.

SILVA, Zedar Perfeito. **O Vale do Itajaí**: o documentário da vida rural. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1954.

SILVA DIAS, Maria Assunção Faus da Silva. **As chuvas de novembro de 2008 em Santa Catarina**: um estudo de caso visando à melhoria do monitoramento e da previsão de eventos extremos. São José dos Campos: INPE, 2009.

SOUTO, Américo Augusto da Costa. Industrialização de Santa Catarina: o Vale do Itajaí e o litoral de São Francisco, das origens ao mercado nacional (1850-1929). In: BRANCHER, A. (Org.). **História de Santa Catarina**: estudos contemporâneos. Florianópolis: Obra Jurídica, 1999.

TACHINI, Mario. Alerta de cheias e a ação da Defesa Civil. In: FRANK, B.; PINHEIRO, A. (Org.). **Enchentes na Bacia do Rio Itajaí**: 20 anos de experiências. Blumenau: Edifurb, 2003.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRAGÉDIA NO SUL. **Isto É**, Rio de Janeiro/Brasília, n. 2039, 3 dez. 2008.

TUCCI, Carlos E. M. **Gestão das Inundações Urbanas**. Porto Alegre: Rhama, 2005.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

WAGNER, Andressa G. Custos da recuperação, contabilização dos prejuízos e impactos na economia regional. In: FRANK, B.; SEVEGNANI, L. (Orgs.). **Desastre de 2008 no Vale do Itajaí**: água, gente e política. Blumenau: Agência de Água do Vale do Itajaí, 2009.

WOLFF, Cristina Scheibe; RÉCHIA, Karen Christine. Mulheres de Santa Catarina: vidas de trabalho. In: BRANCHER, A. (Org.). **História de Santa Catarina**: estudos contemporâneos. Florianópolis: Obra Jurídica, 1999.

ANEXOS

ANEXO A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Idade:
Bairro:
Moradora (tempo):
Sexo:

Local da entrevista:
Escolaridade:
Religião:

1 Você poderia falar um pouco sobre o que aconteceu em novembro de 2008?
2 Você poderia contar algumas das situações mais marcantes durante este período que você vivenciou, viu ou escutou?
3 E como tem sido os meses posteriores a “enchente” (ou o termo que usar)? Fale um pouco, o que mudou no cotidiano da cidade. Como você vê estes fatos?
4 Você percebeu alguma mudança nas pessoas quando chove?
5 E sobre as doações e campanhas para auxiliar os atingidos? Você poderia falar um pouco sobre este fato?
6 Fale como você está vendo a recuperação da cidade?
7 Você acha que as pessoas estão se prevenindo de alguma forma? Como você e seus parentes tem feito? Você acha que as pessoas que viveram este evento mudaram alguma atitude ou forma de pensar?
8 Quais seriam as causas do evento (ou o nome que usar) que aconteceu em 2008? O que você acha das explicações que foram dadas?
9 Quais explicações que você concorda ou que você acha que não tem sentido?
10 Você teve alguma experiência similar a esta, vivida recentemente?
11 O que você acha que poderia e que deveria ser feito para prevenir novas situações como esta?
12 Como você vê a atuação do Poder Público e da Defasa Civil durante o evento? Fale um pouco sobre isto.

ANEXO B - TABELA DE CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Nome	Idade (anos)	Escolaridade	Religião	Profissão	Bairro	Estado Civil
Maria	55	Superior completo	Católica	Professora	Cordeiros, loteamento Jardim Esperança (popular Brejo)	Casada
Joana	50	Primeiro Grau	Católica	Auxiliar de Serviços Gerais	Espinheiros	Casada
Juliana	60	1º Grau Completo	Católica não praticante	Aposentada	Cidade Nova - Loteamento Promorar	Viúva
Junior	27	2º Grau completo	Batista	Auxiliar de escritório	Dom Bosco	Solteiro
Seu Zé	48	Superior completo	Católica	Professor	Centro	Casado
Rafael	25	2º Grau	Católica	Estudante	Centro	Solteiro
Rosana	26	Superior completo	Católica	Auxiliar de Escritório	São Judas	Solteira
Mario	51	2º Grau Incompleto	Testemunha de Jeová	Autônomo	São João	Solteiro
Daniela	60	1º Grau	Não informou	Aposentada	São João	Viúva
Elisa	32	Superior completo	Católica	Enfermeira	Cordeiros - Loteamento da Murta	Casada
Deise	29	2º Grau	Espírita	Desempregada	Cidade Nova - Loteamento Promorar	Divorciada
Susana	38	2º Grau	Mormon	Secretária	Dom Bosco	Divorciada
Fernanda	35	2º Grau	Espírita	Autônomo	Cordeiros, - Loteamento Jardim Esperança (popular Brejo)	Casada
Rodrigo	40	2º Grau	Espírita	Autônomo	Cordeiros - Loteamento Jardim Esperança (popular Brejo)	Casado
Neto	29	Superior completo	Católico	Professor	Cordeiros - Loteamento da Murta	Casado